



FPT /

84

160977

2

HISTORIA  
D A  
VIDA, CONQUISTAS,  
E RELIGIÃO  
D E  
MAFOMMA,  
E DO GOVERNO CIVIL, E MILITAR

D O  
IMPERIO OTTOMANO;  
Dos empregos, e funções religiosas, e de  
algumas particularidades curiosas do  
mesmo Imperio da Turquia,  
C O M P O S T A  
PELO BACHAREL  
JOÃO JOSE' PEREIRA.



LISBOA:

NA OFFIC. DE SIMÃO THADDEO FERREIRA.  
ANNO M. DCC. XCI.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Ge-  
ral sobre o Exame, e Censura dos Livros.*

---

*Vende-se em casa de José André Dubiê e Loup,  
Mercadores de livros na rua direita de N. Se-  
nhora dos Martyres.*



P R O L O G O  
A O L E I T O R.

**S**ÃO diversos os acontecimen-  
tos , que a pezar nosso con-  
tribuem em parte, ou em to-  
do para nossa ventura : a Provi-  
dencia , a sábia Providencia rege  
os factos do mundo como lhe praz,  
e cujo fim he ordinariamente des-  
conhecido ao homem : se este se  
sabe aproveitar da Misericordia do  
Senhor, muitas vezes debaixo de  
apparencia de males : venturoso  
he ; se pelo contrario , elle mesmo  
se faz mais digno delles , e os  
realiza em sua perdição, e desgra-  
ça. Hum inesperado successo , e  
que á primeira vista parecia lasti-  
moso , me arrojou á Capital da Tur-  
quia : bem sabes , Amigo Leitor ,  
\* ii que

que te fallo de Constantinopla : estranho de huma Nação inculta , sem apoio de amigos , de parentes , sem meios de subsistir , milhares de vezes perplexo hesitei sobre o meu destino ; mas quando me julguei de todo desamparado , então me achei favorecido , e os pesares que até alli denegrião minha alma , forão dissipados , e nella se restabeleceo minha antiga alegria pela aquisição de meio facil não só de subsistir na Capital , mas ainda de transitar por todo o Imperio Ottomano : permitti que mais me não demore na narração desta digressão , nem das suas circumstancias , pois necessario não he , nem vos pôdem interessar as aventuras , ou historia de minha vida. Vendo-me pois desafogado , vião meus olhos , e ajuizava eu de diferente

ma-

maneira : o tempo de minha residencia foi affaz bastante para satisfazer minha curiosidade , a qual me tinha determinado para minha instrucção , e recreio ; o effeito que ella produzio , he o que te offereço neste pequenino volume , nelle acharás o que mais convém , e he licito saber ácerca daquelle Imperio , da Vida , Conquistas , e Religião do falso Profeta Mahomet : mais poderia dizer , a decencia , porém , e decóro da nossa linguagem , e Nação , a Santidade , e Piedade da nossa Religião não permitem que indistinctamente se escrevão , e cheguem á noticia de todos os Christãos muitas cousas que omitti. Para compor esta obra , que , quando me retirava , principiei em Italia , aonde me demorei algum tempo , não tinha ainda lido o Al-

corão , pois me era vedado em quanto assisti na Turquia : não ignorava de todo a Religião dos Turcos ; mas não tinha sufficiente instrucção para escrever a sua historia. Foi em Italia que então consultei a edição de André Arrivabeno , a qual está escripta naquelle mesmo idioma , e he melhor que a de Ryer ; e não contente com esta lição , li tambem a de Maracci dada ao prélo em Arabe , e Latim : esta ultima merece os applausos de todos os Eruditos , e della foi que mais me servi para supprir a algumas cousas que ignorava. Depois me veio á mão o Alcorão escripto , e annotado em Francez por Sale , pouco porém me utilizei delle.

He pois , Amigo Leitor , de que te posso informar , para que

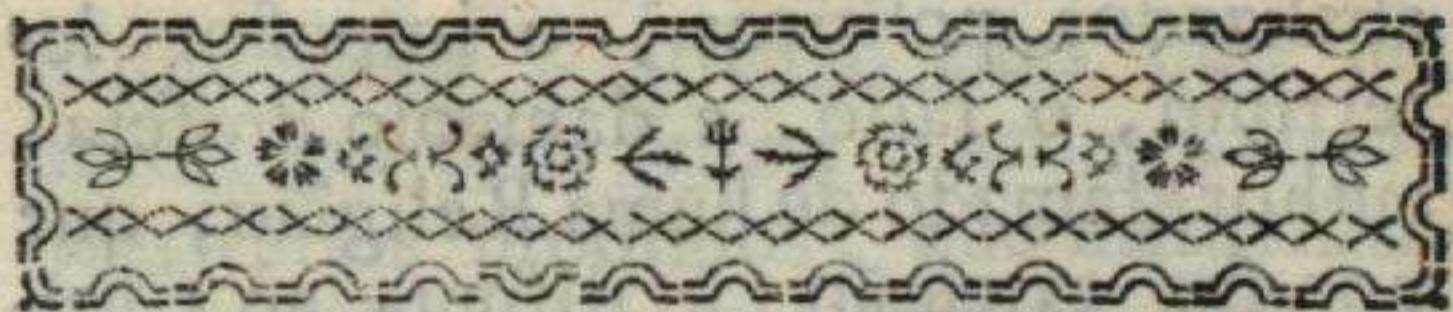
conheças que desveladamente me empreguei em te dar huma noticia, que, ao mesmo tempo que te instruires, e recreares, terás muito de que te maravilhar, e não menos que commentares. Não sejas leve em crer, nem facil em motejar; e se depois de maduro exame quizeres sentenciar, faze-o, mas ouve-me primeiro, porque eu protesto-te que, ou seja a respeito da materia, ou da fórma desta obra, me hei de sujeitar á verdade, e á razão de admiravel maneira, e com a sciente docilidade, que nasce do conhecimento, que o homem deve ter de que está mais propenso a errar, que a acertar.

Vale.

HIS-

conhecidas que deves abastardar-me  
 empregar-se em se dar-huma noticia  
 que se ao mesmo tempo que se in-  
 stancia e recitadas, todas as  
 de que se manifestar, e nao de-  
 nos que conhecidas. Não das  
 leve em esta, nam facil em mone-  
 jar; e se depois de mado  
 me quizes fazerem, faze o  
 nos que se fizesse, porque eu  
 puzo se que, e se se  
 da guerra, ou da guerra  
 obra me hei de fazer a vinda  
 de, e a razão de admissões  
 nome, e com a seguinte  
 que não do conhecimento, que  
 o mesmo deve ser de que  
 prozulo a terra, que a terra

His



HISTORIA  
DA VIDA, CONQUISTAS,  
E RELIGIÃO  
DE  
MAFOMA.

---

CAPITULO I.

*Da Vida, e Conquistas de Mafoma.*



MAFOMA, ou Mahomet, cuja vida, e acções escrevo, que de fraco negociante veio a ser o Monarca da Arabia, e o Fundador de hum vasto, e florecente Imperio, cujas ruinas formárão tres Monarquias poderosas: aquelle vasto genio, que sem o soccorro das Sciencias humanas, offuscou a gloria dos mais

A

aba-

abalizados politicos ; o impostor le-  
 terrimo , o falso , e damnoso Profeta ,  
 author afamado de huma Religião , que  
 por sua extensão a disputa ao Chri-  
 stianismo : aquelle destruidor de tantos  
 Reinos , que ensopou a terra de san-  
 gue , e que procurou destruir todas  
 as luzes , e verdadeiras noções , que  
 os homens seus predecessores tinham  
 adquirido. Este monstro , este malvado  
 nasceo em Meca , cidade da Arabia ;  
 seu dia natalicio não se sabe de cer-  
 to ; ainda que he provavel que elle  
 víra a luz do mundo em nove de  
 Abril de 572 da era vulgar de Jesu  
 Christo , e que fôra filho posthumo  
 de Abdolach , seu legitimo pai ; a in-  
 certeza do parto de sua mãe viuva  
 Eminach , ou Amena , confronta com  
 a do seu nascimento , vil , e abjecto ,  
 segundo a opinião mais corroborada :  
 dizem huns que elle nascêra dous ,  
 outros dez mezes depois da morte de  
 seu pai ; e querem alguns que dous  
 annos depois do seu nascimento mor-  
 resse Abdolach , o que não obstante  
 tanta contradicção entre os mesmos

Mu-

Musulmanos , attestão estes que seu horoscopo fôra feliz , e acompanhado de diversos prodigios , que maravilhã-  
 rão grande parte do mundo. Sua infancia he tão obscura como sua origem ; e o mais verosimil he que Abdol-Motalleb , seu avô paterno se vio obrigado a tomar cuidado da mãi , e do filho , cuja subsistencia , como a de toda a mais familia , estava dependente do ganho da carretagem de poucas bestas que trazia na estrada. (\*)

A ii Ab-

---

(\*) Os AA. e os mesmos Mahometanos não acertão com o determinado dia do nascimento de Mafoma ; sabe-se que nasceo entre o anno 569 , e 572. A vulgar opinião dos Mahometanos he sobejamente honrosa , e favoravel ao seu Profeta , e não falta quem , seguindo a errada tradição , e escrevendo a sua vida , falle deste modo. Mahomet nasceo em Meca , cidade da Arabia , no primeiro dia do mez de Maio do anno de Jesu Christo 571. Era da Tribu dos Koraiquitas , que se julgava a mais nobre daquelles póvos , e oriundo dos primogenitos de Pher-Korayb seu primeiro fundador : seu pai chamava-se *Abdolach* , e sua mãi *Amena*.

Ainda que de tão illustre geração , passou seus primeiros annos em abatimento , porque tendo perdido seu pai na idade de dous an-

## 4 HISTORIA DA VIDA

Abdol-Motalleb entregou Mafoma a certa mulher chamada Halimah para

---

nos , toda a authoridade , e haveres de sua familia , passárão para seus tios , e mórmente para *Abu-Taleb* , que pelo decurso do tempo chegou a governar Meca como Soberano , e cuja protecção lhe servio para divulgar suas imposturas , e para o defender de todos os seus oppositores.

Viveo com sua mãi até á idade de oito annos , em que ficou orfão , e que então seu avô tomou conta d'elle ; mas , morrendo este no anno seguinte , seu tio *Abu Taleb* se encarregou d'elle , e instruiu seu sobrinho para , como elle , ser negociante , e o mandou á Syria com seus camellos.

Quando porém elle estava com os emissarios de seu tio na praça pública de Bosra , querem os AA. Mahometanos que certo monge illustrado lhe visse a cabeça vibrando raios de luz de brilhante resplendor , donde conjecturou , e prognosticou que tempo viria em que Mafoma havia de ser Profeta : porém isto he descarada mentira ; porque elle não conheceo semelhante monge senão passados muitos annos.

Esteve á obediencia do tio até á idade de vinte e cinco annos , tempo em que morrendo hum dos principaes da Cidade , ficárão muitos bens á Cadija sua mulher , a qual chamou Mahomet para ser seu feitor , e tres annos depois casou com elle aos vinte e oito

ra o crear, em cuja casa se conservou até á idade de seis annos. Pouco depois o mandou seu avô com outros rapazes guardar os rebanhos communs da cidade, e comfigo levava as rusticas, e pobres provisões, de que tinha necessidade para alguns dias: dormia ao relento, conforme o ordinario costume da Arabia, aonde na mais tenra idade se avezão os homens a supportar o calor, e a pouco alimento para sua nutrição. Mafoma tendo sido creado desta maneira os primeiros seis annos de sua idade, entregou-se sem custo aos mais violentos exercicios debaixo do governo de seu tio Abu-Taleb. Era este hum caçador destemido, que effectivamente hia atacar nas montanhas os animaes mais ferozes. Tal foi a escola, em que Mahomet formou a sua mocidade. Se-

me-

---

de idade do falso Profeta. Tendo por esta causa fobeja opulencia, e vindo a ser hum dos mais poderosos da Cidade, sua ambição lhe inspirou a soberania de seus avoengos, e de que elle não tinha sido privado senão por haver ficado orfão.

## 6 HISTORIA DA VIDA

melhante educação produzio nelle vigor infatigavel, grande conhecimento dos cavallos, e dos camêlos, rarissima habilidade para os governar, e fobeja destreza para disparar frechas, e manejar o fabre, e a espada.

Foi desta sorte que Mafoma aprendeo a soffrer os trabalhos da guerra, e principiou desde logo a pôr-se em estado de poder executar os vastos, e facinorosos projectos, que sua depravada ambição ao depois lhe inspirou.

Já varão, aos vinte annos de idade querendo tentar fortuna, aggregou-se ás caravanas, que negociavão de Meca para Damasco. Nenhum lucro de seu negocio tirou nas diversas jornadas, que emprehendo; mas alcançou luzes, e conhecimentos, que convertêrão as noções de hum caçador, ou negociante nas de hum homem de Estado, e de hum astuto Legislador.

Tendo pois tido occasião de hir negociar á Persia, estudou os costumes de seus povos, e instruiu-se particularmente do modo, por que elles fazião

a guerra. Conhecendo os abusos, que alli se tinham introduzido no Governo; conjecturou que aquella Monarquia, tão poderosa em outro tempo, não poderia ser de longa duração. Depois de haver examinado bem a Persia, passou á Syria, e poz maior cuidado em instruir-se da disciplina militar, do governo Politico, e Religião de hum povo tão poderoso, e de tão famosa reputação como os Romanos: mas pasmou de ver que Imperio tão gabado, e de tanta celebridade, já não era mais que sombra, ou escura apparencia do que antigamente fôra. Talvez que desde então formasse elle o delignio de reunir os Arabes, e de os empregar na reunião daquelles dous Imperios, para quem olhava com desprezo, e já sem temor.

Finalmente nas digressões, que fez pelo Egypto, Palestina, e Syria, teve meios consentaneos de conhecer os Christãos, e os Judeos; e vendo que todas as Religiões daquelles povos estavam divididas em diversas feitas,

## 8 HISTORIA DA VIDA.

concluiu absoluta , e abertamente que não haveria cousa mais propria para alliciar partidistas , e formar corpo do que inventar huma nova Religião.

Julgou que os habitadores de Mecca estavam tanto mais bem dispostos para receberem de boamente huma tal mudança , quanto feu commercio , e frequentes conversações com os Christãos lhes tinha já feito sacudir o jugo da estúpida idolatria , a que até outro tempo estiverão sujeitos : mas então tinham trocado o Paganismo pelo *Zeudicismo* ; erro muito aproximante dos Saduceos entre os Judeos , os quaes negavão a Providencia , a Resurreição , e a vida futura.

Eis-aqui porque ao depois forcejou em idear huma especie de Religião , que fizesse fortuna entre os Arabes , e ordenou o plano da sua impostura , á qual os attrahio ; e que sendo huma miscellanea do Judeismo , das heresias Christãs Orientaes , e do antigo Rito Pagão dos Arabes , junto ao uso de todos os deleites dos sentidos , enchia assáz bem o seu objecto ,

cto, para não deixar de alistar em seu partido huma Nação barbara, e a quem a mesma região, e clima alimentava a concupiscencia.

Ultimamente chegando a Meca na idade de vinte e oito annos, sem ter tirado de suas caravanas, e digressões mais lucros que os conhecimentos, que tinha adquirido, ahi granjeou sua fortuna. Huma viuva, por conta de quem elle fizera algum commercio em tempo de suas caravanas, e a quem dera sempre suas contas tão exactas, como desinteressadas, deo sobrejo valor, e avaliou em muito os sentimentos de hum homem, a quem parecia que a adversidade não perseguira senão para tornar mais brilhante a sua fidelidade. Mahomet estava então na flor da sua idade, e ainda que sua estatura não era extraordinaria, com tudo o ser bem apessoado, sua physionomia alegre, a esperteza de seus olhos, a gravidade, e modestia do seu comportamento, fizeram tal impressão no coração de Cadija, tal era o nome daquella viuva, que ella se de-

determinou a elejello para seu esposo, e a dar-lhe preferencia entre muitos Arabes, que anciosamente a procuravão. Contrahido o matrimonio, logo ella lhe fez doação de todos os seus bens, e riquezas. Mafoma se entregou inteiramente ao gosto, e satisfação de sua consorte, e já mais houve marido, que se mostrasse tão meigo, e carinhoso para sua mulher, nem que mais attento fosse ás suas inclinações, e desejos. Cadija tambem não cuidava senão em fazer a felicidade daquelle, a quem, havia pouco, tinha dado a mão, e entregado o seu coração.

Continuando a viver sempre em invejada harmonia, morreo Cadija ao fim de sete annos tendo-lhe precedido a morte de cinco filhos, que tivera de Mahomet, tres dos quaes forão varões, e duas femeas. Grandissimo foi o sentimento de Mafoma na perda de sua esposa, e de seus filhos; mas como amava extremosamente as mulheres, o impulso violento de sua concupiscencia o obrigou outra vez a casar. Suas avultadas riquezas, a boa re-

reputação, e singular capacidade, que tinha para o negocio, o puzerão em termos de poder fazer escolha de nova conforte. Lançou pois os olhos sobre huma das filhas de *Abdallach*, appellidado, *Abube-Kero*, o qual era huma personagem de Meca. Tendo pois Mahomet passado a novas nupcias, não encontrou neste segundo conforcio a mesma doçura, e prazer, que encontrára no primeiro. *Aiesha*, ou *Ayeza*, que assim se chamava a filha de *Abube-Kero*, lhe motivou muito pezar, e aborrecimento por seus momos, presumpção, inconstancia, e por suas intrigas. Para haver de se consolar, se aproveitou da permissão, que concedião as leis da Arabia na poligamia; e talvez que a mesma dissolução, e idolatria carnal lhe desse novo calor á sua estragada imaginação, para lhe tornar facil, e certo a execução do antigo plano de Religião, que havia projectado, como dissemos, a final de suas digressões, quando se retirava para Meca.

Este homem, que até agora temos  
vis-

visto debaixo do aspecto de hum cidadão pacifico, occupado unicamente do manejo, e interesse do seu commercio, e trafico mercantil, ou dos deleites, e passatempos, que produz a companhia de hum sexo amavel, passa agora a ser visto como impostor malefico, que se diz ser inspirado do Ceo, e que emprega o ferro, e fogo para constrianger os povos a receber sua doutrina.

Determina-se em fim a pesquisar os meios de executar o mais audaz, e temerario projecto, que o entendimento humano podia conceber. Como porém não podia principiar pregando logo contra a idolatria, que elle mesmo havia praticado, como os outros, nem constituir-se em reformador, e tomar o caracter de Profeta, sem ter emendado muitos defeitos, e mudado de procedimento, mórmente sendo constante que elle tinha tido muito má vida; aos trinta e oito annos de idade principiou a affectar a vida ermitica, hindo passar os dias sem interrupção em huma furna, ou cova  
so-

solitaria, que estava perto da Cidade, e na qual, dizia elle, que o seu exercicio era a oração, o jejum, e a mortificação: alguns suppõem que naquelle lugar tivera elle conferencias com os que lhe ajudarão a compôr o seu Alcorão.

Antes de fazer pública sua doutrina, e de prégar os dogmas, que queria estabelecer, fez toda a diligencia para fazer profelitos seus os de sua propria familia: sua mulher foi a quem primeiro sollicitou; e para este effeito, quando á noite se recolhia, lhe fallava sempre das visões, que tivera, e das vozes desconhecidas, que ouvira no seu retiro. Mas ella reputava suas narrações como vãos fantasmas de huma imaginação abrazada, ou como illusões diabolicas; o que causando muito desgosto, e frenesi em Mafoma, para melhor a persuadir de sua impostura, lhe revelou, como por mysterio, e final de estimação, que elle tinha conversado com o Anjo S. Gabriel, o que ainda assim não foi assáz para a reduzir á cren-

crença de suas mal intencionadas asserções, porém só para a capacitar de que seu marido estava de todo visionario.

Como o maligno Impostor encontrasse tão tenaz resistencia naquella mesma, que elle esperava ser a primeira convertida por suas historias apochrifas, e mentirofas, foi obrigado a subornar certo Monge fugitivo, de quem ao depois fallaremos, e ao qual fez bom agasalho em sua propria casa para a convencer, e cathequizar. Teve este o malicioso artificio de a persuadir de que tudo que seu marido lhe havia dito era verdade; e outro si que elle era chamado para o estado profetico, e por tanto ella foi o primeiro profelito da sua impostura.

Tendo pois passado dous annos em retiro, julgou que sua reputação de Santidade estava sobremodo confirmada para o seu designio; e aos quarenta annos de idade entrou a arrogar a si o titulo de Apostolo de Deos, e a propagar suas imposturas; mas isto foi muito em segredo nos quatro primeiros

ros annos, e sómente entre aquelles, que erão mais do seu conhecimento, e de quem mais se fiava.

Depois de convertida sua mulher, seduzio seu primo *Zai-Ebuareto*, que ao depois foi seu genro, e seu Apostolo; a *Abube-Kero* seu sogro, a quem em hum dos instantes do seu enthusiasmo exclamou de hum modo, como o poderia fazer hum homem inspirado. Representou a *Abube-Kero* que as desgraças da nação Arabe não tinham outra origem que a corrupção do culto de Deos; que cada familia, e cada particular prostituição seus incensos a vãos idolos; e que esta abominação tinha penetrado até o lugar santo. Este discurso fazendo vivissima impressão no animo de *Abube-Kero*, foi quem ao depois o resolveo a abraçar a sua doutrina. Tentou seu escravo *Zaid*, promettendo-lhe a liberdade, a qual francamente lhe deo, assim que se determinou a ser seu sectario. Desde então ficou por lei dar alforria aos escravos, logo que abração o Mahometismo.

Como porém no decurso dos quatro annos seguintes fizesse tambem oito , ou nove profelitos das pessoas mais distinctas da cidade , animou-se a pregar publicamente sua impostura ao povo de Meca , e declarou abertamente que elle era hum Profeta enviado de Deos , para os tirar dos erros do Paganismo , e lhes ensinar a verdadeira Religião. Dizia que ella não era nova , mas sim a mesma , que Deos dera nos principios do mundo a Abrahão : que sendo perdida pela corrupção do mundo velho , Deos a tinha revelado a Abrahão , o qual a ensinára a seu filho Ismael , seu ascendente : que estabelecendo-se este na Arabia a tinha igualmente ensinado aos homens , qual a tinha recebido de Abrahão ; mas que a sua posteridade depois disto a corrompêra , e mudára em idolatria ; e que Deos o enviava naquelle tempo para destruir esta , e restabelecer a Religião do seu Patriarca Ismael.

Affirmava que elle recebia todas as suas revelações do Anjo S. Gabriel  
que

que Deos expressamente lhe enviava para lhas inspirar, ou communicar: valia-se astuciosamente do seu mal caduco, ou accidentes de Epileptia, a que estava sujeito para confirmar a opinião do seu commercio com Deos: queria capacitar os Arabes de que tudo o que elles vião no tempo dos accessos daquelle achaque, erão extasfis divinos, e que então o Anjo vinha da parte de Deos imprimir-lhe novas revelações; que suas convulsões erão effeito das vivissimas impressões da gloria, e resplandor daquelle santo Ministro da Divindade.

Para vermos de que modo Mahomet empregava seus talentos naturaes na seducção daquelles povos barbaros, eu relataréi alguns de seus discursos, de que supprimirei muitas repetições molestas, e enfadonhas, e certos factos que commummente não escapão a quem tem ratificado seu entendimento por hum estudo methodico. Eis-aqui pois a maneira de fallar do malicioso impostor. » Cidadãos da Me-

„ ta do uso, que tendes feito da vof-  
 „ sa razão, e do vosso valor. Debal-  
 „ de recebestes vós estas prerogativas  
 „ de hum Deos todo poderoso, libe-  
 „ ral, e bemfeitor, senão usastes del-  
 „ las, como cumpre aos homens. Eu  
 „ vos aviso da parte do mesmo Supre-  
 „ mo Senhor. Eu estou novamente en-  
 „ carregado da sua Divina legação,  
 „ para vos dizer que elle já não quer  
 „ tolerar que abuseis de seus dons pre-  
 „ ciosos, empregando-os sómente em  
 „ divertimentos indignos de sua ef-  
 „ fencia, e benigna Magestade. Não  
 „ deixeis jámais distrahir vossas al-  
 „ mas, nem embeber vossos corações  
 „ em prazeres imaginarios. Abri vof-  
 „ so entendimento para receber a ver-  
 „ dade. Mas por ventura este homem,  
 „ que vos falla, não he hum homem  
 „ qual vós sois? Vindes vós ouvir  
 „ as extravagancias, e quiméras de  
 „ algum sonho; rimados versos de  
 „ engenhoso Poeta, ou ridiculas nar-  
 „ rações de antigas, e apochrifas his-  
 „ torias, insensato recreio de velhas,  
 „ e de meninos? Esperais de mim  
 „ mi-

„ milagres , ou prestigios ? Homens  
 „ Arabes , ouvi : O Deos , que em mim  
 „ vos falla , he quem fez o Ceo , e  
 „ a terra , he Omnisciente , e nada  
 „ ignora. Conhece o fundo de vossos  
 „ corações : Dizei-lhes , Profeta , (\*)  
 „ que em todas as cidades , sobre que  
 „ descarreguei os tremendos golpes  
 „ de minha justiça , e todas as sortes  
 „ de desgraças pelos crimes de seus  
 „ habitantes , nunca lhes enviamos  
 „ para os converter senão homens , a  
 „ quem illuminámos pela revelação.  
 „ Dizei-lhes que interroguem as fa-  
 „ milias da Lei , e do Evangelho , e  
 „ que aprendão , e saibão que aquelles  
 „ enviados não forão Anjos , nem  
 „ homens , que vivessem sem comer.  
 „ Não forão eternos sobre a terra , e  
 „ não vivêrão mais tempo que o que  
 „ lhes estava decretado. Dizei-lhes :  
 „ B ii „ quan-

---

(\*) Estas , e outras semelhantes expres-  
 sões são muito communs no Alcorão , e são  
 aquellas , com que Mafoma queria capacitar  
 os que o ouvião de que não era elle quem  
 fallava , mas que o espirito de Deos o trans-  
 portava.

„ quantas cidades injustas , e iniquas  
„ não temos nós feito perecer , em  
„ cujos lugares fizemos introduzir ou-  
„ tras gerações ? Quando aquelles pó-  
„ vos experimentarão o rigor do nos-  
„ so castigo , promptamente elles des-  
„ ampararão os sitios que lhes pa-  
„ recião tocados da nossa cólera :  
„ mas dissei-lhes , que então os Anjos  
„ zombavão delles. Não apresseis vos-  
„ sa fugida , filhos da iniquidade ,  
„ voltai para vossa patria , e para  
„ vossos lares. Antes de vos punirem ,  
„ vos hão de chamar a juizo. Oh !  
„ que desgraçados que somos , re-  
„ spondêrão elles , nós não fomos tão  
„ perversos , como nos accusão &c....  
„ Dissei-lhes se tiramos do *nada* o  
„ Ceo , e a terra , e tudo o que em  
„ si comprehende por zombaria , ou  
„ divertimento odioso , sem attenção  
„ á verdade , e á justiça ? Faze , Pro-  
„ feta , desvanecer a mentira , faze des-  
„ apparecer a vaidade , fere-os com  
„ milhares de golpes ; as frechas sup-  
„ primão , e tomarão o lugar da ver-  
„ dade ; estas são as armas , que te  
„ met-

„ metteremos nas mãos. Dizei-lhes :  
 „ que desgraçados que sois pela fal-  
 „ sa idéa , que tendes de Deos. Os  
 „ Ceos , e a terra são obra sua , e  
 „ nada , do que em si incluem , dei-  
 „ xou ainda de ser fiel aos seus pre-  
 „ ceitos. O Sol , e os Anjos não re-  
 „ cusarão sua obediencia. Elles não  
 „ tem invocado outros Deoses da ter-  
 „ ra para resuscitarem os mortos. Ci-  
 „ dadãos ! não vêdes vós que se  
 „ houvessem muitos Deoses equipoten-  
 „ tes se destruirião mutuamente. Mas  
 „ louvores a Deos , Senhor da Gloria :  
 „ elle he unico , e ninguem lhe pe-  
 „ dirá conta da sua vontade , nem  
 „ do uso do seu poder : elle he quem  
 „ ha de julgar os homens ; e lhes  
 „ ha de perguntar a razão , por que  
 „ tiverão o arrojo , e temeraria oufa-  
 „ dia de formarem Deoses para si  
 „ mesmos. Esta advertencia , que vos  
 „ faço , he semelhante á dos Profetas ,  
 „ que vierão antes de mim. Não ha ou-  
 „ tro Deos senão Deos , e só a elle he  
 „ que vós deveis adorar... Quanto a  
 „ vós , Arabes , não sois senão hum po-

„ vo ; eu não sou senão hum Deos  
 „ vosso Senhor , e vós a ninguem de-  
 „ veis fervir senão a mim. Os Chri-  
 „ stãos , e os Judeos tem dividido a  
 „ sua fé , e ácerca disto eu lhe farei  
 „ rigoroso juizo no derradeiro dia ;  
 „ dia terrivel ! em que os máos se-  
 „ rão chamados das trévas , não para  
 „ viverem como da primeira vez so-  
 „ bre a terra , mas para serem ti-  
 „ ções do Inferno em lugar tão pro-  
 „ fundo , que seus medonhos , e te-  
 „ merosos gemidos , e gritos não se-  
 „ rão ouvidos em nenhuma parte por  
 „ creatura alguma. „

O effeito deste discurso foi a per-  
 suasão de sinco ouvintes novos , que  
 Abube-Kero tinha trazido á presença  
 do pertendido Profeta. Excitado por  
 este successo animou-se a fallar em  
 público ; primeiramente dogmatizando  
 em casa , aonde os curiosos o ião ou-  
 vir ; depois exclamando , e fazendo  
 suas missões pelas praças , e lugares pú-  
 blicos da cidade , e finalmente debai-  
 xo do portico do Templo , aonde os  
 peregrinos , e devotos se achavão em  
 grande número.

Os

Os principaes argumentos, de que se servia para chamar os homens á crença de suas imposturas, são promessas, e ameaças, como mais capazes de os mover. Suas promessas, e premios futuros, são principalmente hum paraíso sensual, que elle imaginára, e descrevia com tanta astucia, e manha, que todos os deleites, e delicias mais appeteciveis, e mais conformes ao gosto, e inclinações dos Arabes se encontravão nelle abundantemente: taes como mulheres sempre juvenis, e formosas, rios, e regatos agradaveis; saborosas, e frescas bebidas; jardins deliciosos, e sombrios de copadas arvores, fragante cheiro, e encantadora symetria; frutos de exquesito, e desconhecido gosto; a posse eterna de todos os prazeres, e deleitações, que captivão, e transportão os sentidos. Com a mesma manhosa arte construiu o seu Inferno, e o fez consistir em castigos, e penas, que lhe parecião as mais atormentadoras, e difficultosas de soffrer, e com as quaes ameaçava todos os que

nãõ

não querião crer nelle. Vinhão a ser seus supplicios; não beber senão agua fervendo, e fétida; não respirar senão hum ar em summo gráo quente, e abrazador; estar sempre experimentando o effeito de continuado fogo, e rodeado de espesso fumo negro, quente, e salgado, que lhe servia como de cobertura; não comer mais nada que cardos, espinhos, filvas, e o fruto da arvore, *Zacão*, que ficaria fervendo no seu corpo, como o pez no fogo; e outras ridicularias semelhantes.

Para que nada faltasse a seu systema, unia áquelles motivos as ameaças de penalidades, e condemnações severas tanto nesta vida, como na outra, se elles o não quizessem ouvir, e crer. Para este effeito lhes estava representando a todo o instante a terrivel destruição de todos os póvos que não quizerão ser instruidos pelos Profetas, que lhes precederão: que o antigo mundo fora destruido pelo diluvio; Sodoma pelo fogo; os Egypcios pela peste, e pela agua por terem

rem desprezado , e desobedecido a Noé , Loth , e Moysés , bem como *Ad* , e *Thamod* , duas antigas Tribus dos Arabes , que elle inventava que tinham sido destruidas pela mesma causa.

Mas debalde se cançava o falso Profeta no principio de suas ímpias missões públicas. Gostava-se sim de o ouvir , porque dizendo cousas novas , publicava historias estranhas , e fazia narração dellas de huma maneira agradavel : mas as pinturas , que elle fazia do Paraíso , e do Inferno , commovião pouco os ouvintes. Pouca gente attrahio então ao seu partido ; mas todavia bem conheceo que suas opiniões não deixavão de se espalhar , e de fazer impressão nos animos dos seus compatriotas. Senão chegou a termos de os subjugar inteiramente , ao menos acertou derramando escrupulos em suas consciencias , e em lhes inspirar o amor da liberdade , e aversão aos estrangeiros.

Mafoma depois de muitas , e frequentes prégações , não contava no número de seus verdadeiros discipulos , se-

senão trinta e nove pessoas. Achava muita opposição da parte do povo, que queria continuar o mesmo culto, e conservar os seus Deoses. Os principaes cidadãos de Meca, que buscavão governar aquella especie de República, tinham da sua parte sensível interesse em acautelarem os designios de Mahomet, que, sob-pretexto de reforma na Religião, trabalhava por se apoderar dos animos, para os dirigir segundo suas intenções, e interesses. Hum dos mais formidaveis adversarios do falso Profeta foi *Omar*, homem que gozava de grande reputação entre os seus cidadãos, e que andava sobremaneira prevenido contra a novidade. Dia houve, em que elle mesmo disputou com Mahomet, e em que se arremeçou a elle para o assassinar, o que não conseguiu por haver quem, mettendo-se de permeio, o estorvasse. Algum tempo depois, aquelle mesmo Omar veio a ser hum dos mais zelosos discipulos, e sectario do miseravel Mafoma. Este pois em tres annos de afadigados trabalhos,

e afflições, não pôde prevaricar com suas illusões senão quarenta e duas pessoas, que na verdade erão os mais illustres cidadãos de Meca, e os mais capazes, pelo seu caracter, de contribuir para o bom exito de sua terrivel empreza. Mas como elle se propunha a trazer o povo á sua facção, repetio ainda com mais ardor, e frequencia suas prégações públicas, e a ninguem negou as conferencias particulares, que se quizesse ter com elle. Com tudo não julgou que simplesmente vozes tivessem por si só força, e efficacia para levarem a convicção de sua doutrina tão longe, como elle desejava: ajuntou a isto a prática de huma extrema liberalidade para os pobres, e fez hum preceito, que obriga cada Musulmano a distribuir em sua vida pelos pobres a decima parte dos seus bens.

Esta obrigação de aliviar os desgraçados, contribuiu muito para fazer valer a doutrina de Mahomet. Os successos deste impostor começárão a amedrontar os Magistrados. Convo-

cou-

cou-se a Assembléa geral do povo para nella se tomar em commum as resoluções, que parecessem mais convenientes. Abu-Taleb, tio do falso Profeta, defendeo ardentemente os interesses de seu sobrinho, sustentando que Mafoma tinha sempre procedido como bom cidadão, que não se lhe podia arguir senão huma singularidade de opiniões, das quaes não se poderia formar idéa, que não fosse vantajosa; a quererem julgar pelo comportamento de todos os que a tinham abraçado. Insistio além disto sobre a necessidade de observar ácerca daquelle cidadão as regras ordinarias da justiça, que não permittião sentenciar sem ouvir a parte.

Houve hum na Assembléa, que sustentou que Mahomet se tinha feito réo de morte, atacando a Religião commua do Paiz; tendo conferencias particulares, e esforçando-se para sublevar o povo por suas missões, e instancias públicas, e por escriptos fediciosos; cuja propriedade nenhuma outra tinha que a de espalhar na sociedade-

dade a perturbação, e o terror. Concluiu finalmente seu discurso, dizendo que a morte de Mafoma era o unico meio de livrar a Arabia das desgraças, e calamidades, os povos de que estava ameaçada. O grande respeito, e consideração que se tinha a Abu-Taleb, impedio que se seguisse partido violento contra o pertendido Profeta. Decidio-se ultimamente que se enviarião Deputados a Mafoma para o interrogarem sobre os artigos da sua doutrina. Abu-Taleb magoado do perigo, a que vira exposto seu sobrinho, lhe representou que mais razoavel era adoptar as opiniões recebidas, do que sustentar obstinadamente sentimentos singulares. Expoz-lhe as funestas consequencias, que podia ter a mudança, que elle queria introduzir na Religião, e buscou intimidallo, ameaçando-o de o desamparar, e de o entregar á discricção de seus inimigos. O enthuasiastico, e manhoso Profeta falso respondeu a seu tio, que antes escolheria a morte, que deixaria de instruir; porque elle estava obrigado a obedecer

cer a Deos, que o havia escolhido para tão glorioso ministerio. Abu-Taleb não se desvelava senão em ver o modo, por que havia livrar seu sobrinho do perigo, a que o via exposto, e não tinha desejo, nem animo de o defamparar em conjunção tão crítica.

Os Deputados, que enviárão a Mahomet, perante elle o arguirão, e lhe fizerão summario verbal de querer introducir hum culto novo, de inventar fabulas extrahidas das nações estranhas, e supersticiosas, e finalmente lhe disserão que sua franqueza, e liberalidade, cujos motivos talvez fossem muito louvaveis, podia tambem ser avaliada como hum genero de corrupção praticada com designio de gran-gear a vontade da gentalha. „ Eis-  
 „ aqui porque, disserão elles, o prodecer  
 „ mais conveniente ao homem sizado,  
 „ qual vós até agora tendes parecido,  
 „ he o que der menos occasião ao ef-  
 „ candalo de vossos compatriotas, e ás  
 „ accusações de vossos inimigos, menos  
 „ que não vos testemunheis com mila-  
 „ gres públicos para assim se authorizar  
 „ vof-

„ vossa doutrina , bem como o fizeram  
„ todos os verdadeiros Profetas , que  
„ vos precederão , Moyfés , Jesus , e os  
„ mais , que por vossa propria confissão  
„ desta sorte provarão que erão envia-  
„ dos de Deos : por conseguinte , se  
„ tambem fois Profeta , e maior que el-  
„ les , como vos gabais , deveis fa-  
„ zer os mesmos milagres , que elles  
„ fizeram : resuscitai mortos , dai  
„ vista a cegos , farai os surdos ,  
„ os mudos , os coxos , &c. Se to-  
„ davia vos eximirdes de nos dar al-  
„ gumas destas provas de vossa mis-  
„ são , não vos livrareis de incorrer  
„ no desprezo , e indignação geral , e  
„ talvez que nas consequencias de hu-  
„ ma accusação capital em presença  
„ dos vossos proprios cidadãos „ Pro-  
curava Mafoma responder a esta ob-  
jecção , ou para melhor dizer , illudil-  
la de diferentes maneiras ; mas , as  
razões mais fortes , que dava em sua  
defensa , erão , que seus predecessores  
tinhão desprezado os milagres de Sa-  
leb , e de outros Profetas , e que por  
este motivo já Deos não queria obrar  
por

por via destas maravilhas. A sua re-  
 sposta está escripta no sexto capitulo  
 do Alcorão ; e eis-aqui , sem muita dif-  
 ferença , como elle se explicou. ,, Elles  
 ,, jurarão pelas cousas mais sagradas,  
 ,, que , se vissem hum só milagre , cre-  
 ,, rião as verdades , e o livro , que te  
 ,, são enviados. *Respondei-lhes* : cer-  
 ,, tamente os milagres são do poder  
 ,, de Deos : elle he o Senhor da Na-  
 ,, tureza , ainda que os infieis o não  
 ,, podem comprehender. *Dizei-lhes* :  
 ,, aquelle , que faz vegetar as plantas ,  
 ,, e crescer as searas com pingas de  
 ,, agua , que derrama do Ceo ; aquelle ,  
 ,, que nutre o homem com pão , que  
 ,, reduz a carne , e ossos , não he To-  
 ,, do Poderoso para plantar hum jar-  
 ,, dim no deserto , ou para fazer cor-  
 ,, rer as aguas do interior das monta-  
 ,, nhas ? Sim , certamente ; elle he  
 ,, Todo Poderoso , porque perverte a  
 ,, razão dos infieis , e enche seus olhos  
 ,, de cegueira , para que perseverem  
 ,, no erro , que escolhêrão , e que an-  
 ,, tepozarão á verdade. *Dizei-lhes*  
 ,, Profeta ; que ainda quando vissem  
 ,, descer

» decer os Anjos , quando os mor-  
» tos lhes fallassem , e vissem alli  
» patente debaixo de seus olhos to-  
» da a Natureza , elles não creião  
» senão por especial dom , e benefi-  
» cio de Deos. Póvos ! affaz benefi-  
» cios de Deos tendes para vos con-  
» vencerdes , e detestardes a vossa  
» incredulidade. Não sou eu hum ho-  
» mem qual vós sois ? E por ventu-  
» ra confiou Deos de mim o dom  
» de fazer milagres ? Eu não sou envia-  
» do por elle , senão para vos con-  
» vidar a escolherdes , e abraçardes  
» o bem , que se vos offerece ; e a  
» temerdes , e afastardes o mal , que  
» será punição , e castigos dos máos.  
» Eu não vos digo senão o que se me  
» manda dizer-vos , e o que devo  
» publicar , e persuadir á força de  
» vozes aos que me quizerem ouvir ,  
» e áquelles mesmos , que despreza-  
» rem , e fugirem de minha doutrina.

Resposta era esta muito affisada  
na boca de hum homem , que não se  
attribuia o poder de fazer milagres.  
Não respondeo porém tão judiciosamente

mente a certas perguntas , que se lhe fizeram por conselho dos Judeos , para sondar a extensão de seus conhecimentos. Vio-se affaz perplexo , titubiando confuso , e não sahio dellas senão proferindo absurdos , contradicções , e extravagancias.

Os Deputados , encarregados da inquirição de Mafoma , voltárão a dar conta de sua commissão , pela qual se julgou que o teimoso impostor estava determinado a não desistir de sua empreza ; o que não obstante , seus proprios cidadãos o porião em estado de não perturbar a Arabia , se elle não fôra apadrinhado por Abu-Taleb , cujo respeito , e credito era fobejamente grande entre os seus compatriotas. Mas se estes se vião obrigados a não castigar Mahomet , não deixavão perder occasião de affligirem seus discipulos , os quaes vendo-se expostos continuamente aos insultos , e zombaria de seus nacionaes , alguns se resolvêrão a hir buscar em outro lugar o socego , de que não podião gozar em sua propria patria. Mahomet , que todo o  
seu

seu ponto era buscar modos de fazer creaturas suas em differentes partes, e de propagar sua doutrina, de boa-mente lhes concedeo esta permissão: despedio dezeseis, e lhes deo as instrucções necessarias, e huma carta para ElRei da Ethiopia, aonde seus discipulos perseguidos, devião hir buscar asylo: e estes forão os primeiros Apostolos de Mafoma. ElRei da Ethiopia, que naquelle tempo era Christão, ou fosse por motivo de caridade, ou por condescendencia ás recommendações do Profeta, fez tambem agasalho aos fugitivos, que chegando esta noticia a Meca, muitos seus confreres se puzerão a caminho, de sorte que não passado muito tempo, se contava na Ethiopia grande número de Musulmanos. Querem alguns que esta Epoca seja a que os Mahometanos celebrão ainda hoje debaixo do nome da primeira *Egyra*.

Os perseguidores do Mahometismo querendo suspender o progresso daquelle culto, e doutrina anti-christã, fizeram hum tratado com todas

as Tribus dos Arabes , em o qual se obrigavão a não contrahirem genero algum de alliança , ou commercio de qualidade alguma com os descendentes de *Haschem* , e de *Abdol-Motalleb*. *Haschem* era pai de *Abdol-Motalleb*. Este tinha tido doze filhos ; o ultimo , cujo nome era *Abdallah* era pai de *Mafoma*. O quinto filho de *Abdol-Motalleb* , e que seu nome era *Abugehero* , foi sempre hum dos mais acerrimos , e mortaes inimigos do pertendido Profeta. Por este tratado , os parentes de *Mafoma* , ainda aquelles mesmos , que erão oppostos aos seus sentimentos , se virão obrigados a fahir de *Meca* , e a retirarem-se para humas terras de *Abu-Talleb* muito perto da cidade. Nesta especie de desterro foi que *Mahomet* , acompanhado de alguns seus sectarios , passou o sexto , setimo , oitavo , e nono anno de sua missão funesta , e execranda.

O generoso parente , que sempre lhe supprira o lugar de pai no tempo de sua infancia , que se tinha de-

cla-

clarado seu protector em todas as occasiões, e que ultimamente lhe dera azylo, Abu-Talleb, digo, morreo aos oitenta e tres annos de sua idade, e segundo se julga, adoptou antes de morrer a nova doutrina, que nunca em sua vida quizera abraçar. Mahomet se mostrou summamente sentido da morte do seu bemfeitor: o que lhe tornava esta perda ainda mais sensivel, era ver que Abusofião, seu mais cruel inimigo, fôra, pela morte de seu tio, revestido da principal authoridade da cidade de Meca.

Tão sobre modo animou Abusofião os Koreiquitas contra o falso Profeta, que desde logo começarão a oppor-se vigorosamente aos progressos da nova doutrina. Acertárão tanto nos meios, de que se ferverão, que muitos discipulos de Mafoma, vendo que nada podião esperar de o seguirem, e que pelo contrario havia razão de temer grandes desastres, fugirão delles, e o desampararão, e á sua Religião.

Mafoma não era homem de se  
des-

descorçoar. Os obstaculos não servião senão para o animar cada vez mais, e requintar sua teima. Conhecendo que seus nacionaes estavam tão fortemente prevenidos contra sua doutrina, julgou a proposito ceder ao tempo, e esperar circumstancias mais favoraveis. Sahio pois de Meca, e foi para Taife com designios de ahi fazer profelitos; mas suas prégações só lhe grangearão insulto, mofa, e desprezos, que o obrigarão a deixar aquella cidade. Voltou para Meca, aonde continuou a exhortar seus compatriotas para que desistissem do culto idolatra, e abraçassem a sua Religião; cujos dogmas principaes estabelecão a unidade de hum Deos, e a verdade da sua missão. Fez então sectarios seus seis habitadores de Medina, que estavam em Meca, os quaes recolhendo-se para a sua patria disserão mil bens da pessoa, e doutrina de Mafo-ma; de sorte que quando elle entrou naquella cidade, a maior parte de seus moradores o recebêrão cheios de jubilo, e derão mostras de estarem dis-

dispostos para o ouvirem favoravelmente.

Eis-que o impostor principia a fazer grandes progressos: maiores terião sido, se pudesse satisfazer os póvos sobre o artigo dos milagres, que delle exigião. Debalde allegava o falso Profeta suas familiares conversações com o Anjo S. Gabriel, tudo isto era escusado, prodigios, e mais prodigios he o que se lhe pedia. Esta indocilidade grandemente amofinou o falsario Mafoma; mas depressa se consou, quando se vio elevado á dignidade de chefe, que solemnemente lhe foi conferida pelos Ansarienes; pessoas estas que em grande número tinhão abraçado a sua Religião, e por isso ficarão tendo aquelle nome, que significa: *Auxiliares*. Todos lhe jurarão fidelidade, fé, e obediencia como a Apóstolo de Deos, e se obrigarão a pegar em armas, para sustentar, e defender seus interesses com o capcioso pretexto de Religião. Em consequencia deste juramento lhes fez tambem prestar juramento por suas mulheres: *que cre-*  
rião

*rião na unidade de Deos ; que não furtarião ; que não commetterião adulterio , e que não matarião seus filhos ;* porque até então o fazião , principalmente quando os vião penar , ou não tinham de que os alimentar , ainda que este preceito , como alguns dizem , reportava-se aos abortos , por não julgarem como verdadeiro o uso ímpio de matarem os filhos.

Depois desta formalidade , Mahomet lhes deo Mosaab filho de Omar para os cathequizar no Musulmanismo. Mosaab ao principio foi considerado em Medina como espia. Facilmente se justificou , e comparecendo á vista do Principe lhe leo alguns versos do Alcorão , e o tornou seu illustre profelito , cujo exemplo attrahio consideravel número de habitadores para o partido de Mafoma. Até então se tinha o falso Profeta contentado de prégar sua doutrina , publicando que não tinha que oppôr ás perseguições de seus inimigos senão a paciencia. Mudou finalmente de linguagem ; e suppoz que tinha ordem  
do

do Ceo para exterminar todos os que não quizessem submeter-se á sua obediencia. Pedio de seus discipulos novo juramento , pelo qual se obrigavão a defendello com o mesmo zelo , e ardor , que defenderião suas mulheres , seus filhos , e seus bens. Da sua parte lhes jurou tambem que nunca os desampararia , e lhes certificou que se elles morressem em seu serviço , feria o Ceo a recompensa do seu valor , e da sua fidelidade. Prohibio a seus sectarios todo o genero de disputa sobre a sua Religião , e lhes ordenou que dahi por diante se não deixarião convencer por argumentos , e a defenderião , e propagarião com o ferro na mão , dizendo-lhes que cada Profeta tinha seu caracter diverso , e por tanto , Moysés , Jesu Christo tinham sido enviados manços , e pacificos com poder de fazer milagres , e não obstante os homens lhes não tinham obedecido ; que elle agora vinha com o caracter de força , e violencia para sem milagres , e com a espada na mão fazer a vontade do Altissimo

tissimo; e outra vez lhes repetio suas promessas, e a coroa do martyrio, se morressem por sua causa.

A despeito deste desengano, e da confissão verbal do pertendido Profeta ácerca dos milagres, não podemos todavia negar que entre elles haja lendas, que lhe attribuão quantidade delles. He tradição popular entre os Musulmanos: I. Que elle fendêra a Lua em duas ametades: II. Que as arvores se arrancavão de seu lugar para lhe fahir ao encontro: III. Que dos seus dedos corria agua: IV. Que as pedras o saudavão: V. Que sustentava muita gente com pouco alimento: VI. Que hum raio de luz o acompanhava: VII. Que hum camêlo se lhe queixou: VIII. Que huma costela de carneiro o avisava de que estava envenenada, e outros muitos assáz ridiculissimos para serem adoptados pelo mesmo Mafoma, ou pelos seus Doutores; e por tanto, todos elles rejeitão esta crença, e confessão que nenhum milagre fizera; mas affirmão que a eloquencia do Alcorão, e

a excellencia da sua doutrina equivallem a todos os milagres, pois fôra composto por hum homem, que nem ler, nem escrever sabia.

O decimo segundo anno de sua depravada missão he denominado a *Mesra*; isto he, a sua fabulosa jornada nocturna de Meca a Jerusalem, e de lá aos Ceos, cuja narração he a seguinte. Estando na cama com sua mulher *Aisquéa*, ouvio bater á porta; levantou-se apressadamente, e abrindo-a, encontrou o Anjo S. Gabriel, que estava armado de setenta pares de azas abertas, mais brancas que a neve; e transparentes como o crystal: ao pé d'elle vio a alimaria *Alborak*, em a qual, se diz, que os Profetas costumavão ser transportados velozmente, para executarem as ordens de Deos: segundo a descripção, que Mafoma faz de semelhante animal, era elle mais branco que o leite, de grandeza, grossura, e natureza, que participava de jumento, e mula, e tão veloz como o relampago, de que feu nome traz origem.

O Anjo faudando Mahomet em nome de Deos lhe disse com semblante alegre; que elle o vinha buscar para o conduzir aos Ceos, e á presença do Altissimo, aonde veria mysterios admiraveis, e estranhos, que a ninguem era permittido ver senão a elle, e mandou que montasse o Alborak. A alimaria porém, que assáz era fogosa, e espantadiça, e que havia estado ociosa desde Jesu Christo até áquelle tempo, não quiz deixar montar Mahomet, sem que este a affagas-se; e lhe prometteisse hum lugar no Paraiso. Conseguiu deste modo montar facilmente, e então o Anjo levando-o pela redea o transportou instantaneamente de Meca a Jerusalem.

A' sua chegada todos os Profetas, e almas bemaventuradas que antes d'elle partirão deste mundo, apparecêrão á porta do Templo; todas o salvarão, e acompanhando-o até á capella principal, lhe pedirão que rogasse por ellas, e desapparecêrão. Ao sahir do Templo encontrou elle, e o Anjo huma escada de luz, por onde  
su-

subirão, e deixarão o Alborak prezo a hum rochedo até á sua vinda.

Chegados ao primeiro Ceo, baten-do o Anjo ás portas, hum portei-ro as abriu, e ficou huma entrada prodigiosa. O primeiro Ceo he todo de prata pura, diz o impostor, e as estrellas então suspendidas nelle por cadêas de ouro; cada huma he do tamanho do monte *Nobo*, que está junto a Meca, áhi virão hum velho decrepito, que era o nosso primeiro pai *Adão*, o qual faudando-o, deo graças a Deos de ter tido hum tão grande filho, e se recommendou ás suas orações.

Elle nos diz tambem que alli ví-ra huma multidão de Anjos de todas as especies em figura de homens, de irracionaes, de aves, e entre os ultimos, vio hum galo branco como neve, e de tão desmarcada grandeza, que seus pés estavam postos sobre o primeiro Ceo, e a cabeça tocava o se-gundo, o qual distava tanto do pri-meiro, que precisos erão quinhentos annos para lá chegar: dizem outros que

que a sua cabeça chegava á maior altura dos sete Ceos até o Throno de Deos, que ainda estava sete vezes mais elevado que o ultimo Ceo.

Este quimérico galo tem azas todas cravejadas de perolas, e carbunculos; estão abertas do Oriente para o Occidente, e cobrem huma distancia, que corresponde á sua altura. Disse que aquelle era o Anjo principal dos galos, e que todas as manhãs, quando Deos canta hum hymno, acompanhando-o elle, canta tão alto, que tudo o que habita na terra, á excepção dos homens, e dos feiticeiros, e todos os moradores do Ceo, o ouvem distinctamente. Então todos os galos do mundo, e os que estão nos Ceos lhe respondem. Os Mahometanos querem que a voz de qualquer homem, que lê constantemente o Alcorão, a dos homens, que rezão todas as madrugadas, e pedem perdão de seus peccados, e a voz deste galo, sejam tres vozes, que Deos sempre ouve favoravelmente. Todos estes delirios, e quiméras são tirados das fabulas do *Talmud*. O

O impostor disse que do primeiro Ceo subíra ao segundo , que he distante do primeiro , e em que me-deia tão pequeno espaço , que não se póde tranſitar em quinhentos annos : que este Ceo he de ouro : que ahi vio Noé , o qual o cumprimentou , e se recommendou á sua intercessão , e que ahi víra mais Anjos que no primeiro , e que entre elles havia hum , cuja cabeça chegava ao terceiro Ceo , o qual está a igual distancia do segundo , que este do primeiro , e deste modo todas as mais distancias dos Ceos seguintes.

Subirão ao terceiro Ceo , que he feito de pedras preciosas : á entrada d'elle encontrarão Abrahão , que tambem se lhe recommendou : ahi vio muitos mais Anjos que em cada hum dos precedentes. Entre estes Anjos havia hum de grandeza tão prodigiosa , que a distancia , que havia entre seus olhos , pedia huma jornada ordinaria de setenta dias para se chegar de hum a outro. O Anjo Gabriel lhe disse que aquelle era o Anjo da morte ; porque

tinha diante de si huma formidavel meza , sobre a qual escrevia os nomes dos que havião nascer , calculava a duração da sua vida , e quando estava acabada , elle os derriscava , e morrião.

Disse que de lá partirão para o quarto Ceo , que todo he fabricado de esmeraldas : que entrando vio Jessé , filho de Jacob , que igualmente lhe pediu suas orações : que vio muitos mais Anjos que nos Ceos antecedentes : hum destes Anjos chegava ao quinto Ceo , e que lastimava , e chorava effectivamente. O seu guia lhe declarou , que aquelle chorar , e lastimar era pelos peccados dos homens , e por causa da sua destruição , a qual era consequencia delles.

Do quarto Ceo subio ao quinto , que era de diamante , e nelle encontrou Moyfés , que outro si lhe pediu sua mediação , e ahi vio mais Anjos que em todos os outros.

Do quinto subio ao sexto , que disse ser feito de rubins , e que nelle encontrára S. João Baptista , que co-  
mo

mo os outros Santos se recommendou ás suas orações : ahi vio maior número de Anjos que nos antecedentes.

Finalmente subio ao setimo Ceo, que todo era composto de huma luz divina : ahi foi que vio Jesu Christo, a quem o mesmo Mahomet se recommendou, e lhe rogou que intercedesse por elle. Desta maneira se reconheceo inferior a Jesu Christo, talvez para lisongear os Christãos, e lhes agradar. Disse mais que ahi vira mais Anjos, que todos os que compunhão os seis Ceos antecedentes. O Anjo, que presidia, o fez pasmar : que tinha setenta mil cabeças, em cada cabeça outras tantas linguas, e cada lingua pronunciava outras tantas vozes distintas a hum tempo, pelas quaes rogava a Deos dia, e noite sem descontinuação.

Então o Anjo seu conductor lhe disse, que a elle lhe era vedado o passar adiante, e que por tanto o aconselhava que continuasse elle só até o throno de Deos ; o que fez sem achar obstaculo, passando por meio

D

de

de aguas de neve , &c. até chegar ao lugar , em que ouvio huma voz , que lhe dizia : *Oh Mabomet ! salva o teu Creador.* Dahi remontou ainda muito acima , e chegou a hum lugar de luz fummamente densa , e tão brilhante , que não podia soffrer seu resplendor : era esta a morada do Omnipotente : seu throno estava ahi collocado : á sua direita estavam escriptas estas palavras Arabes : *Lá Ellab , Ellallab Mabomet resul Ollab* , que significação : *Não ha outro Deos senão Deos , e Mabomet he o seu Profeta.* Este he o symbolo da fé dos Mahometanos ; e disse mais que aquellas palavras estavam escriptas por cima de todas as portas dos sete Ceos , a que fora levado.

Estando porém já perto da presença de Deos , e como a distancia de dous tiros de espingarda , continúa a dizer que elle o vira assentado sobre o seu throno , cuberta sua face com setenta mil veos sobrepostos : que o Altissimo lhe fizera a graça de estender seu santissimo braço , e de lhe pôr sua di-

vina mão sobre o hombro : que tão sobejamente fria estava , que sua frialdade o penetrou até á medula de seus ossos , e lhe era insupportavel : que Deos principiára então a conversar com elle familiarmente , e lhe revelára muitos mysterios occultos , e lhe fez entender , e conhecer a sua lei : que lhe incumbíra grande número de cousas respectivas á instrucção do seu povo , e finalmente lhe concedeo immensidade de privilegios , que não deo aos outros homens. Depois disto fez venia , e se retirou , e veio ter com o Anjo guia , o qual o tornou a encaminhar por entre os Ceos até chegarem ao Alborak , que elles haviam deixado em Jerusalem , e dahi o guiou até Meca , levando , como antecedentemente , o Alborak pela redea , que tudo isto acontenceo , e foi feito no curto espaço da decima parte de huma noite.

O relatorio , que no seguinte dia Mafoma fez desta ridicula , e extravagante ficção , o expoz novamente á irrisão , e desprezo : grande quanti-

dade de discipulos seus aborrecendo-se d'elle , como de hum mentiroso abominavel , o defamparáão com indignação : outros muitos terião seguido o seu exemplo , se Abube-Kero , cumplice de tão descarada impostura , não fizesse cessar a revolta , reconhecendo , e fingindo que dava credito ao ridiculo conto , e disparatada narração de Mafoma , extrahida tambem das fabulas do Talmud.

Ultimamente sendo a sua impostura acompanhada sempre , como todas o são , de disputas , contensões , e rixas , que elle produzio em Meca , e em outras cidades da Arabia , resolvêrão os Magistrados obviar este mal na propria raiz , dando morte a Mafoma. Este porém , que bem presumia as intenções dos Koraiquitas , visto os seus progressos , e preceitos , que fizera ; não se dando por seguro em Meca , tinha resolvido partir para Medina. Antes de sua partida elegeo doze Ansarienes para governarem debaixo das suas ordens , e para cathequizarrem todos os que já tinham abraçado ,

do, ou de novo abraçassem o Musulmanismo. Os Koraiquitas, que temião que Mafoma lhes escapasse, resolvêrão assassinallo; mas para que não houvesse receio de que haveria quem quizesse vingar sua morte, se assentou que os assassinos do Profeta fossem tirados de todas as differentes Tribus, e que cada hum desse golpe, a fim de que parecesse que toda a Nação tinha concorrido para a morte do Impostor. Não tardou muito que Mafoma o não soubesse, e cuidou nos meios de prover a sua segurança. Para assim o conseguir disse a seu discipulo: *Ali, deitai-vos na minha cama, cubri-vos de minha roupa verde, para que pareça que sou eu quem está deitado. Eu divulgarei que estou molesto, e que por tanto estou recolhido.* Semeilhante estratagemma teve o seu venturoso effeito. Mafoma retirou-se a tempo que seus assassinos esperavão que elle estivesse na acção de levantar-se, para cada hum então ter parte em sua morte. Elles se capacitavão tanto melhor de que não erão enganados, quantas

tas mais vezes espreitavão pela porta , e vião hum vulto com a roupa do astuto Profeta.

Quando porém Ali ajuizou que seu Mestre estava a salvamento , levantou-se summamente receioso de que nelle vingassem a fugida de Mafoma : mas ainda assim nenhum mal experimentou. Demorou-se alguns dias em Meca , e depois foi para a companhia do seu Chefe. Este , acompanhado de Abube-Kero, refugiou-se no monte Thurio , aonde esteve occulto tres dias : seus inimigos não se descuidarão de o procurar efficaamente , e muito lhe custou o escapar ás suas diligencias : finalmente chegou a salvamento a Medina , aonde principiou a gozar da tranquillidade , que necessaria lhe era para pôr por obra seus vastos projectos. Esta fugida foi a Epoca da sua gloria , da fundação do seu Imperio , e Religião : he ao que verdadeiramente os Mahometanos chamão *Egyra* , que significa fugida , ou perseguição , cujo primeiro dia corresponde a dezeseis de Julho da era Christã de 622.

En-

Então foi que o manhoso Impostor erigio seu primeiro altar, edificando em Medina huma Mésquita, para nella exercer sua nova Religião. Determinou que todos os calculos de tempo, que ao porvir, se houvessem de fazer, se contassem do dia daquella fugida, a qual ficou sendo o principio da era Mahometana.

Occupado em instruir os póvos, e no estabelecimento de algumas ceremonias da sua Religião, vendo que não tirava o fruto, que desejava, pareceo-lhe que era tempo de substituir a força, e violencia ás persuasões, e aos discursos: motivo este, por que expressa, e resolutamente passou ordem a seus sequazes, para fazerem guerra, e passarem á espada todos os que não quizessem abraçar sua doutrina, menos que não quizessem pagar hum tributo annual.

Os discipulos de Mahomet de muito boamente se sujeitárão ao barbaro decreto, que efficazes meios de se enriquecerem lhes ministrava. Sua primeira expedição foi a pilhagem de hu-

huma caravana, que pertencia a mercadores de Meca; de sorte que os compatriotas do falso Profeta foram os primeiros, contra quem elle se armou, commetteo latrocinios, e fez correrias para os reduzir á sua Religião. Sabendo o Impostor que Abusofião, de quem já fallámos, voltava da Syria acompanhado de trinta homens, que conduzião huma caravana, poz de emboscada sua tropa para o atacar, e roubar. Abusofião, que tivera noticia mandou aviso aos da sua Tribu do perigo, em que se achava. Foram-lhe mandado pontualmente para adjutorio novecentos homens de infantaria, e cem de cavallaria. As forças de Mafoma erão muito inferiores, pois todas ellas montavão a cento e trinta combatentes. Semelhante disposição só fervio para mais animar sua coragem. Poz-se em marcha, confiando muito na valentia de seus soldados, e estes o seguirão animosos na esperanza de que Deos suppriria a fraqueza do seu exercito. Cheios desta confiança nascida do seu fanatismo, atacão o inimigo, des-

descarregão sobre elle , e o põe em desordem , e em vergonhosa derrota. Esta victoria em si mesma pouco considerável deve ser considerada como fundamento de todas , que depois se seguirão , e que Mafoma ganhou. Qualquer General está em estado da mais ardua , e temeraria empreza , quando os seus soldados tem para si que a Divindade o protege em suas acções , e se interessa em seus acontecimentos.

Em quanto os dous exercitos batalhavam , tinha Mafoma ficado em oração na sua tenda ; mas quando vio que sua tropa se punha em retirada , correo a animalla : poz-se em sua frente , e com o alfange na mão , voltado para o inimigo , em altas vozes pronunciou estas palavras : *Sejão seus semblantes perturbados , e confundidos ;* e avançando contra elles , destemidamente os poz em confusão , e obrigou a fugir. Completa a victoria pelo valor de Mafoma , setenta homens do exercito de Abusofião ficárão mortos no campo , e outros tantos prisioneiros. Mahomet não perdeu senão qua-

quatorze homens. A noticia desta derrota consternou sobre maneira os moradores de Meca , e fez morrer de paixão Abutalabab , hum dos mais formidaveis inimigos do falso Profeta ; e contra quem no Alcorão ha hum capitulo das maldições.

Quando foi tempo de repartir o faque , renhida disputa houve no exercito dos vencedores. Huns querião ter maior parte que outros. Para apaziguar dissensão desta natureza , a qual poderia ter pessimas consequencias , fingio Mahomet que tivera ordem do Ceo que lhe prescrevia o tomar para si a quinta parte dos despojos , e que repartisse o mais igualmente pelos seus soldados , ao que ninguem replicou.

Depois de haver restabelecido a paz , e harmonia entre os seus sectarios , os mandou pôr em via contra alguns Judeos da Tribu de Kaino-Kan , homem de quem assaz estava queixoso : de tal sorte os véxou , e opprimio , que forão obrigados a render-se sem resistencia , e venturosos forão em não experimentarem mais damno que a confiscação de

de seus bens , porque o vencedor tinha destino de faciar nelles o seu odio , e de estender os limites de sua vingança.

Em silencio passo muitas expedições pouco importantes , e continuarei fazendo menção da famosa batalha de Ohud. Os Koreishitas formáram hum corpo de tres mil infantes , e duzentos cavallos , e foi nomeado Abusofião para seu General. Atemorizado Mafoma pelo número de seus inimigos , esteve perplexo sobre se iria atacar , ou se ficasse em Medina. Tomou o primeiro partido , e sahindo da Cidade com novecentos homens de Infantaria , se avançou até o lugar situado entre Méca , e o monte *Obud*. Postou ahi sua tropa com a maior vantagem possivel , e finalmente travou batalha. Sincoenta archeiros de Mahomet , cobiçosos da pilhagem , não conservarão seus postos , e derão lugar a quem commandava o flanco dos Koraiquitas a romperem os Musulmanos com a sua cavallaria. Em meio da confusão , e desordem , correo

reo voz de que tinham matado o seu Profeta. Este falso susurro affrouxou de tal maneira os soldados, que destroçados se deixáráo penetrar por todas as partes. Mafoma foi ferido por duas pedradas, huma das quaes lhe quebrou os dentes, e outra lhe fez huma leve arranhadura na cara. Se Abusofião se soubesse aproveitar de occasião tão favoravel, facil lhe seria derrotar inteiramente as tropas do seu adversario; mas elle se contentou de lhe pedir treguas por todo o anno seguinte.

A perda da batalha de *Obud* deo motivo a muitas murmurações. Perguntava-se ao Profeta como podia acontecer que Deos se tivesse declarado contra os defensores do seu culto. Havia muitos, que tendo perdido seus parentes, e amigos na peleja, davão mostras de sincero arrependimento de se terem alistado no partido de Mafoma. O manhoso Impostor não tardou porém muito em cogitar os modos de responder a huns, e outros. Disse aos primeiros que convinha attribuir aquella desgraça aos crimes, e peccados

dos de alguns dos seus discipulos: que Deos separava assim os bons dos perversos, para daquelle modo se poderem discernir os verdadeiros fieis; e para fazer calar os outros, lhes promulgou a doutrina do *Destino*, representando-lhes que seus parentes, e amigos terião igualmente morrido, ainda quando não tivessem vindo á campanha; porque os dias de todos os homens estão tão bem contados, que nenhuma precaução póde haver, que conveniente seja para os continuar além do termo prefixo. Como os Musulmanos juravão nas palavras de seu mestre, e guerreiro Profeta, a persuasão foi inteira, e a estúpida submissão a toda a sua doutrina produzio nelles effeitos maravilhosos de valor, e gentilezas. He principalmente á crença do destino a quem devemos attribuir a intrepidez, e valentia, com que os Musulmanos affrontavão os maiores perigos, e que conseguio a Mahomet, e a seus successores tão rápidas conquistas.

No principio do quarto anno da  
Egy-

Egyra enviou o falso Profeta setenta Anfarienes ao Principe de Nagedo para o convidar, e a seus vassallos para abraçarem o Musulmanismo. Esta deputação teve desgraçadissimo exito. O Principe começou a responder mandando matar o primeiro, que lhe propoz a sua commissão, e depois se virou contra os outros Deputados, que em premio do seu zelo forão passados a ferro. Quando Mahomet o soube, fuzilavão seus olhos rancor, e vingança; e prestes se poz em campo para desagravar a morte de seus Emisarios. Avisinhárão-se os contendores: Masfoma porém não encontrou mais que huma tropa de invalidos, que se puzerão em fuga, logo que souberão que elle se aproximava. Mas ainda assim hum delles teve assaz animo para ir ao arraial do pertendido Profeta, a quem fallou, e disse que sobrejo gosto tinha de querer pegar, e beijar seu alfange. Nenhuma dúvida poz Masfoma em lho entregar ás mãos: o Gafranita já senhor daquella arma a desembainhou com designio de dar mor-

morte a Mafoma, ao qual se arremeçou para assim o executar. Mafoma porém teve a felicidade de evitar o perigo, a que sua imprudencia o acabára de expôr.

Abusofião sempre de mão alçada contra os Musulmanos, e mórmente contra o seu chefe, reclutou hum exercito numeroso composto de muitas Tribus de Judeos, de Kenanitas, de Gaftanitas, e de Koraitas, que todas montavão a mais de dez mil combatentes. Exercito tão consideravel infundio temor, e medo não só aos sequazes de Mafoma, mas ao mesmo pertendido Profeta, que para evitar o perigo, que o ameaçava, julgou que seria conveniente entrincheirar-se em seu acampamento: assim o fez, e foi o primeiro, que entre os Arabes se fortificou deste modo até então desconhecido naquellas partes do mundo. Por este motivo se ficou denominando aquella acção a *guerra dos fôssos*.

Mafoma esteve sitiado no seu acampamento vinte dias, que todos se passarão em escaramuças. *Amru*, que então

tão era reputado pelo melhor cavalleiro do seu tempo, quiz dar hum espectáculo aos dous exercitos, e finaes da sua destreza, e valor. Correo á redea solta por cima do entrincheiramento do exercito inimigo, e defafiou o mais valente de todos para hum combate singular. Ali, ainda que sobrinho de *Amru*, acceitou o desafio. Antes da pendencia jurárão mutuamente, que não se pouparia hum ao outro, e desempenhárão sua palavra, ficando Ali victorioso. Este acontecimento foi como presagio da total derrota do exercito de Abulofião. Mahomet conseguiu huma victoria tanto mais notavel, segundo os Musulmanos, que foi o mesmo Deos, que para poupar o sangue dos fieis, lha concedeo por meio de ventos impetuosos, que levárão pelos ares as tendas, e derribárão as obras dos Koraiquitas, e obrigou tanto a elles, como a seus alliados a irem confusamente buscar asylo em suas proprias casas.

Soube Mahomet aproveitar-se da sua victoria. Fingio, e publicou que

tivera aviso do Ceo para ir atacar a Tribu dos Koraitas. Depois de haver tomado com Ali as medidas convenientes para o fazer com acerto, marchou contra seus inimigos, poz-lhes cerco, que durou vinte e cinco dias, e tão fortemente os opprimio, que se virão obrigados a render-se á dilcricção. Os desgraçados prizioneiros, setecentos em número, esperavão que o vencedor se satisfizesse em sómente lhes aprehender seus bens, e lhes concedesse a vida; mas enganou-os sua esperança. Mafoma, dando fingidas mostras de não querer decidir da sua sorte a encarregou a *Saad* seu Lugar-Tenente, o qual elle bem sabia quão irado estava contra os Koraitas, por causa de huma ferida, que havia recebido no tempo da *guerra dos fóssos*. O vingativo Saad mandou que todos os homens fossem degolados; as mulheres, e seus filhos reduzidos á escravidão, e seus bens distribuidos pelos vencedores. Esta despiedada ordem teve prompta execução, e pouco depois de faciar sua vingança,

E  
mor-

morreo Saad da ferida, que tinha recebido. Entre aquelles escravos, se achou huma mulher de rara formosura, a qual foi levada a Mafoma, e elle a admittio em número de suas concubinas.

O falso, e fanhudo Profeta, animado pelo successo de humas se aventurava a outras emprezas: atacou a Tribu dos Motalequistas, e o acontecimento correspondeo aos que a fortuna até alli lhe concedêra: derrotada esta Tribu, lhe foi apresentada outra mulher ainda de mais tentadora belleza que a precedente: era ella filha de huma personagem por nome Mof-talek, e chamava-se Geosira. O voluptuoso Mafoma avaliou em mais esta matrona, que a gloria da acção, em que triunfára: admittio-a no número de suas mulheres, e poz em liberdade cem parentes della, os quaes tinham ficado prizioneiros naquelle mesmo combate.

Quasi nesse mesmo tempo foi que a mais moça de todas as suas mulheres, por nome Aiesha, se fez suspei-

tofa de adulterio com certo mancebo, que sempre a acompanhava, e seguia. Foi aconselhado Mafoma para repudiar huma consorte, que tanto o deshonorava; mas o impudico Profeta, que não tinha coração para se apartar de huma mulher, a quem amava ternamente, e que a hum tempo queria purificar a reputação de sua honra, portou-se de hum modo tão sagaz, como supersticioso em materia tão delicada. Suppoz ter certa revelação do Ceo, pela qual ficára a innocencia de Aiesha plenamente justificada, e mandou dar oitenta açoutes em cada hum dos que lhe havião aconselhado o repudio.

Todas as emprezas do Impostor erão acompanhadas dos mais ditosos successos. Querendo utilizar-se da sua felicidade, e da confiança que nelle tinhão suas tropas, marchou com mil e quatrocentos homens a pôr assedio á cidade de Méca. Todos os seus nacionaes lhe protestárão a firme resolução em que estavam de lhe não dar entrada. Mahomet lhes representou que

elle não apprehendêra aquella jornada, senão para praticar suas devoções no lugar do seu nascimento. Os Mequenses não se deixáráo illudir por este capcioso pretexto ; mas todavia como receavão serem forçados , propuzerão huma tregoa , que o falso Profeta acceitou com subejo aborrecimento da parte das suas tropas , as quaes esperavão enriquecer na pilhagem. Eis-aqui pois quaes forão as condições do tratado. Que se algum houvesse entre os Koraiquitas , que se quizesse aliar a Mafoma , o poderia então fazer com toda a segurança : que igualmente de todos os sequazes de Mahomet , os que se quizessem retirar para Méca , ou para a Tribu dos Koreishitas o poderião fazer livremente : que se porém ao depois algum habitador de Méca passasse para o exercito de Mahomet , este seria obrigado a entregallo : finalmente que o falso Profeta , e todos os seus poderião entrar , e sahir da cidade , com tanto que fosse sempre sem armas , e que nenhum se demorasse nella de cada vez

vez mais de tres dias. Os seus soldados não ficárão muito contentes com este pacto pelas razões, que já apontámos; mas o infatigavel, e ardiloso General, que em tudo pesquisava os modos de os satisfazer, publicou que irião atacar a Tribu dos Judeos de Chaibar, o que muito socegou seus animos, na esperança de que ainda terião melhor faque, do que em Meca.

Era chegado o setimo anno de sua Egyra, quando poz em marcha seu exercito contra Chaibar. Poz cerco a esta praça, e ao fim de dez dias se apoderou della, e de huma gentil, e formosa mulher chamada *Safia*, a qual, não obstante estar contratada com hum Principe daquella Tribu, invalidou os esponsaes de propria vontade, e passou a ser mulher do Conquistador da Asia; mas o fruto desta conquista foi o principio da morte do voluptuoso Profeta. Havia-se elle alojado em casa de hum dos principaes moradores daquella cidade chamado *Horeth*, cuja filha *Zamath*, querendo examinar se Mafoma era verdadeiro Profeta, no

acto

acto de lhe preparar a cêa envenenou huma costela de carneiro, para que comendo-a elle, ficasse ella desengañada; pois assim discorria Zamath. Se este homem he Profeta, ha de conhecer que a costela está envenenada, e não a comerá; se porém não he Profeta, ha de comella, e morrer, e eis-que tenho feito grandes serviços ao mundo em desterrar d'elle homem tão barbaro, e tão cruel. Alguns querem que a dita costela fallasse, e o avisasse de que estava envenenada; mas parece que isto aconteceria já muito tarde; por quanto hum certo *Basbero*, homem de sua comitiva, e comensal com elle, tendo comido como quem gostava, repentinamente cahio morto; e se o falso Profeta não experimentou logo a mesma sorte, foi porque não lhe sendo afeiçãoado, pouco tinha comido; mas a pezar de toda a precaução, que depois tomou, sempre lhe fez muito mal; porque desde então sempre ficou achacado, e ao fim de tres annos morreo, como ao depois se verá.

Depois da tomada de Chaibar, e de mais algumas cidades, que pertencião aos Judeos, voltou Mahomet para Medina, aonde achou seus amados discipulos, que no principio de sua missão se forão refugiar na Ethiopia. Mahomet se alegrou muitissimo de os ver, e em reconhecimento do zelo, que sempre mostrarão a favor de seus interesses, e doutrina, os fez entrar na partilha do saque de Chaibar.

Al-Nagiashe, Rei da Ethiopia, conservava com o Profeta tão íntima amizade, que nada lhe pareceo offuscar sua authoridade o fazer que Mahomet recebesse para o número de suas mulheres huma filha de Abusofião, viuva de Abdolla, a qual tinha buscado asylo com seu esposo na Ethiopia. Mafoma, que sempre andava sollicito, e cuidadoso dos meios de se fazer Senhor de Méca, contratou esta alliança para ter da sua parte o chefe dos Koraiquitas, e na esperança de que Abusofião respeitaria na pessoa de hum genro o mais tremendo inimigo.

O vencedor barbaço, e guerreiro  
já

já senhor de quasi toda a Arabia , e temeroso a todos os seus vizinhos , se julgou assaz forte para poder estender suas conquistas , e Religião até aos Gregos , e aos Persas : principiou mandando Embaixadores a todos os Principes de suas vizinhanças , para os convidar a abraçarem o Musulmanismo. Cofrú , Rei da Persia , foi o primeiro , que recebeu este convite ; mas bem longe de lhe dar resposta favoravel , raivoso de ver que hum seu escravo tivera a ousadia de lhe escrever , rasgou a carta , que tinha recebido na presença do mesmo Emissarios , que lha entregára. Deste modo attrahio a si a maldição do Profeta , que nada mais respondeo a este desprezo , quando o foubes , senão que Deos despedaçaria o Reino do Persa , bem como elle tinha despedaçado a sua carta. O segundo , a quem Mafoma escreveu , foi Heraclio Imperador dos Romanos , o qual agasalhou bem seu Embaixador ; e o despedio cólmeado de presentes para o seu Profeta. O terceiro foi o Principe de Coptias Al-

Mo-

Mo-Kawhas, que governava o Egypto debaixo da dominação de Heraclio, e que ao depois se fez Musulmano pela direcção do Grão-Calife Omar. Como bem conhecia a amorosa, e torpe paixão de Mahomet, enviou-lhe huma rapariga affaz bella por nome Maria. Presente desta natureza foi de sobejo agrado para o impudico Profeta, o qual a antepoz a todas as suas antigas mulheres. O quarto foi ElRei de Abisinia, que já tinha abraçado o Mahometismo. O quinto foi Al-Haret, Principe Gassanita, que reinava em huma parte da Arabia, e que respondeu indignado que elle iria em pessoa visitar o Profeta, segundo parece, com hum exercito, pois Mafoma se mostrou summamente pezaroso desta resposta. O sexto foi Howada, Rei de Yemena; este recusou logo o ir á presença do Profeta, conforme elle lhe pedia na sua carta; o que não obstante sempre ao depois foi, e fez profissão do Musulmanismo; mas, assim que chegou a seus estados, o tornou a desprezar. O setimo foi Mondar, que  
era

era Rei de Alhahraim no Golfo Persico. Este abraçou a doutrina do falso Profeta, e todos os seus vassallos seguirão o seu exemplo.

No oitavo anno da Egyra, mandou marchar contra os habitadores de Muta, cidade da Syria, e dominio dos Romanos, hum corpo de tropas de tres mil homens, a quem deo para Generaes Zaid, Giafar, e Abdolla, para que, se o primeiro morresse, o segundo o substituísse; e se este fosse tambem morto, o terceiro lhe succedesse. Querem os Arabes que o exercito do inimigo fosse de cem mil combatentes, o que não he verosimil; mas parece que com effeito elle era muito superior em número ao dos Musulmanos. Estes todavia ficárão vencedores depois de hum denodado combate. Os tres Generaes, que Mahomet tinha nomeado, forão mortos no calor da acção, e Caleb foi eleito em seu lugar por unanime consentimento de todo o exercito, e com effeito mostrou por sua agilidade, e valor que fôra digno daquella eleição. Re-  
ti-

tirou-se para Medina com suas tropas victoriosas; e depois de haver enterrecido Mahomet pela relação, que lhe fez das circumstancias da batalha, e morte dos seus tres Generaes, recebeu d'elle o epitheto de *Espada de Deos*.

Como os Koreishitas se lembrassem de querer romper as treguas, que tinham feito com Mafoma, Abusofião para evitar as consequencias desta irrupção, foi mesmo em pessoa a Medina, na esperanza de apaziguar seu genro, e de encontrar em sua filha efficaz intercessão para com o Corifeo dos Musulmanos, e depravado Profeta; mas depois de haver instado inutilmente para obter d'elle huma resposta favoravel, tornou outra vez para Méca tão descontente de seu genro, como indignado contra sua filha, que apenas se dignou fallar-lhe, e se atreveo a injuriallo, dizendo-lhe que elle era idolatra, e que seu marido era o Apostolo de Deos.

O manhoso Mafoma não deixou perder tão boa occasião de se fazer  
fe-

senhor de Méca. Fez seus preparativos tanto em segredo que quasi podemos dizer , que chegou ás portas da cidade , antes della ter noticia da sua marcha. Não embarçou porém a *Ateb* , hum dos chefes do exercito Musulmano , que os Mequenses fossem avisados da cilada , que se lhes armava. Compadecido das desgraças , que sua patria hia experimentar , avisou os Koraiquitas dos designios de Mahomet. Para que sua carta lhes fosse entregue com mais segurança , remetteo-a por huma sua escrava , a quem poz logo em via. Sciente Mahomet desta traição , mandou prender a escrava , e havendo á mão a carta de Hateb , mandou-o chamar , e apresentando-lha , lhe perguntou porque motivo se fazia elle réo de tão torpe , e abominavel delicto. Hateb se justificou o melhor que pode , e Mafo-ma lhe perdoou.

Estando pois já o falso Profeta a distancia de huma jornada de Méca , mandou acampar o seu exercito que era de dez mil homens : encarregou

a Omar as guardas de campo : ordenou que em toda a noite se alumiasse a campanha , e que se postassem guardas de maneira que ninguem pudesse entrar na cidade. All-Abbas , tio de Mafoma , que residia ainda em Méca , posto que professava a doutrina de seu sobrinho , persuadiu Abusofião a que fosse visitar o Impostor , que lhe rendesse homenagem como a seu legitimo Soberano , e a que abraçasse a sua Religião. Abusofião tomou este conselho , e poz-se a caminho com All-Abbas , e ambos forão deitar-se aos pés do maligno Profeta. E quão grande consolação , e regozijo não teria Mafoma de ver abatido , e humilhado a seus pés o seu maior , e mais irreconciliavel inimigo , e de o ter constringido a vir-se offerecer para ser admittido no número dos seus sectarios !

Tendo finalmente Mafoma trazido ao seu partido o cabeça da Tribu dos Koraiquitas , levantou seu arraial , e continuando sua marcha para Méca , lhe poz cerco. Bem a despeito da vi-

gorosa defenſa de ſeus habitadores , ſe apoderou logo della. O ſeu primeiro cuidado foi de abolir inteiramente o culto dos idolos , e para eſte effeito derribou por terra todos os ſimulacros , que tinham ſido o objecto da veneração dos Idolatras. Vendo porém que todos os ſeus ſequazes tiverão ſempre huma veneração ſuperſticiosa para o ſeu templo , e que a peregrinação de Méca continha já huma parte do antigo culto dos Arabes Pagãos , os quaes alli vinhão huma vez cada anno adorar ſuas divindades , em templo de tanta confideração , e respeito entre elles , como o de Delfos entre os Gregos , julgou que era muito conveniente o conſervar-lhes ſeus privilegios ; e por conſequeſcia ordenou a ſeus diſcipulos que ſempre oraſſem , tendo ſeu roſto virado para a parte de Méca , cujo templo elle queria que foſſe o lugar principal do culto , e ao qual elles irião fazer ſuas peregrinações como no tempo paſſado. Para dar mais ſublime idéa daquelle templo , engrandecello , e augmentar-lhe o respeito ,  
e

e a reputação , o malvado Impostor os capacitou de que desde toda a eternidade elle fôra edificado no Ceo , para que os Anjos adorassem nelle a Deos , que nelle mesmo Adão adorára a Deos no Paraiso ; mas que quando fôra lançado fóra pelo Anjo , pediu permissão a Deos de edificar outro semelhante sobre a terra : que Deos lho concedêra , e que para este fim lhe enviára o seu prospecto configurado em superficies , ou cortinas de luz , pelo qual Adão mandára edificar aquelle de Méca , e outras muitas ridicularias , e extravagantes persuasões. Depois de se ter desembaraçado das funções Religiosas , então se fez acclamar Rei , sem renunciar o caracter de chefe da Religião , e de Profeta , e sem mais contemporizar com seus sectarios , e compatriotas , mandou dar morte a algumas pessoas que se tinham mostrado mais indignadas contra elle antes , e na acção do assedio. As desgraçadas victimas da vingança do iracundo Mafoma forão dez , seis homens , e quatro mulheres. A maior par-

parte dos Mequenses se subtrahio á morte abraçando o Mahometismo.

Tendo pois o falso Profeta posto tudo em ordem a seu arbitrio em Méca, residindo nella em pacifica posse, mandou Chaleb com tropas para sollicitar os habitadores dos Cantões vizinhos a se sujeitarem ao seu imperio, e abraçarem sua Religião; mas prohibio-lhes vias algumas, que não fossem a brandura, e persuasão. Chaleb porém não se conformou com as intenções do seu Rei. Para vingar a morte de hum tio seu, que fôra morto pelos Giadimitas, passou todos estes desgraçados ao fio da espada, não obstante terem-lhe sahido ao encontro a pedirem a paz, e elle ter-lhes promettido a posse pacifica de seus bens, e de suas vidas, com tanto que professassem a lei de Mahomet. O Profeta desapprovou alta, e poderosamente aquella acção do seu official, e tomou a Deos por testemunha da sua innocencia. Para de algum modo diminuir o mal, que Chaleb tinha feito, mandou seu genro Ali para a Tribu que el-

elle tratára tão desapiadadamente, e deo-lhe ordem, que pagasse aos parentes dos mortos o preço do fangue, que havia sido derramado. A equidade pedia que se castigasse severamente o author de tão fanguinolenta carnagem; mas não quiz Mafoma perder hum homem, de quem tinha recebido, e ainda podia esperar grandes serviços.

O Pontifice guerreiro, chefe dos Musulmanos, via-se obrigado a estar sempre em armas. Effectivamente tinha inimigos, que combater. Muitas Tribus reunirão suas forças debaixo do commandamento de hum tal Mallec com intento de suspenderem as conquistas do denominado Profeta, e de se subtrahirem á sua dominação. Mafoma sahio de Méca para as ir atacar com hum corpo de doze mil homens: os dous exercitos se avistarão no valle de Honaina. O de Mafoma era muito superior ao das Tribus, pois este não chegava a oito mil combatentes. Parecia ao Impostor, que não haveria mister mais do que

F

apre-

apresentar-se elle com o seu exercito, para o terror de suas armas affugentar seus inimigos ; mas enganou-o sua presumpção, porque travando-se batalha, teve o íusto, e mortificação de ver suas tropas em desordenada confusão, e derrota no primeiro ataque. Afflicto se vio, mas o presentaneo uso, que soubera fazer da sua habilidade, e maximas, conseguiu-lhe a muito custo pôr outra vez em boa ordem os seus soldados, e reforçando o ataque, obrigou seus inimigos a fugir huns apôs outros : foi sobremodo grande a mortandade de huma, e outra parte, e o saque foi considerabilissimo, como tambem o número dos prisioneiros.

Depois desta victoria foi pôr cerco a Taife, de que nenhum fruto tirou por não poder conquistalla. Levantou o sitio, e foi aquartelar-se em huma cidade de suas visinhanças, na qual tinha arrecadado o saque, que fizera na batalha de Honaina. As Tribus alliadas, que elle tinha vencido, e saqueado, lhe mandarão Embaixado-

dores, para que quizesse entregar-lhes suas mulheres, e filhos, e tudo o mais, que comſigo tinham levado. O General Malec foi entregue de tudo o que lhe pertencia, porque se fez Muſulmano, e quanto ao mais, reſtituiu os prifioneiros deſpojados de todos os ſeus bens. A repartição do ſaque motivou grandes murmurações, e diſputas no exercito dos Muſulmanos, mas o ſeu pertendido Profeta teve arte de lhes ſocegar os animos.

O nono anno da Egyra he memoravel pelas diferentes Embaixadas, que os Principes da Arabia enviárão a Mafoma, tanto para o congratular ácerca de ſuas conquiſtas, como para ſe reconhecerem ſeus tributarios. Bem a ſeu despeito conhecêrão elles, que não eſtavão em eſtado de reſistir a inimigo tão poderoso; e por tanto mais quizerão fugeitar-ſe voluntariamente, do que exporem-ſe a huma guerra, cujas conſeſquencias lhes poderião ſer de funeſto pezar.

Subjugada já quaſi toda a Aſia, formou Mahomet o deſignio de in-

trazer na Assyria suas tropas victo-  
 riosas , e de ir atacar os Romanos.  
 Não escondeo , nem dissimulou , como  
 ordinariamente succede , aos seus solda-  
 dos as fadigas , e os perigos , a que esta  
 expedição os expunha , e por esta  
 causa elles se mostrarão descontentissi-  
 mos ; mas os principaes Officiaes de-  
 rão evidentes provas de zelo , e de  
 ardor para huma empresa , cujo suc-  
 cesso os havia de encher de gloria ,  
 e immortalizar seus nomes. Tendo  
 alentado com seu exemplo o animo  
 dos soldados , Mahomet se poz em  
 campo nos mais activos calores do  
 verão com vinte mil homens de In-  
 fantaria , e dez mil de Cavallaria. De-  
 pois de muitos dias de marcha , che-  
 gou á cidade de Tabuco , pertencen-  
 te ao Imperador Grego , da qual se  
 apoderou logo , e nella recebeo as  
 Embaixadas de muitos Principes chri-  
 stãos , que se obrigárão a pagar-lhe  
 hum tributo annual para os deixar na  
 pacifica , e segura posse de seus esta-  
 dos. E aqui vemos como hum des-  
 presivel negociante de Méca , chegou

a ir accommetter em seus mesmos Thronos aos descendentes de Cesar: a tanto o elevou a superstição dos Arabes, a estúpida credulidade dos homens!

Mahomet depois da sua expedição da Syria, recolheo-se a Medina, aonde achou enviados da cidade de Tai-fe, que vinhão offerecer seus moradores á sujeição do seu Imperio, com tanto que se lhes deixasse livre permissão de render culto religioso ao seu idolo. O Profeta de nenhum modo o quiz consentir, e exigio huma submissão pura, inteira, e simples á sua doutrina. O poder do malvado Mafoma tinha-se feito tão formidavel, que ninguem se atrevia a resistir-lhe, de forte que acabou de estabelecer o seu Imperio, e a sua Religião em todas as Provincias da Arabia. Depois de haver tomado todas as medidas necessarias para conservar o extenso dominio de suas conquistas, veio a Méca para satisfazer ao preceito da peregrinação, que elle mesmo estabeleçêra. Accrescentou algumas ceremonias

nias ás primeiras , que elle já tinha estabelecido , fez muitas exhortações aos póvos , que tinham concorrido para verem o seu novo senhor , e quando foi tempo voltou para Medina. Esta jornada de Mafoma a Méca he conhecida entre os Musulmanos pela *Peregrinação do ultimo adeos* ; porque foi a derradeira , que o seu Profeta fez.

Finalmente acabou Mafoma de estabelecer o seu Imperio , e a sua Religião em todas as Provincias da Arabia , para as quaes mandou seus Lugares-Tenentes , assim para o governo civil , e militar , como tambem para abolirem o antigo culto , e confirmarem sua Religião.

Chegou finalmente o tempo , em que o temeroso , e falso Profeta , depois de haver estendido suas conquistas , e sua Religião até á distancia de quatrocentas leguas de Medina para o Levante , e para o Meio-dia , entra a sentir o mortal effeito do veneno , que lhe ministrarão em Chaibar , e que , depois que o recebêra , tanto o obri-

obrigára a padecer até então , que suscitando-lhe insupportaveis dores , lhe excitou ardentissima febre. Nos primeiros dias de sua activissima enfermidade não faltou a ir á Mesquita nas horas de oração. Quando conheceo , que seu mal se augmentava , mandou vir á sua presença os principaes Anserienes , e lhes recommendou estas duas cousas. I. Que não soffressem na Arabia homem , que fosse idolatra. II. Que concedessem os mesmos privilegios , que elles gozavão , a todos os que quizessem professar sua Religião. Estas forão as ultimas vozes concertadas , que o envenenado Profeta proferio , pois dahi passou a estado dilirante : assim mesmo pedia penna , e tinteiro para escrever , segundo elle dizia , hum livro , cuja leitura deveria preservar seus discipulos de todos os erros ; mas Omar prohibio que se lhe levasse , dizendo , que o Alcorão era de sobejo. A fim de quinze dias de doença , morreo Mafoma em Medina , tendo de idade 62 , 63 , ou 64 annos , no vi-

ge-

gesimo terceiro da usurpação de qual-  
 lidade de Profeta , no undecimo da  
 Egyra ; e na Era de Jesu Christo de  
 632. A maior parte de seus sequazes  
 não se querião capacitar de que elle  
 acabára de viver , nem consentir , que  
 o enterrassem. Omar , que de seu ob-  
 stinado perseguidor , se tornou seu  
 Apostolo , e que era daquelle mesmo  
 parecer , declarou em altas vozes com o  
 alfange na mão desembainhado , que  
 elle faria em quartos a todo aquelle ,  
 que se affoittasse a affirmar que Ma-  
 foma tinha morrido , por quanto o  
 Profeta de Deos não podia morrer.  
 Abube-Kero porém não quiz deixar  
 Omar , nem o povo nesta estúpida per-  
 suasão : provou com passagens do mes-  
 mo Alcorão , que Mafoma á maneira  
 dos mais homens , devia tambem mor-  
 rer , e tirou a todos os assistentes de  
 seu enthusiastico , e ridiculo erro. Di-  
 versas contestações houverão ácerca do  
 lugar , em que se havia depositar o  
 corpo de Mahomet , e finalmente foi  
 sepultado na camara de sua mulher  
 Aieza , aonde elle mesmo quiz mor-  
 rer.

rer. Muita gente ainda hoje crê, que o corpo de Mafoma, sendo fechado em hum tumulo de ferro, e transferido para huma capella, cujas paredes estavam revestidas de pedras de *Iman*, tinha o tumulo ficado suspenso no ar em virtude do esforço respectivo da attracção de todas as pedras. A pezar de bastantes Escriptores terem refutado esta fabula, ella todavia mofa da credulidade, não só do vulgo ignorante, mas tambem de alguns presumidos engenhos.

Quando se considerão os rápidos progressos do Mahometismo, he de pasmar, que hum só homem, hum méio particular pudesse em tão breve tempo mudar a face do Universo. Mafoma não sahiria tão bem de sua mofina empreza, nem com tanta facilidade teria de seu arduo designio satisfação acabada, se as circumstancias lhe não fossem tão favoraveis. Os Ethiopios, que naquelle tempo erão Christãos, e os Persas tinhamo invadido diversos Cantões da Arabia, ao mesmo tempo que os Romanos forcejavão quan-

to podião para os attenuar por outra parte, e que os Judeos tinhão penetrado até o centro do paiz. Ora como estes differentes póvos pertendião todos introduzir a sua Religião na Arabia, o que se encaminhava defcortinadamente a destruir todas as antigas tradições, e as nações commumente recebidas. Mafoma, que emprehendeo a defenfa dellas, e que as soube conservar, fazendo-as entrar no seu novo systema com muitos Dogmas dos Judeos, e dos Christãos, conciliou muito melhor os animos, que outra nenhuma feita o poderia fazer. Querendo o Impostor erigir-se em Profeta, não buscou destruir de todo a crença de seus compatriotas: antes pelo contrario a sua antiga crença servio de base, e fundamento ao novo, e infernal edificio, que elle queria construir. Mas admirando a sua sagacidade, simulação, e astucia; que horror nos não deve inspirar hum homem, cuja temeraria impostura foi tão damnosa, e funesta ao genero humano! Que de rios de sangue não fez elle

correr sobre a terra? Que perturbações não excitou elle no mundo? Sim, o Mahometismo foi quem tragou de repente toda a Christandade do Oriente; quem destruiu os mais antigos, e os mais bem fundados Imperios; quem arruinou quantidade innumeravel de cidades illustres; e quem fez perecer muitissimos milhares de homens, a quem se queria converter a ferro, e fogo.

Os assoladores do Imperio Romano, por mais barbaros, que forão, não causarão no mundo tantas ruinas, e desolação. Sempre se quizerão aproveitar da favoravel situação dos Estados, aonde a sua fortuna os tinha conduzido. Deixando sua gelada, estéril, e inculta patria, acharão debaixo de outro clima riquezas, que elles não conhecião; porém menos commovidos por este objecto, que pelo nobre desejo de adquirir conhecimentos, adoptarão a Religião, e os costumes dos povos, que tinham subjogado; de sorte que se tivessem tempo de se polir, e civilizar nos lugares, que occupavão, talvez que pouco,

co, ou nada se viesse no conhecimento de sua invasão; mas outros barbaros, que os repulsarão, fizerão, que em tres seculos consecutivos não estivesse o Occidente submettido senão a conquistadores transitorios, os quaes se vião obrigados a fazerem mais mal aos territorios, que deixavão, que sua inclinação os movia a fazello áquelles, aonde chegavão. Os Arabes pelo contrario semearão mais desgraças no mundo, e derramarão nelle mais deleixamento, e devassidão, preguiça, e ignorancia, que a maior capacidade dos Gregos, e dos Romanos tinha deffipado no decurso de quinze, ou vinte seculos. Aquelles furiosos Musulmanos tiverão o cruel gosto de destruirem as Bibliothecas, e todos os monumentos consagrados á gloria das acções dos grandes homens. Ninguém haverá, que se lembre sem dor, e summo pezar do funesto incendio da famosa Bibliotheca de Alexandria, composta havia tantos seculos por muitos Reis entendidos, e poderosos, e augmentada successivamente em cada ida-  
de

de pelos homens mais sabios daquelles tempos. Era ella o thesouro universal de toda a historia do mundo, das opiniões de todos os Filozofos; de todas as pesquisas naturaes, e de todos os conhecimentos, a que os homens podião ter chegado pelo estudo, meditação, e experiencia: incendio, que não se póde attribuir, nem ao calor de huma acção guerreira, nem á vingança do soldado fatigado de hum prolixo cerco, nem ao rigor, e austeridade do General, que havia tomado Alexandria; mas unicamente ao capricho, e superstição do velho Omar, segundo Califa, que depois de se apoderar da cidade, consultado sobre o que se faria de tão grande multidão de livros, respondeo, que convinha queimallos, porque o Alcorão só por si era bastante, e suppria todos os livros. Com effeito esta ordem se executou, e tão grande quantidade, e variedade de livros, juntos com tanto cuidado, e despeza, servio para aquentar os banhos de Alexandria por espaço de quasi outo mezes. Perda irre-

reparavel , e que custou ao mundo ainda mais , que o cumulo dos estragos , que todos os Barbaros produzirão. Foi o fanatismo quem excitou os Arabes a semelhantes excessos : fanatismo occasionado pela estimação , e apreço estulto , que fazião do seu Alcorão , que elles consideravão como a mais sublime obra da sabedoria de Deos , e como unico , o qual só era digno de fixar a attenção dos homens. Esta mesma opinião era o principio do desprezo , que os Musulmanos fazião antigamente das sciencias. Cumpre agora dar a conhecer o genio , os usos , e costumes daquelle povo , que adoptou a Religião de Mahomet , e que a propagou por grande parte do Universo.

A Arabia he huma grande Península da Asia , terminada ao Septentrião pela Turquia ; ao Oriente pelo Golfo , ou mar da Persia ; ao Meiodia pelo Oceano Indiano ; ao Poente pelo mar vermelho , e pelo Istthmo de Suez. O espaço , que junta a Arabia ao continente , he territorio horrivel ,

e medonho por seus vastos desertos, inhabitado, e inhabitavel, por causa da profunda arêa, que o cobre, e por ser ahi a agua tão mesquinha, e rara, que hum poço constitue a riqueza essencial de huma povoação de quinze leguas em redondo. Divide-se a Arabia em tres partes, a saber: Arabia Feliz, que não merece o epitheto, que francamente se lhe dá, senão comparativamente ás outras duas partes, situada debaixo de hum, clima aonde os calores são excessivos, não he inteiramente habitada senão em lugares, aonde as sombras dos montes, e as aguas, que sahem delles em algumas partes, alivião, e refrigerão de algum modo seus habitadores. Arabia Deserta, e Arabia Petrea. Em qualquer destas de nenhum modo he mitigado, nem suavizado o calor. A terra sempre árida, e esquentada não offerece mais, que arêas, e rochedos.

Os Arabes pela situação de seus territorios estavam separados de toda a mais gente; mas a falta de communição com os outros habitadores do

mun-

mundo não tinha acanhado nem seus conhecimentos, nem suas luzes. Em todo o tempo cultivarão sempre as sciencias mais úteis, e mais relevantes. Fizerão nellas grandes progressos sem o soccorro dos descobrimentos das outras Nações, tendo nelles produzido a attenção unicamente o que a prolixa experiencia fez conhecer aos outros povos. Applicando-se porém aos conhecimentos sublimes, não desprezarão os que poderiam ser de uso mais commum, e ordinario. Adornarão seu idioma das bellezas mais delicadas, e encantadoras da eloquencia, e da Poesia, tendo hum gosto genuino, e admiravel, tanto para produzirem pensamentos vivissimos, e engenhosos, como para os exprimir em verso, e em prosa com exacção, regularidade, e selecção de termos exquisita, e de singular dignidade; aquelle maravilhoso talento não era fruto do estudo, mas de huma educação corrente, administrada em suas proprias familias debaixo da vigia, e direcção dos mais anciãos, que não tinham apren-

aprendido senão de seus pais a cortezia, e urbanidade, que transmittião a seus filhos.

A constituição natural dos Arabes era a mais robusta, e a mais forte. A sobriedade, e trabalho, a que se acostumavão desde a mais tenra idade, junto á pureza do ar, que respiravão, e ao calor do clima, que lhes causava huma transpiração sufficiente, conservava sua robustez, e faude até decrepita idade. Em consequencia desta disposição do corpo, seu juizo era ordinariamente sólido, claro, exacto, e constante, porque tinham poucas paixões. Sim erão graves, e melancolicos, mas sem capricho, e sem aspereza, nem má indole. A singeleza de seus costumes estava entre meio da baixeza, e do orgulho. Achava-se entre elles humanidade acompanhada de honesta, e decente altivez, que não se podia attribuir senão á solidez de seus sentimentos. O retiro, em que vivião, os avezava ao conhecimento de si mesmos, e a fazerem-se dignos de sua propria estimação.

O valor não podia deixar de ser huma qualidade usual em hum povo, que para a sua conservação se via continuamente obrigado a fazer guerra aos brutos mais ferozes.

Esta vida solitaria dos Arabes lhes era sobremaneira vantajosa. Produzindo nelles a temperança, lhes inspirava o desprezo das riquezas, e dos prazeres. Era ella quem lhes servia para o absoluto dominio sobre as paixões impetuosas, que entre nós perturbão tão frequentemente a sociedade; e quem contribuia a augmentar seus conhecimentos, que elles estendião conforme seu gosto, e genio particular ás sciencias mais difficeis. Ainda que quasi não tivessem trato entre si, não erão todavia menos destros, e habéis no trafico, e agencia dos seus negocios. Acostumados a se possuirem sempre perfeitamente a si mesmos, a indiscrição, a mentira, a cólera, e a alegria immoderada, erão defeitos, que não se poderião criminalar nesta Nação. Antes que a avariza, e ambição os corrompesse, erão  
tão

tão moderados , que engolfados em thesouros immensos de todo o Oriente , de que forão Senhores , não tiravão de todas estas riquezas mais , que a porção necessaria para a sua subsistencia , sem se proporem a fazer outro uso de tantos bens , senão de os distribuirem pelas pessoas , que lhes parecião benemeritas , e pelas indigentes.

Quando os Arabes desampararão sua solidão pelo desejo de fazer conquistas , principiou a achar-se-lhes defeitos , que ninguem até alli lhos tinha conhecido , e que tornarão seu nome odioso , e detestavel. Eu fallo daquella dureza de coração , consequencia necessaria do seu temperamento secco , e bilioso , e da vida solitaria , a que estavam acostumados desde a sua infancia : fallo tambem daquelle barbaro desprezo para tudo o que era mais amado , e estimado dos outros povos ; daquella preferencia dada sem medida , e sem limites ás suas opiniões , e a seus usos : daquella crueldade , que os arrojou a tirarem ao

do ametade dos seus habitadores , e a privarem os que lhe deixárão de todas as luzes , e conhecimentos , que o genero humano tinha adquirido a poder de desvellos , fadigas , confusões , e penosos trabalhos.

Foi o ancioso desejo de propagar sua Religião quem fez os Arabes crueis. O fim de suas conquistas era o estabelecimento de novos dogmas , que havia pouco acabavão de adoptar. Por esta causa seus primeiros Capitães não propunhão já mais outras condições ás Provincias , em que entravão vencedores , senão as de abraçarem a mesma Religião , e de serem admittidos por este meio a huma verdadeira fraternidade ; ou de receberem senhores absolutos unicamente occupados em fazer sentir o pezo de seu cruel dominio. Esta dureza de coração , que se attribuia aos Arabes depois da morte de Mafoma , e em tempo de seus successores , era fortificada por seu governo sempre relativo á Religião , que estabelecião por suas conquistas : por quanto toda a economia da-

daquelle governo sendo fundada sobre huma obediencia céga , e precisa , que deve ser sustentada pela crença de hum destino inevitavel ; então se comprehende que elles consideravão o ufo da piedade como o maior obstaculo , que se podia encontrar na exacção de sua disciplina civil , e Religiosa.

Os Turcos , como todo o mundo sabe , abraçárão a Religião de Mahomet. Estes póvos são originarios de Scythia. Duas colonias suas , depois de haverem inundado as Provincias visinhas se estabelecêrão , huma na Syria , e outra na Persia. A primeira abraçou a Religião de Mafoma , e fundou os Reinos de Alepo , de Damasco , da Iconia , e se misturou com os Sarracenos. A segunda ainda Idolatra apoderou-se da Persia , e ahi estabeleceo hum Principado , todo composto de Turcos naturaes. Havia entre estes ultimos duas familias de exclarecida nobreza , ás quaes elles cedião o soberano poder. Chamavão-se os Oguzienos , e os Selguzienos.

nos. Erão oriundos de Augus, ou Ogus, e de Selguz, dous seus avoengos, que vivêrão em tempos muito remotos, e cujos descendentes governarão sempre os Turcos sem interrupção.

Quasi no meado do XIII. Seculo, Solimão era o cabeça da casa de Oguz. Hum formidavel exercito dos Parthos desceo á Persia, aonde elle reinava, e o obrigou a desamparar seu Reino. Divagou por toda a Asia, para buscar novo estabelecimento, porém morreo afogado na passagem do rio Eufrates. Seu filho Ortogul continuou sua digressão, e tendo chegado a Misnia, enviou hum Deputado a Aladino, Sultão de Iconia para obter deste Principe asylo em seus estados, offerecendo-lhe sua obediencia, e servillo contra seus inimigos. Aladino não sómente o recebeo com muita humanidade, mas tambem lhe concedeo a povoação, e territorios de Seguta em Misnia para sua moradia. Passado algum tempo, o Sultão lhe offereceo as primeiras dignidades do

Imperio se quizesse abraçar o Mahometismo. Ortogul de boamente acceitou, e seu exemplo foi logo seguido de todo o seu povo. Desde então nunca mais houve destinação entre os Turcos, e os vassallos de Aladino.

Ortogul teve hum filho chamado Ottomão, e que depois da morte de seu pai descubrio igualmente o segredo de se fazer amar do Sultão de Iconia. Este ultimo morreo sem filhos, e sete principaes Senhores da sua Corte aspiravão a lhe succeder. Quando estavam já prestes a derramar o sangue dos povos para satisfazerem a sua ambição, concordarão em dividir o Imperio em sete Tetrarchias. Ottomão, ainda que estrangeiro, foi admittido nesta partilha. Formarão finalmente sete soberanias, quaes forão: *Turquia*, *Caramania*, *Iconia*, *Lidia*, *Bitinia*, *Caria*, e *Pasflagonia*. Ottomão, que ficou com a *Turquia*, escolheo logo a cidade de Acre para lugar da sua residencia, e se propoz cobiçosamente a estender os limites do seu do-

dominio. Depois de hum trabalho affedio, escalou a cidade de Bursa, capital da antiga Bithinia, para onde transferio a sua Corte. Teve a satisfação de quasi no fim da sua vida gozar das delicias de huma doce paz; o que bem raras vezes succede aos fundadores de grandes Imperios. Este Principe governou com summa bondade, prudencia, e sabedoria, e deixou a seus successores exemplos, que mui poucas vezes forão imitados. Orcão, seu filho, possuidor de hum estado já florecente, tambem augmentou as suas conquistas. Solimão, filho de Orcão, que ao depois reinou, estendeo os limites do seu Imperio até á Europa, em que se apoderou da famosa cidade de Andrinopoli. A morte o arrebatou no meio de seus projectos, e acções. Amurat, seu irmão, e seu successor, fez seu nome célebre por suas gentilezas, e victorias. Foi elle quem transferio a Corte para Andrinopoli, e estabeleceo a famosa, e revoltosa milicia denominada *Genizeros*. Elle mesmo foi, que creou

o cargo de Grão-Visir , e que deo á Monarchia dos Turcos a fórma , que sem muita differença hoje lhe vemos.

Acabámos de dar huma previa noção da vida , conquistas de Mafoma , e do estabelecimento do actual Imperio Ottomano ; agora daremos a clara , e distincta idéa da Religião daquelle tão famoso , como falso Profeta , e das principaes circumstancias do governo Civil , e Militar do mesmo Imperio Ottomano , advertindo , que o que vou relatar da Religião de Mafoma he mórmente a respeito da que professão os Turcos , não obstante serem communs os principaes artigos a todos os Mahometanos.

## C A P I T U L O II.

### *Da Religião dos Turcos.*

**J**A' vimos como hum só homem barbaro , e de estragada imaginação emprehendeo , e conseguiu o es-

ta-

tabelecimento de hum vasto Imperio, e de huma nova Religião. Agora vamos dar huma previa noção de qual seja aquella Religião: qual a milicia, e governo civil dos Turcos, grandes cargos, e dignidades do Imperio. As ceremonias, doutrina, e leis, que constituem tão extravagante Religião, he que primeiro ha de formar o objecto da nossa narração. Tudo isto pois está comprehendido em tres livros, a que podemos chamar o Código da lei de Mafoma. O primeiro destes livros he denominado *Alcorão*, o segundo *Afforathe*, e o terceiro include em si as consequencias, que se inferem do Alcorão.

A doutrina de Mafoma está inteiramente escripta no Alcorão; e este livro serve de Lei, e de Evangelho aos Turcos: he composto de hum misto disforme do Velho, e Novo Testamento; ou para melhor dizer, são estes mesmos dous livros desfigurados, e confundidos com fabulas, e imposturas, interpolados, mutilados, e cheios de contradicções, absurdos,

e anachronismos : o seu estilo ainda que empolado , e inteiramente ao gosto Oriental , offerece ao Leitor algumas vezes varios lugares , ou pedaços tocantes , e sublimes. O Alcorão tambem se chama *Corão* , ou *Coran*. Esta palavra significa lição , leitura , ou o que deve ser lido ; bem como nós chamamos á nossa Biblia , Escriptura. O Alcorão , ou Biblia Mahometana está dividida em quatro partes ; e estas em capitulos , que se subdividem ao todo em seis mil versos. Cada Capitulo tem seu titulo differente , e todos elles rediculissimos ; como por exemplo , o Capitulo da Vacca , do Elefante , da Aranha , da Formiga , da Mosca , &c. Tudo está escripto com tão pouca ordem , e methodo , que não fórma mais , que huma aborrecivel , e continuada miscelanea , o que não obstante tem os Mahometanos huma veneração tão estúpida a este livro , que tem pena de morte qualquer Christão , ou Judeo , que lhe tocar , e ainda qualquer Musulmano , que lhe pegar , sem primeiro

la-

lavar as mãos. Sobre o tempo, e modo, porque se compoz o Alcorão, não são as opiniões conformes: huns dizem, que Aisquea, ultima mulher de Mahomet, recolhêra todos os apontamentos, e memorias de seu marido, e as dera a hum Doutor da lei, que as trasladou, e dellas compoz o Alcorão; outros affirmão, que elle fôra composto, vivendo ainda Mafoma, e reformado depois da sua morte: os que são deste parecer, corroborão sua opinião dizendo, que hum certo Abdiacen-Solão, Judeo de Nação, e Persa, foi o principal de todos, que ajudárão Mafoma nesta fatal empreza; e entre outros *Sergio*, Monge Christiano, o qual professava a heresia de *Nestorio*. O primeiro, por ter sido Doutor da Lei, ou *Rabino*, tinha sobejo conhecimento da Religião dos Judeos, dos seus costumes, e da sua sciencia. O segundo depois de haver sido lançado fóra do seu Hospicio, pelos grandes, e enormes crimes, que commettêra, tinha-se refugiado em Méca. O Assorathe comprehende a

tradição da Lei de Mafoma, os principios, e opiniões dos sabios desta Lei.

A diversidade de opiniões dos Doutores da Lei de Mafoma quasi se póde dizer que fórmão outras tantas feitas na Turquia; o que não obstante todos se conformão nos cinco Artigos fundamentaes, dogmaticos, e communs a todo o Musulmanismo, e que cada Turco está obrigado em consciencia a praticar, quaes vem a ser. I. Conservar as partes exteriores sempre limpas. II. Fazer oração a Deos cinco vezes no dia. III. Observar o *Ramasão*, ou *Ramadão*. IV. Dar cumprimento ao *Zacate*, ou *Zekiate*. V. Fazer a peregrinação da Méca.

A Theologia, que o astuto Impostor dogmatizou, e que seus sequezes adoptarão, e em certo sentido alguns Doutores da Lei tem corrompido, ampliado, e transfigurado a seu modo, vinha a ser. I. Crer a verdade; isto he, a existencia, e unidade de Deos, excluindo qualquer outro

## HO HISTORIA DA VIDA

poder, que pudesse modificar, ou participar do seu, e da sua vontade; o que Mafoma excluia geralmente pelo nome *Affociação*, como idéa mais vil, e indigna, que se podia formar da Divindade. II. Crer que Deos, Creador Universal, he Omnipotente, Omnisciente, pune o vicio, premeia a virtude não sómente nesta vida, mas ainda depois da morte; porque todos os homens hão de resuscitar, e apparecer diante d'elle para serem julgados, segundo o que praticarão sobre a terra. III. Crer que Deos he piedoso, e que fazendo uso da sua misericordia para com os homens, que se poderiam perder por falta de instrucção, e de doutrina, que os pudesse tirar do vicio, e lhes fizesse conhecer a verdade, e praticar a virtude, lhes suscitou naquelles ultimos tempos especial, e pessoalmente Mahomet para ser seu Profeta, e para lhes ensinar os meios de agradarem a Deos, de alcançarem o premio dos bons, e de evitarem o castigo dos máos; e em summa, aqui recapitularemos em geral

ral os pontos principaes do Mahometismo. I. Crer que Deos he hum tanto em pessoas , como em essencia. II. Que Mafoma he seu Profeta. III. Que os mortos refuscitarão , e hão de ser julgados. IV. Que a Missão de Jesu Christo foi verdadeira , e divina Missão. V. Que elle nasceo de huma Virgem. VI. Que seus milagres , e doutrina são realmente de Deos. VII. Que o peccado do primeiro homem se não transmittio a seus filhos ; isto he , que não somos filhos da culpa. VIII. Que os Anjos são os ministros , que executão as ordens de Deos , e que o Anjo S. Gabriel he o primeiro. IX. Que o destino , e predestinação he real , e absoluta. X. Que ha hum Ceo , e hum Inferno. XI. Que todo o Mahometano deve ser circumcizado. XII. Que a sua Religião não deve ser propagada senão á força de armas ; e por este motivo os seus *Imans* , ou Sacerdotes , fazem suas humilias , e prégações com hum alfange na mão desembainhado. XIII. Que os Musulmanos , ou Fiéis , que

ma-

matão os incrédulos, vão para o Ceo. XIV. Que o que bebe vinho pecca mortalmente; assim tambem os que jogão a dinheiro. XV. Os Mahometanos lem muitas coufas por tradição auricular, que elles mesmos dizem, que Mahomet as ouvira da boca de Deos na sua *Mesra*. XVI. Que a alma he immortal; mas que não he distincta da substancia material, senão em quanto se suppõe que Deos a fez vivente, e capaz de todas as suas funções animaes, e racionaes. XVII. Que havendo contradição em quaesquer dous lugares do Alcorão, o Profeta revoga, e annulla hum. XVIII. Que o adulterio seja crime capital; o que não obstante o mesmo impudico Impostor usurpou a mulher de seu escravo Zaid. XIX. Que podem os Mulmanos não sómente terem mulheres legitimas, mas ainda o número de escravas, ou concubinas, que puderem sustentar, e elle, falso Profeta, teve vinte á sua parte. XX. Que os proprios diabos virão a ser convertidos pelo poder, e virtude do Alcorão.

rão. Mafoma admittia o Velho, e Novo Testamento, e citou muitas passagens delles, com a disparidade, que o Leitor poderá julgar, para justificar, e provar a sua falsa missão.

Estes artigos de Fé, e de Doutrina, e desmesurada quantidade de outras tradições, falsas, ímpias, e ridiculas fórmão o cahos monstruoso da Religião Mahometana, e nos fazem ver até onde a superstição, e nimia credulidade póde levar os homens. Vê-se tambem, que o pessimo mentiroso, para edificar o seu systema, extrahio muitas cousas da Religião dos Judeos, e dos Christãos. Todavia a huns, e outros tinha odio mortal. Imputava aos primeiros a depravação do Texto da Lei, por principio de aversão contra as outras Nações; por causa de orgulho, e de vaidade, que os fazia ensoberbecer, e desprezar todos os povos do mundo, dando-se a si preferencia; e por motivo de avareza, que os movia a enormes usuras para despojar, e deteriorar os mais homens dos seus bens,

longe de praticar a caridade, e compaixão, que constituem as virtudes mais necessarias para a sociedade, e que lhes tinham sido tão grande, e especialmente recommendadas na lei. Accusava os Christãos de terem corrompido o Texto do Evangelho por principio de rixas, e defavenças extraordinarias, que entre elles reinavão; e cujo principal effeito, depois de reciprocas perseguições, havia sido a alteração, e perversão de hum livro, que não ensinava senão verdades simplissimas, não recommendava senão a paz, e união, e condemnava igualmente as animosidades, e opiniões extremas de todos os partidos. Taes erão as queixas, e criminação, que aquelle teterrimo Impostor fazia ácerca dos Judeos, e dos Christãos.

Huma Religião, que não reconhece por author senão hum barbaro sem letras, e sem costumes; que tem por Apostolos, Judeos, Pagãos, e Christãos hereticos, e que não se propaga senão por violencia do ferro, e fogo, e pela destruição; eis-ahi pois

a Religião de Mahomet, ou de Mafoma.

Certo homem fabio da França confiderou os artigos fequintes, como indices, e caracteres inseparaveis da impostura. I. Ella tem sempre por fim algum interesse carnal. II. Não póde ter por Authores senão homens pestilentos, e depravados. III. Ambas estas cousas deym necessariamente fazer-se conhecer na composição da impostura. IV. Esta não póde ser tão bem tecida, e digesta, que não contenha muitas falsidades palpaveis, que descubram a falsidade do todo. V. Por toda a parte, aonde ao principio he divulgada, nunca he introduzida senão por fraude, e por astucia. VI. Ainda quando tenha muitos sectarios occultos, e disfarçados, não póde estar muito tempo sem se manifestar. VII. Finalmente não póde ser estabelecida senão por força, e por violencia. Ora que todos estes caracteres convém a todas as imposturas, e particularmente ao Mahometismo; e que nenhum delles póde ser attribuido

do ao Christianismo, he o que o famigerado Author, donde são tirados, provou assáz em huma Epistola, ou carta dedicada aos Deistas do nosso Seculo.

### CAPITULO III.

#### *Do Mufti.*

**O** *Mufti* he o cabeça, o Magno Pontifice da Religião Mahometana em Turquia: he o Oraculo, que resolve todas as questões difficeis da Lei: he nimiamente respeitado pelos Turcos, e estes o considerão como infallivel: a sua eleição depende absolutamente do Grão-Senhor, o qual nomeia sempre para este emprego algum homem de probidade, sabio da Lei, e muito bem reputado por suas virtudes. Sua authoridade he tal, que a sua decisão nem o mesmo Grão-Senhor a contradiz. Todas as suas decisões são dadas por escripto, e suas sentenças terminão os mais renhidos, e importantissimos processos. O Sultão

o consulta em todos os negocios de Estado, e não emprenhe cousa alguma de consequencia, sem primeiro ouvir o seu parecer. Acontecendo algumas vezes, que o Grão-Senhor encontre obstaculo a seus designios na pessoa deste Ministro, então elle he deposto, e substituido por outro, que falle, e obre segundo a vontade do Principe: se porém este segundo o não faz desta maneira, he tambem deposto, e substituido por hum terceiro, e assim os mais, até que venha hum, que se accommode aos interesses, e affectos do Grão-Senhor, que os elege. Se alguma vez succede, que o Mufti commette grande erro, ou falta, o Grão-Senhor arroga a si o poder exclusivo de depôr; isto porém succede raras vezes. Todos, que receião, que o Juiz ordinario lhes não faça justiça, podem ir queixar-se verbalmente, e em poucas palavras ao Mufti, e a sua resposta, e resolução he tida pela verdade. He igualmente uso quando se quer alcançar alguma cousa do Grão-Senhor, prevenirem-se com a de-

ci-

cisão deste Oraculo , para fazer conhecer ao Principe , que elle a póde conceder em consciencia , e conforme a Lei.

O Mufti sómente , e nenhuma outra pessoa , tem audiencia do Grão-Senhor , quando a manda pedir. Este Monarca o recebe sempre com todo o decóro , grande veneração , e acatamento , porque levanta-se , quando o Mufti entra , e o reverenceia , baixando a cabeça , o que não faz a nenhum de seus Ministros. Ha muitos Muftis em Turquia , mas o de Constantinopla he o mais estimado. Relataremos a cerimonia , que se pratica , quando toma posse da sua dignidade. Apresenta-se ao Sultão , que depois de o ter revestido a seu modo , lhe faz presente de grande somma de ouro , que elle mesmo lhe mete em suas vestes. Consigna-lhe logo huma certa renda , e lhe permite tirar quanto puder do redito de algumas Mesquistas Reaes , que para elle ficão sendo como outros tantos beneficios. Tem certas taxas , e emolumentos , que recebe

be pelas sentenças, e mais despachos, que dá; e isto lhe faz tambem huma renda considerabilissima: quando tem tomado posse do seu emprego, todos os Embaixadores das Potencias Estrangeiras costumão visitallo, e fazer-lhe hum presente; o que augmenta extremamente suas riquezas. Quando qualquer Mufti he deposto, e nenhuma razão concorre para a sua deposição, senão a vontade absoluta do Principe, sempre o gratificação, e lhe conferem poder de dispor de alguns empregos de judicial em algumas Provincias, cuja jurisdicção lhe confião: isto lhe produz huma renda sufficiente para poder subsistir com abastança, e decencia. O credito, e authoridade do Mufti sobre o espirito do Sultão, lhe dá tanta veneração, e respeito em todo o Imperio, que os mais poderosos, e maiores Senhores o buscão, e lhe fazem sala, e procurão anciosamente o seu patrocínio, e amizade.

## CAPITULO IV.

*Da Circumcisão.*

A Circumcisão não he recebida pelos Turcos como artigo de Fé exprimido no Alcorão, mas sim como antiga tradição, que estava em uso entre os Arabes, Orientaes, e Egypcios: estes a reputavão como precaução necessaria nos tempos quentes, para prevenir certos accidentes de molestia, mortificação, incommodo, e porcaria, a que a circumcisão remedia efficaçmente. Os Turcos não circumcisão seus filhos, sem ao menos chegarem á idade de sete annos: mandão fazer esta operação por hum cirurgião. A cerimonia da circumcisão tem sua differença segundo os paizes, mas em toda a parte, aonde se pratica, he considerada como sinal de que o circumcisado foi admittido no número dos verdadeiros fiéis.

Os nomes, que os Turcos põem ordinariamente a seus filhos, quando se

se circumcisão, são : *Amat*, bom, *Amurat*, vivo; *Hibraim*, Abrahão; *Ismael*, quem Deos ouve; *Sfupb*, José; *Machmud*, desejavel; *Mubamel*, louvavel; *Mustapha*, santificado; *Scander*, Alexandre; *Selim*, pacifico; *Seremetb*, diligente; *Solimão*, pacifico, &c.

## C A P I T U L O V.

### *Das Abluções, ou Purificatorios.*

**C**omo Mahomet estivesse a pontos de morrer, foi consultado por seus discipulos sobre o que havia de mais essencial nos mandamentos, que elle deixava: Mafoma lhes recommendou a paz, e lhes disse, que o melhor meio de a conservar era ter continuado, e summo cuidado na limpeza de seus corpos, e haver assidua cautela em ter sempre clausuradas, e separadas suas mulheres. Eis-aqui como *Mr. Boulainvilliers* explica a relação, que ha entre estas cousas, que parece não terem nenhuma. A separação

ção das mulheres , qual está em uso por todo o Oriente , he meio seguro para as excluir das intrigas do governo , e para evitar em sua propria origem as tempestades , e funestas consequencias dos males semelhantes aos que ellas tão frequentissimamente tem causado no mundo. Quando não se occuparem em suas casas , senão do cuidado de agradarem a seus maridos ; a paz , e harmonia familiar será conservada em todo o seu comportamento ; bem como o será no Universo , quando as paixões immoderadas das mulheres lhe não augmentar a desordem , e perturbação. O mesmo succede a respeito da limpeza : a attenção , que houver para a conservar , receando huns ter parte , ou participar das manchas dos outros , fará que os Musulmanos se apartem , e fujão dos que não professão a Religião de Mahomet , e daqui se seguirá huma separação propria para manter a paz : separação , que supprimirá muitas disputas inúteis , desavenças , e discursos arriscados , capazes de suggerir a per-

tur-

turbação, o desaffoço, a ambição, e a desordem entre os circumstantes: separação em fim, que produzirá a quietação, e tranquillidade particular, que fazem que o homem goze de si mesmo com preferencia a todos os seus bens.

Para conservar a limpeza, he que o falso Profeta ordenou as abluções, e purificatorios, que já de tempo immemorial estavam em uso na Arabia; porque sendo ahi o calor em summo gráo, e os vestidos desproporcionados á qualidade do clima, pois erão rarissimas as fazendas de linho, tinham necessidade de usar com frequencia do banho. Era este o unico meio de se verem livres da porcaria, de que os corpos se cobrem por effeito da transpiração. Além de que, a impetuosidade dos ventos, e subtileza das areias cobrem de poeira muitas vezes no mesmo dia aos homens, que vivem continuamente no campo. Motivo este, que faz que os Arabes, aonde as agoas são raras suspirem pelos lugares aonde ellas são abundantes, para fazerem  
suas

suas abluções com mais facilidade. Quando os Mufulmanos se achão em partes, aonde de todo não ha' agoa, podem purificar-se com o pó da terra da maneira que diremos.

Os Turcos pois crêm que a agoa, de que usão para se lavar, os purifica das manchas de seus peccados, do mesmo modo, que os alimpa da immundicia de seus corpos. Elles tem tres especies de purificatorios, a saber: o *Abdesto*, o *Gouste*, e o *Tabareto*.

O *Abdesto* consiste em lavarem as mãos, e os braços até ao cotovelo, os pés, as fontes, o cocuruto da cabeça, as orelhas, as faces, o interior do nariz forvendo a agoa, e os dentes: serve de preparação para orar a Deos, para entrar na Mesquita, e para ler o Alcorão. Mas quando o tempo está rigorosamente frio, e que não podem, sem perigo, descobrir seus pés, então he bastante indicar este genero de purificação com hum final externo, como he o de molhar o rosto das chinelas; mas ainda que o frio seja extremo, nunca os Turcos se

se dispensação de fazer nús em pêlo todas as outras abluções do Abdesto naquellas partes do corpo em que se fazem.

O *Gouste*, he quando se banhão depois de terem commercio com suas mulheres. Em quanto se não banhão, dão a cada hum o nome *Giunab*, que quer dizer homem, cujas orações diante de Deos são abominaveis, e com quem os outros homens não devem tratar.

O *Tabareto*, he quando se lavão depois das evacuações naturaes do homem. Nesta cerimonia empregão os tres ultimos dedos da mão esquerda, e avalião como pessoas impuras todos os que não praticão o Tabareto.

Segundo o Cathecismo Musulmano ha seis actos meritorios na ablução. O primeiro he dirigir sua intenção. O segundo he lavar com boa ordem, a saber: I. As mãos até aos pulsos. II. A cara. III. As mãos até ao cotovello. IV. O cocuruto da cabeça. V. Os pés até aos tornozelos. O terceiro he principiar o purificatorio pe-

pelo lado direito. O quarto he principiar a lavar pelo lado esquerdo antes do direito estar secco. O quinto he esfregar a cabeça. O sexto finalmente he esfregar o pescoço. Eis-aqui agora o que, segundo o mesmo Catecismo, faz invalida a abluição, e lhe impede o seu effeito: quando fica alguma nodoa, ou porcaria em qualquer parte do corpo: quando se tem alguma pustula, chaga, ou ferida, de que corra sangue, ou qualquer materia: quando succeda haver alguma nausea, ou vomito, algum delirio, ou algum desmaio. Fica outro sim sendo inutil, quando se leva a agoa á boca com a mão esquerda; quando, lavando-se o rosto, se mexe, e leva a agoa com precipitação tal, que ao cahir faz estrondo, e igualmente quando alguém se assôa, ou escarra na agoa: quando se lanção os olhos para as partes, que o pejo não permite nomear, ou quando se falla, e trata dos negocios, e com commodidades proprias, familiares, ou alheas. Quanto á quantidade de agoa necessaria para fazer o

pu-

purificatorio , eis-aqui a maneira de se explicar o Cathecismo.

He necessario para a ablução simples *Batman* e meio ; e quatro *Batmans* para a ablução geral. O *Batman*, he huma medida de agoa , que tem de pezo quatro arrateis e meio. No purificatorio simplez emprega-se meio *Batman* para lavar o tronco do corpo pela parte anterior , e posterior ; outro meio *Batman* para lavar as mãos, e o rosto , e o terceiro he para lavar os pés. Na ablução geral se empregão dous *Batmans* e meio para todo o purificatorio dos pés até á cabeça , e *Batman* e meio para a ablução , que sempre se deve fazer antes da ablução geral. Estas precauções de medida de agoa não se observão se não em casa , ou em lugares , aonde apenas ha agoa para os usos ordinarios ; porque estando á borda do mar , ou de hum rio , não se experimenta damno em a desperdiçar. Sinco cousas obrigão a fazer a ablução geral. I. Quando as menstruadas são interrompidas nestas molestias periodicas. II.

Quan-

Quando se lhes acaba o menstuo. III. Quando tiverem passado os quarenta dias prescriptos pela Lei depois dos partos. Os outros dous pontos pertencem a differentes especies de impurezas, para cuja expiação o mandamento obriga a fazer a ablução geral, ou logo, ou ao menos antes da oração. A honestidade, e decóro da nossa linguagem, e pessoas não permite relatar aqui toda esta parte do Catecismo Musulmano.

Quando por falta de agoa estão obrigados a fazer a ablução com terra, devem praticar o seguinte para ser valiosa. I. A terra deve ser de boa qualidade, e limpa. II. Deve primeiro tocar com ambas as mãos na terra, e levantando-as logo, esfregar a cara. III. Deve segunda vez abaixar-se, e pôr as palmas das mãos sobre a terra, esfregar os braços; e isto he o principal. Esta ablução fica nulla por tudo o que impede o effeito da ablução ordinaria. Se quando se está em via para ir para lugar distante se faz oração depois de se haver fei-

to a ablução com terra , cumpre lavar-se logo com agoa , affim que se encontra , de outro modo fica nulla a ablução precedente feita com terra. Se no tempo , em que se ha de fazer a oração , se está distanre da agoa a hum quarto de legoa , então se faz a ablução com terra , mas se ha menor distancia , esta ablução de nenhum modo he permittida.

CAPITULO VI.

*Das Orações dos Musalmanos.*

**M**Afoma chama ás orações columnas da Religião , e chaves do Paraiso. Ordenou , que se fizessem cinco vezes cada dia. A primeira ao amanhecer , ou no diuscuro : a segunda ao meio-dia : a terceira de tarde a igual distancia do meio-dia , e do occaso do Sol ; a este tempo chamão os Mahometanos *Asre* : a quarta depois de Sol posto : a quinta á hora e meia depois de noite. Os Turcos estão persuadidos de que nada ha no

mundo , que os deva estorvar , ou prohibir de fazer suas orações , ainda quando se tratasse de executar as ordens do Sultão , de apagar o fogo , que abrazasse a propria casa , ou de repulsar o inimigo , que intentasse escalar a cidade. Fazem muito diversas posturas , quando rezão : encaixão as mãos huma na outra em cima do estomago , curvão seus corpos , assentão-se sobre os calcanhares , e recitão hum certo número de bençãos , e louvores a Deos , que contão pelas juntas dos dedos , olhando para suas mãos abertas , como se lessem em algum livro : depois disto se prostrão , tocão a terra com a testa , inclinão a cabeça para huma , e outra parte , &c. Suas orações consistem principalmente em louvar a Deos em todos os seus attributos , ao que elles ajuntão em certas occasiões rogativas pela vida dos seus Principes , pelo bem dos seus estados , e para obterem a divisão , e guerra entre os Christãos.

O Cathecismo Musulmano , de que já fallámos , prescreve doze cousas ,  
que

que os Turcos tem para si, que são de preceito divino nas suas orações. Seis destas cousas se fazem de fóra da oração, e as outras seis quando a oração se faz. As que se fazem de fóra, são; dirigir a intenção; dizer *Deos he grande*; purificar-se; voltar-se para o Sul, ou para onde está Méca, e Medina; fazer a oração em parte limpa, e propria, e cobrir cuidadosamente o que a honestidade prohibe descobrir. As que se fazem no tempo da oração, são: levantar; recitar alguma cousa do livro da Lei; inclinar-se; prostrar-se; assentar no fim da oração, e faudar os que estão para a direita, e para a esquerda; completas todas estas formalidades, a oração ficará tambem no seu gráo de perfeição.

Quando algum demora a sua oração, ou quando, fazendo-a, falta a alguma das obrigações, de que temos fallado, cumpre que se prostre mais huma vez, que de ordinario; sem o que a oração não será válida. Se o *Iman* por haver faltado a alguma for-

malidade está obrigado a se prostrar, os mais assistentes não são obrigados a fazer o mesmo. Convém saber, que o celebrado *Iman* está posto no alto da Mesquita em frente de todos os que assistem á oração, e que elle a faz em voz alta, para ser ouvido, e seguido de todo o congresso, ou já seja nas orações que recita, ou nas diversas posturas, e visagens, que faz. Os que em suas orações se propõe a imitar Mahomet, dizem ao principio: *Meu Deos, eu recorro a vós; em nome de Deos clemente, e misericordioso, Amen: Soccorrei-me, meu Deos. Oh meu Deos! ouvi-me.* O *Iman* he quem diz estas ultimas palavras, e o povo responde: *Deos, louvores vos sejam dados.* Estas derradeiras palavras são, repetidas quando se inclinão; repetem-se tambem, quando se prostrão; e quando se levantão dizem: *Deos he grande.* Em todo este tempo praticão as acções seguintes: levantão as mãos: levão as mãos ás orelhas, esfregão com a mão por cima dos vestidos a parte inferior do embigo; cru-  
zão

zão as mãos, pondo a direita sobre a esquerda, (as mulheres devem pollas sobre seus peitos) põe as mãos sobre os joelhos, quando se inclinão; inclinão-se de todo, e apartão os joelhos de maneira, que a barriga lhes não toca quando se prostrão; apartão suas mãos das partes dianteiras das coxas das pernas; assentão-se sobre o pé esquerdo, e nunca sobre o direito; dispõe de tal sorte seus pés, que os extremos dos dedos ficão voltados para o Sul. No Cathecismo Musulmano chama-se a tudo isto rezar á imitação de Mahomet.

As mulheres nunca vão ás Mesquitas para fazerem suas orações, por não causarem distracções aos homens. Quando os Turcos estão no campo, aonde não ha Mesquitas, querendo fazer oração, voltão-se para a parte de Méca, que fica para o meio-dia. As orações na festa feira são mais extensas, que nos outros dias, em commemoração da perseguição de Mafo-ma, que foi em outro semelhante dia. Muitos obreiros, e artifices não tra-

trabalhão, nem os negociantes abrem suas lojas até ao meio-dia. A fugida de Mafoma para Medina he, como já dissemos, chamada Egyra. Esta he o principio, ou termo das Eras vulgares na Turquia.

## CAPITULO VII.

### *Da Predestinação.*

**O**S Turcos crêm a Predestinação sem restricção alguma. Dizem que o destino de cada hum está escripto no Ceo, que ninguem póde evitar a sua boa, ou má fortuna, nem por prudencia, nem pelo maior esforço, que fazer possa. Esta opinião he consequencia, ou effeito da persuasão do que Mafoma contou, que víra no terceiro Ceo, e está de tal modo impressa no espirito do povo, que os soldados não tem difficuldade em exporem temerariamente sua vida nas occasiões mais arriscadas.

Nenhum delles teme a peste, nem foge ás molestias epidemicas, porque

todos estão persuadidos de que Deos tem contado os dias dos humanos, e determinado de toda a eternidade o que lhes ha de acontecer; de forte que os Turcos visitão com tanta indifferença os pestilentos, como os gotofos, os febricitantes, &c. Muitas vezes despem os que morrem tíficos, ou de lepra, e sem elcrupulo vestem logo alli mesmo seus vestidos: tão preocupados estão desta opinião! *Narsipo*, ou *Tactiro*, he o nome que dão a este destino.

## CAPITULO VIII.

### *Das Festividades dos Turcos.*

**A** Principal de todas as festividades he a que elles chamão *Bayran*, ou Bairão: dura tres dias logo depois do seu Ramazão. Todo aquelle tri-duo se passa em bailes, jogos, divertimentos continuados: então he o tempo das reconciliações, faudações, dadivas, e presentes. Os principaes Ministros, Officiaes, e Nobreza do

Im-

Imperio, que se achão em Constantinopla concorrem, ainda noite escura, ás portas do Serralho, para acompanharem o Grão-Senhor, que ao romper do dia passa a cavallo entre meio delles para ir fazer a oração do diufulo em Santa Sofia, que he a principal Mesquita da cidade. Depois de se recolher da oração, e já dentro no Serralho recebe, estando assentado em seu Throno, o Grão-Visir, e o Mufti, que para lhe renderem vassalagem, vão em frente, hum dos Officiaes maiores do Imperio, e o outro, dos Sacerdotes, e Doutores da Lei. O Bairão deve começar logo, que apparece a Lua depois do Ramadão. Pública-se esta festa em Constantinopla por descargas de toda a artilharia. Em quanto ella dura não se accendem as alampadas, que estão nas torres, e zimbórios das Mesquitas; são os tambores, e trombetas, e cada hum não cuida senão em se divertir. Os Turcos tem outra festividade, que elles chamão *Donanna*: sua duração he segundo a vontade do Princi-

cipe. Celebra-se quando se ganhão certas batalhas, em final de alegria; pelo nascimento dos Principes, na sua circumcisão, e convalescença.

## CAPITULO IX.

### *Do Ramazão, ou Ramadão.*

**H**Um dos pontos essenciaes, e dogmaticos da Religião dos Turcos, ou de Mafoma, he a observancia do mez do *Ramadão*, ou do jejum, que dura todo este mez. A ninguem he permittido, durante aquelle tempo, nem comer, nem beber, nem fumar, nem tomar o cheiro de coufas odoríferas, nem ter copula com mulheres, nem finalmente metter coufa alguma na boca por minima que seja, em quanto o Sol gyra por cima do horizonte; mas chegando ao seu occaso, e em tempo, que as alampadas, que estão em torno das torrinhas da Mesquita, estão accesas, então já lhes he permittido comerem. Empregão a maior parte da noite em fef-

festins , e banquetes. Chamão a este mez santo , e sagrado ; e dizem , que naquelle tempo estão abertas as portas do Paraíso , e fechadas as do Inferno. Este jejum he de recommendação tão severa , que se algum Mahometano o infringe , e principalmente Turco , está sujeito a perder a vida. Os enfermos , e itinerantes tem licença para comerem , com condição porém de que se devem lembrar dos dias do Ramadão , que não cumprirão , ficando obrigados a satisfazerem á Lei , quando a sua saude , ou os seus negocios o permittirem.

O Cathecismo Musulmano diz , quando falla em geral do jejum ,, Se  
 ,, huma mosca , ou mosquito entrar pe-  
 ,, la vossa boca , se vos mandardes  
 ,, sangrar , ou deitar ventosas , nada  
 ,, d'isto quebrantará vosso jejum ; do  
 ,, mesmo modo a unção do oleo , ou  
 ,, usardes do Surmé. Tambem vos he  
 ,, permittido mastigar pão para o met-  
 ,, terdes na boca de algum menino , a  
 ,, quem queirais alimentar ; mas sabei  
 ,, que o deveis dar todo sem engu-  
 ,, lir

„ lir a minima parte que seja ; de  
 „ outra forte commettereis hum pec-  
 „ cado. Conhecei pois o que infrin-  
 „ ge o jejum , e o torna inválido. Se  
 „ o homem tem commercio com mu-  
 „ lher , he incontestavel , que que-  
 „ brantou o jejum , e se o faz de  
 „ proposito dileberado , está obrigado  
 „ para expiar esta culpa , a abster-se  
 „ deste commercio em outro dia , que  
 „ for livre , e de mais a fazer algu-  
 „ ma penitencia „ Quando falla do  
 jejum voluntario , diz : „ Se vos obri-  
 „ gardes a jejuar , e por qualquer  
 „ necessidade infringirdes vosso jejum ,  
 „ a Lei vos obriga a jejuardes em ou-  
 „ tro dia. Infringe-se o jejum , quan-  
 „ do se mastiga , ou come pedras ,  
 „ terra , panno de têa , ou papel , e  
 „ então deve começar segunda vez o  
 „ jejum , sem com tudo se ficar su-  
 „ geito a penitencia alguma ; mas se  
 „ mastigar , ou comer alguma couza  
 „ comestivel , cumpre jejuar em ou-  
 „ tro dia , e fazer a penitencia , que  
 „ vamos declarar. Deve-se dar huma  
 „ vez bem de comer a sessenta po-  
 „ bres ,

„ bres , ou jejuar sessenta dias , ou dar  
 „ liberdade a hum escravo para sa-  
 „ tisfazer deste modo á justiça divina.  
 „ Fica a arbitrio eleger huma destas  
 „ tres penitencias , além da qual se  
 „ jejuará hum dia , no qual se fará  
 „ maior , e mais austera penitencia ,  
 „ que de ordinario. „

O *Surné*, de que acima fallámos ,  
 he huma preparação de antimonio , de  
 que os Orientaes usão para tingir de  
 negro as sobancelhas , como o fazia  
*Jesabel* , segundo a Escripura.

O tempo do Ramazão he regula-  
 do pelo curso da Lua , e todos os  
 annos vem onze dias antes que o  
 precedente ; de sorte , que com o  
 tempo , este jejum corre todos os me-  
 zes do anno. He mais toleravel para  
 os Turcos , quando succede vir nos dias  
 de inverno , por serem pequenos , que  
 vindo no verão , porque então he  
 muito custoso , e pezado para a plebe ,  
 que vendo-se obrigada necessariamente ,  
 a trabalhar , todavia se não atreve , nem  
 a metter huma pinga de agoa na bo-  
 ca para se refrigerar. Podemos dizer ,  
 que

que o Ramadão he a quaresma dos Turcos, elles a observão durante toda huma lua, e então as Mesquitas estão cheias de alampadas, e parecem capellas ardentes. Naquelle tempo augmentão os Turcos suas esmolas, que consistem em dinheiro, e viveres, como arroz, manteiga, mel, azeite, carne &c., que mandão, ou vão distribuir pelas suas vizinhanças, ou por outros pobres; o que dá lugar a estes de rogar a Deos pelos seus bemfeitores, gritando pelas ruas da cidade: *Oxalá que Deos encha de bens os que fartão meu ventre.*

## CAPITULO X.

### *Do Ze-Kiate.*

**E** Ste artigo da lei consiste em fazer esmolas. Cada particular he obrigado a dar cinco por cento de tudo o que possue para os pobres; mas os Turcos he o preceito que menos observão: quasi ninguem ha, á excepção dos mesmos pobres, que cumpra

pra este mandamento. A avareza estorva os ricos de se privarem de huma parte de suas rendas, e a politica não quer que se saiba em que ellas consistem, como se saberia pelo calculo exacto do *Ze-Kiate*.

## C A P I T U L O XI.

### *Do Matrimonio.*

**O**S Arabes tinham sempre conservado entre si a Poligamia, e a pluralidade de mulheres lhes era permitida, sem exclusão das concubinas, avaliando por mais venturosa a familia, em que annualmente havia maior número de partos. Todavia Mafoma não lhe pareceo, que o número indeterminado de legitimas mulheres fosse compativel com a boa ordem, harmonia, e tranquillidade familiar, e prevenio todos os funestos accidentes, que daqui se seguirião, reduzindo-as a certo número. Obrigou as mulheres, sem excepção de condição, a viverem no retiro, e na dependencia de

de seus maridos, a quem deo todo a liberdade, e permissão de as castigar, quando se quizerem subtrahir á sua obediencia; e o mais, que diremos. Mandou que as mulheres andassem sempre cobertas de modo, que nem a ponta do pé, nem a cara, nem o pescoço lhe apparecesse; em huma palavra, todas as leis a respeito desta ametade do genero humano, que em outros Paizes governa, e domina a outra ametade, são cruéis, injustas, e grandemente penosas.

Como os Arabes erão especie de Filósofos, que tinham huma vida muito retirada, e que não se entregavão aos prazeres, nem aos divertimentos, que ha nos jogos, nos espectaculos, nos circos, e banquetes, excogitou o Profeta Anti-Christão modos de lhes tornar agradavel sua solidão. Para ver seu projecto executado, não pode descobrir melhor meio, que o de permittir-lhes com limite a continuação da pluralidade de mulheres, e de obrigar estas á inteira submissão a seus maridos; mas o malvado

Ma-

Mafoma querendo fazer a felicidade apparente de huns , fez realmente a desgraça de outras ; e em summa de ambos os sexos. Elle mesmo julgava , que a pluralidade de mulheres contribuia para a propagação do genero humano ; mas enganou-se , porque a experiencia prova , que os dominios , aonde não he permittido mais de huma mulher em matrimonio , não são menos povoados , que aquelles , em que a poligamia está admittida.

Com tudo o Matrimonio he reverenciado pelos Turcos como cousa santa , o que não obstante , os seus Sacerdotes quasi não tem parte na cerimonia , que se pratica nesta occasião. Na presença de hum Juiz secular , ou civil jura o marido , e obriga-se a receber certa pessoa por sua legitima mulher , e a dar-lhe em caso de morte , ou de divorcio , certas , e determinadas rendas , ou pensão , de que ella poderá dispôr á sua vontade. Os contratos matrimoniaes não são assignados senão pelo Juiz , o qual lhe põe o seu sello : as escri-  
ptu-

pturas não fazem menção senão dos nomes dos contrahentes, e das arras, que a mulher deverá receber em devidas circumstancias: a mulher não comparece; he representada por hum homem, que faz as vezes de procurador. Os parentes, e amigos acompanhão o esposo até casa da consorte, e dous delles vão todo o caminho com os alfanges nús na mão alçados por cima da cabeça do noivo, segundo elles dizem, para estorvar os malficos; mas já hoje corre noticia de que este uso está abolido. Os Mahometanos podem ter quatro mulheres, contra o rumor popular, que affirma, que elles podem ter quantas podem sustentar. Mas a lei permite-lhes o terem as escravas, que puderem comprar, com tanto que não faltem ao que devem a suas legitimas esposas. A lei manda, que a legitima mulher seja admittida no leito de seu marido ao menos huma vez em cada semana, e que o marido satisfaça ao dever conjugal. Se elle o recusa fazer, tem ella direito de o pôr em justiça.

Os Turcos considerão como proprios , e legitimos , assim os filhos , que tem das suas escravas , como os de suas mulheres ; e huns , e outros gozão dos mesmos privilegios , com tanto que os pais tenham declarado por livres os primeiros em seus testamentos , sem o que ficão reduzidos ao número de escravos.

A lei de Mafoma permite , que a mulher viuva , ou repudiada , ou divorciada caze até terceira vez , e não mais ; de forte que só póde passar a quartas nupeias com algum dos tres maridos , que antecedentemente teve. O divorcio na Turquia se faz judicialmente em presença do Juiz , que formaliza o acto , e o regista. Entre os Turcos ha duas sortes de divorcio. O primeiro consiste em separar o homem , e a mulher da mesma casa , e leito , continuando sempre o marido a provella de tudo o necessario. O segundo obriga o marido a dar á mulher as suas arras ; de forte que ella fica desde então perdendo todo o direito á pessoa , e bens do marido ; e

em

em certos casos póde tornar a casar. Se o marido se arrepende de se haver desquitado de sua mulher, e outra vez a quer receber, não lhe he concedido, sem que primeiro confinta, que outro goze della em sua mesma presença. As circumstancias, e modos, que precedem o torpe acto, que cobre de vergonha, e confusão ao marido, são outros tantos desaforos, e obscenidades, que a honestidade christã não permite declarar; apenas diremos que, ainda depois de tão vil acção, fica á eleição da mulher escolher hum dos dous, e raras vezes succede, que não escolha o que já era seu marido, e desta sorte vai de novo viver com elle.

Quando as mulheres estão desgostosas de seus maridos, e que requerem a dissolução do seu matrimonio, vão ellas mesmas perante o Juiz á Audiencia; descalção huma das suas chinelas, e a vírão de solla para cima, para assim darem final do que não se atrevem a dizer. O Juiz manda vir logo á sua presença o marido; ouve

as razões de ambos, e se a mulher teima em querer dirimir o matrimonio, he condemnada em perder o seu dote, ficando livre para poder casar com outro. O marido tem o mesmo privilegio, mas está obrigado a pagar o dote do contrato á mulher repudiada.

## CAPITULO XII.

### *Do Vinho.*

O Falso Profeta nem sempre procurou ajustar o seu systema de Religião com as inclinações, e affectos dos seus compatriotas. Muito bem conhecia elle, que os Arabes gostavão extremamente do vinho, e sabia os funestos effectos deste licor, por cujo motivo lhes prohibio o seu uso. Attribue-se porém esta prohibição a hum violenta disputa, que o excesso de vinho excitou certa vez entre as suas tropas. Dizem outros, que tendo Mafoma passado hum dia inteiro em companhia de muitos sequazes seus, aonde

de tudo foi barulho , passatempo , e alegria , encontrou no dia seguinte naquelle mesmo lugar grandes motivos de consternação , provindos das brigas , e pendencias , que entre si tiverão os que se embebedarão. O certo he , que as razões , que obrigarão o Legislador Arabe a prohibir o uso do vinho , foram as terriveis defordens , que o excesso desta bebida pode occasionar. Não obstante esta prohibição , este licor he communissimo entre os Turcos : públicamente o bebem sem temer o escandalo. Os que estão em cargos públicos são mais acautelados , e escondem-se quanto podem da vista do público , receando , que pareça , que as faltas , que commettem , provenhão do uso do vinho. Em Constantinopla vende-se públicamente , e ha grande número de tabernas , como adiante se verá.

## CAPITULO XIII.

*Da Carne de Porco.*

**A** Attenção, que Mahomet deo á conservação da faude dos Arabes, o obrigou a lhes prohibir a comida, e uso da carne de porco. Todos sabem, que os pórcos nunca podem ser bem creados, nem nutridos em territorios, em que as producções, e colheitas são minguadas, e apenas dão para a subsistencia de seus habitadores. Como os matos, bosques, e pastagens são rarissimos na Arabia, não se acha naquella parte do mundo nenhuma especie de nutrição propria para os pórcos, de que podemos concluir, que semelhante especie de animaes deve ser malissimamente creada, e fugeita ao mal de gafeira. Por consequencia bem longe de que a carne de porco seja delicada, e appetecivel, ou de que lhes possa servir para dar gosto, e temperar outras vian-  
das, e iguarias, ella deve ser de máo  
fa-

labor, e muito damnosa á faude. Ainda a fóra da proxima disposição, que os pórcos tem para a gafeita, a qual póde augmentar, e vir a ser effectiva por falta de alimentos convenientes á sua especie, e communicar-se aos outros animaes, e mórmente aos homens, que se nutrissem della, o salobro, e salgado das agoas, e do mantimento, de que se usa na Arabia, deve constituir os habitadores affás susceptiveis de todas as enfermidades de cutis, e por conseguinte de lepra. Os Turcos são pouco infractores deste preceito.

#### CAPITULO XIV.

##### *Das Mesquitas.*

**A**S *Mesquitas* são os Templos, ou Igrejas dos Mahometanos: são ordinariamente de figura quadrada, e tem ao entrar para a porta principal hum pateo, cujo pavimento, ou folho he de marmore branco, e em torno delle reinão galarias baixas,

xas , cuja abobada está sustentada por columnas do mesmo marmore. No centro do pateo ha huma grande fonte , ou chafariz , aonde os Musulmanos se vão lavar , segundo o mandamento da lei , antes de entrar na Mesquita ; o que elles religiosamente observão , e com particularidade na Turquia , ainda mesmo nos mais rigorosos frios de inverno , lavando as partes com que elles crem , que tem offendido a Deos , e isto á vista de todo o mundo.

As paredes das Mesquitas dos Turcos , e igualmente as abobadas são branqueadas com cal , á excepção das partes , em que o nome de Deos está escripto em caracteres Arabigos. O pavimento está todo coberto de ricas tapeçarias da Persia , sobre as quaes se prostrão os Turcos , quando fazem oração. Em todas as Mesquitas ha grande número de alampiões , ou alampadas pendentes , de que muitos são de crystal , com outras curiosidades , que de Reinos estrangeiros forão enviadas ao Grão-Senhor. Não ha cou-  
fa

fa mais linda , que a vista de todos aquelles alampiões , quando estão accesos. Em quanto dura o Ramazão , todas as Mesquitas estão cheias de alampiões , que logo á noite se accendem , e ha tal Mesquita , que então gasta em azeite acima de tres quartinhos de ouro por dia. Não ha Nação alguma , que faça tão grandes fundações como os Turcos. Ha Mesquitas edificadas por particulares , que tem mais de quarenta mil cruzados de renda annual. Cumpre notar , que pela lei de Mahomet , não podem ser fundados , nem Mesquitas , nem Hospitaes senão com dinheiro , e bens adquiridos legitimamente. Quanto aos Principes Ottomanos , não podem , mesmo por lei , fundar genero algum de Mesquita , sem que elles pessoalmente tenham conquistado aos Christãos tanta renda , quanta he precisa para subsistencia da Mesquita , que elles querem fundar. Em todas as Mesquitas ha hum cofre , aonde se guarda o remanecente das rendas. Os Turcos chamão *Hafna* a este cofre , ou thesouro. O Grão-Senhor não

lhe

lhe póde tocar , senão para defender a lei , sem encarregar a sua consciencia , e violar as leis do estado.

Os Turcos são magnificos nas Mesquitas , e em todos os monumentos , que edificação em honra de Deos , e que são destinados para o seu serviço. Elles o são não sómente ácerca dos edificios , mas tambem pelo que pertence ás rendas , que lhes destinão. As principaes Mesquitas são as da fundação Real. O chefe dos Eunuchos negros das mulheres do Sultão tem a superintendencia dellas , com poder de dispor de todos os empregos , e cargos Ecclesiasticos , que lhes estão annexos. Isto augmenta muito o seu grande credito , e a sua renda ; porque ha grande número de Mesquitas Reaes em todo o Imperio. As de Constantinopla são , Santa Sofia , as dos Grãos-Senhores , Mahomet , Bajzet , Selim , Solimão , Hamet , e outros. As rendas destas casas Reaes correspondem em tudo á magnanimidade , e grandeza de seus fundadores. As rendas Ecclesiasticas , e as applicadas

ao serviço de Deos montão á terça parte das terras do Imperio. Huma parte das suas rendas serve para sustentar os Sacerdotes, e a outra para soccorro dos pobres, e orfãos. Santa Sofia, edificada pelo Imperador Justiniano, e reedificada depois por Theodosio, era a Metropolitana da antiga Byfancio, e a Igreja Capital do Patriarca da Grecia. Ella ainda hoje existe; e veio a ser a principal Mesquita de Constantinopla. Os Turcos não bolirão nas suas rendas, antes pelo contrario de tal forte as augmentarão, que hoje igualão as mais ricas fundações religiosas de toda a Christandade. O Sultão faz ser mais sumptuosa, e magnifica a Mesquita Santa Sofia; he como foreiro a ella, e cada dia lhe paga quasi dez cruzados do nosso dinheiro pelo terreno, em que algum dia estava parte da cerca, e jardim daquelle memoravel templo, e em que hoje está edificado o *Serralbo*.

Aos edificios sumptuosos, que compõe as Mesquitas Reaes, se ajuntão  
Col-

Collegios , aonde se dogmatiza , e ensina a lei : outros edificios se lhes unem , em que se fazem cozinhas para fazer de comer para se dar aos pobres , aos estrangeiros , e aos viajantes. Muitas terras , muitas villas , e aldeas , e em summa , Provincias inteiras são destinadas para a subsistencia das Mesquitas ; arrematão-se , e andão de renda por certo preço. Além disto , ha rendas , que se pagão em trigo , em azeite , e em outras producções. As rendas cobrão-se algumas vezes como ordinariamente se cobrão os tributos , a fim de ser mais facil a cobrança. As povoações , e terras applicadas para a sustentação das Mesquitas gozão de muitos privilegios : são izentas das vexações , e oppressões dos Bachás , e de aquartelarem a gente de guerra , e de aposentadorias. Por esta causa assim a Milicia , como os Ministros da Policia , do Ecclesiastico , e Grandes do Imperio buscão outro caminho em suas digressões , receando o incommodo dos habitadores , e por decóro , e respeito aos lugares destinados para o uso divino. As

As Mesquitas, fundadas pelos particulares, tem ordinariamente tuas rendas em dinheiro, procedido dos legados testamentarios, ou das doações, que lhes fazem os devotos em sua vida. Este dinheiro se dá a juro de dezoito por cento, e fazem disto as Mesquitas huma renda segura, e certa, e permittida por lei, porque a ufura não he condemnada na Turquia, quando se trata da utilidade dos lugares consagrados á Religião; em outro qualquer sentido, e occasião he considerada como cousa abominavel.

Proximo ás Mesquitas fazem os Turcos edificar humas capellinhas de figura quadrada, que hão de servir para seu jazigo. O tumulo tem quasi quatro pés de altura, e sete de comprimento; está sempre coberto com hum panno grande de veludo verde, ou de setim desta mesma cor, que arroja por terra: alli conservão sempre dous castiçaes de braços, todos de prata, e em cada hum duas velas; e em torno do tumulo muitas cadeiras rasas, aonde se assentão os que lem o

Al-

Alcorão pela alma do defunto. Ao pé da grande campa estão outros muitos tumulos de menor grandeza, todos de marmore branco, e armados como o grande. Em huma das cabeceiras de cada tumulo está esculpido hum turbante de marmore do mesmo tamanho, que era o de que usava aquelle, cujo corpo alli se acha depositado. Os jazigos menores são para os filhos, e parentes do bemfeitor, que edificou a Mesquita. Em huma das capellas de Constantinopla ainda hoje existem os quinze tumulos dos irmãos de Mahomet III., a quem elle mandou cortar a cabeça, para se firmar seguramente na posse do Imperio Ottomano. Denomina-se *Capella dos Turbantes*.

## CAPITULO XV.

### *Dos Emiros.*

**A** Sím se appellidão certos Turcos, cujo número he espantoso, e que dizem ser parentes de Mafo-  
ma.

ma. O seu testemunho em juizo val o de dez pessoas : trazem todos hum turbante verde , que he a cor consagrada ao seu Profeta. Os Emiros são muito respeitados entre os Turcos , e gozão de muitos privilegios : além de outros tem o de não poderem ser ultrajados , maltratados , ou feridos , sem que ao aggressor destes delictos se lhe corte a mão direita. Ainda que poucos haja , que estejam em estado de provar , que descendem de Mafoma , não deixão todavia de serem protegidos quando tem alguns pretextos , que os authorizem para arrogarem a si esta honra , ou que o *Nakibo* os quer favorecer ; e para que isto se faça sem escandalo , lhe dão huma arvore de geração d'elle até Mahomet. O *Nakibo* he o cabeça dos Emiros , tem seus Officiaes , e Sargentos , e he senhor de baração , e cutélo sobre todos os que estão debaixo das suas ordens ; mas nunca faz a affronta aos da sua familia de os mandar matar públicamente. Os Turcos não ignorão que a ambição , e desejo de fazer

zer

zer novos subditos , facilita o Nakibo ao abuso de fazer Emiros : por esta causa são muito menos estimados do que erão em outro tempo , e já os Turcos não fazem escrupulo de os defancar , e de os tratar com abjecção , quando elles são insolentes , depois de lhes haver tirado o seu turbante verde , e de o ter beijado com respeito : esta cerimonia os livra do castigo. O segundo Official dos Emiros chama-se *Alemdar* , ou *Alendaro* ; este he quem leva o Estendarte verde de Mahomet , todas as vezes que o Grão-Senhor apparece em acto público , e solemne. Os Emiros podem entrar , e possuir todas as especies de cargos , e poucos ha , que se applicuem ao commercio , a não ser o dos escravos , ou captivos , para o qual tem muita inclinação.

## CAPITULO XVI.

*Dos Emaums.*

**E** Ste vocabulo significa Sacerdote, ou cura de almas. Os Einaums são como, ainda que mal comparados, Parochos de freguezias, a quem se confia a direcção das Mesquitas. Devem saber ler o Alcorão, e serem bem reputados nas suas visinhanças, antes de irem exercer aquelle emprego. He tambem necessario, que já tenham servido o cargo dos que avião, e chamão todos os dias o povo de cima das torres ás horas destinadas para as orações públicas, proferindo repetidas vezes em altas vozes estas palavras: *Deos he grande: Deos he grande; eu reconheço, que não ha outra divindade senão Deos; e confesso que Mahomet he o Profeta de Deos.*

Quando qualquer Emaum morre, o povo da freguezia apresenta hum ao primeiro Vizir para occupar o lugar

gar do defunto, asseverando que tem todas as qualidades requisitas para satisfazer dignamente : em virtude daquella attestação he admittido no lugar vago ; e para se vir na certeza da verdade de semelhante deposição, se lhe manda ler alguns capitulos, ou versos do Alcorão em presença do primeiro Vizir, que o approva, e lhe cede authoridade, e poder de ir occupar o lugar do morto, e de servir naquelle emprego. Esta he toda a formalidade, e cerimonia, que se pratica na recepção de qualquer Emaum ; porque os Turcos não crem, que elle receba caracter algum do Sacerdocio, que os destinga do mais povo. De forte que quando os Emaums já não estão exercitando estes cargos, tornão para o número de leigos. O seu vestido não he differente do da mais gente, á excepção do Turbante, que he hum tanto mais largo, e pouca differença no franzido, e encrespado, e no modo de o trazer. O seu officio he chamar o povo para os actos da Religião, levallos pa-

para a Mesquita nas horas destinadas, e ler todas as quintas feiras certas sentenças tiradas do Alcorão. São raríffimos os Emaums, que se atrevão a prégar: deixão este emprego aos *Seigbs*, que são hum genero de Monges, de que ao diante fallaremos.

O Mufti nenhuma jurisdicção tem sobre os Emaums pelo que pertence ao governo; porque entre elles não ha nem superioridade, nem Jerarquia. Cada hum he independente na sua Parochia, e não póde ser admoestado, inquirido, ou castigado por pessoa alguma ácerca da Religião: não estão sujeitos serão aos Magistrados pelas coufas civeis, e criminaes.

Os Ecclesiasticos Turcos, e os Jurisconsultos são muitíffimo estimados na Turquia, como se póde conhecer pelas qualidades, que lhe dá o Grão-Senhor, quando lhes escreve, e lhes envia suas ordens. Eis-aqui como elle lhes falla: *Vós, que sois a gloria dos Juizes, e dos homens sabios, thesouros profundos de eloquencia, e de excellencia, &c.*

## CAPITULO XVII.

*Dos Religiosos Turcos.*

**T** Ambem como nós tem os Turcos seus Mosteiros, e diferentes Ordens Religiosas. Pouca he a conformidade ácerca do tempo de suas fundações, e de quem forão seus fundadores, o que sómente se sabe he que elles fazem profissão de huma vida austérra, e recoleta, do desprezo das honras, e das delicias do mundo, e de total applicação ás cousas divinas: chama-se-lhes *Derviches*, ou *Dervises*, que significa *Pobres*, porque na verdade vivem em summa pobreza. Affectão humildade, modestia, e caridade para todos em geral: usão de camizas de têa muito grossa, e vestem-se de panno escuro muito grosso, que se assemelha ao nosso borel; alguns andão embrulhados em huma manta branca; trazem huma especie de gorra muito alta, e larga; he feita de pelle de camelo de côr esbran-

branquiçada ; trazem sempre nuas as pernas , e o peito descoberto , e muitas vezes põe nelle ferros em braza por devoção : andão cingidos pela cintura com huma correia de couro em pelo sem fer cortido.

De mais dos jejuns ordinarios , que se observão entre os Turcos , os Derviches jejuão tambem á quinta feira , e nesse dia não lhes he permitido comer cousa alguma antes de Sol posto. Tem grande quantidade de ceremonias , que todas são ridiculifimas ; e o que entre elles ha de singular vem a ser , que na Turquia só os Derviches fazem uso ordinario do vinho , e da agoa-ardente. Tem Mosteiros nas partes mais consideraveis do Imperio Ottomano ; mas a sua principal casa he em *Conhi* na Natolia , aonde ha mais de quatrocentos Religiosos. Esta casa he a cabeça das Ordens , e governa todas as outras , por especial privilegio , que lhe foi concedido por Ottomão I. , Imperador dos Turcos.

Todas as terças feiras , e sextas

o superior do Convento faz hum sermão, em que explica aos seus Religiosos alguns versos do Alcorão, ou alguns lugares dos escriptos dos seus Fundadores. Durante este tempo, todos os Derviches estão assentados no chão á maneira dos nossos alfaiates, e fórmao, por antiguidade, huma especie de grande meia lua em frente do Prégador. Estão todos com os olhos baixos, cabeça quieta, não escarrão, e nem se assoão; parecem estatuas, tal he o silencio, e firmeza, com que estão. Neste estado ouvem com maravilhosa attenção os absurdos, e extravagancias, que seus Superiores ajuntão ás do seu Profeta. Por mais extenso, que seja o Sermão, nenhum delles se move. Acabado o Sermão todos os Derviches fazem final de reverencia, inclinando-se com muita modestia, e gravidade ao seu Superior, e se põe a andar á roda com tanta velocidade, que apenas se póde ver por casualidade o semblante de algum; e em quanto dura esta ridicula dança, hum de seus confreires toca flauta.

As-

Assim que esta se cala , parão elles repentinamente , e ficão firmes em pé , sem se lhes entontecer a cabeça ; tão acostumados estão áquelle exercicio. Querem imitar nisto a hum dos seus Fundadores , que esteve naquelle estado quinze dias a fio sem descansar , nem comer ; e que ficando , segundo elles dizem , extatico , teve prodigiosas revelações , e recebeu do Ceo as Regras da sua Ordem. Os Derviches fazem voto de pobreza , de castidade , e de obediencia ; mas se depois de recebido algum , não obstante ter professado , elle acha que não póde observar a regra , nem guardar continencia , obtem facilmente licença para sahir do Convento , e para casar. Todavia elles mesmos publicão , e dizem que a experiencia lhes tem feito ver , que os que daquelle modo deixárão o serviço de Deos , sempre encontrarão no seculo desastrados successos.

Os Noviços são empregados nas cousas mais abjectas , e pelo decurso do tempo entrão outros , que substituem

tuem seus lugares: habitão dous em cada cella: occupão-se alguns a ensinarem a ler, e a escrever em Idioma Turco, Arabe, e Persa; outros em fazerem galanterias para divertimento do povo, e finalmente alguns se empregão na Arte Magica, e em esconjurar os espiritos malignos. A maior parte delles segue suas inclinações, e entregão-se á preguiça, a qual tem o seu imperio naquelle, e em outros semelhantes Paizes do mesmo, ou igual clima.

Os Derviches são muitissimo perigosos, quando na rua encontrão algum Christão, e que o seu diabolico zelo os inflamma, e transporta; porque então não tem dúvida de os sollicitar, e obrigar a fazerem-se Musulmanos, ou não querendo, de assassinalos. Estes assassínios passão no Imperio por acção de zelo, e por facto tão despiedado, ainda recebem louvores. Pede a prudencia, que todo o Christão ande prevenido, e se esconda, quando os vê; o que fazem por não se expôrem á morte. Quando os

Der-

Derviches tem fome , em qualquer loja , ou na praça , pegão no que lhes faz conta , ou naquillo , de que gof-tão , sem ninguem se lhes oppôr ; porque se recebe como honra , e se espera que o Ceo recompensará o le-sado. Entrão francamente por toda a parte , ainda mesmo em casa dos po-tentados , e nobres em acto de com-panhia , ou assembléa , e tomão assen-to : apparecem depois com hum gran-de fiada de certa miçanga , que terá de comprimento tres varas , e esten-dendo-a de forte , que todos lhe pe-guem , dizem sobre hum dos grãos algum dos attributos de Deos ; como por exemplo : *Deos he grande*. Passa este grão ao immediato , e assim suc-cessivamente , e todos vão repetindo o mesmo , e acabada esta roda , o Der-viche diz sobre o grão seguinte : *Deos he justo* ; e assim continúa em cada hum dos grãos , pelos attributos de Deos , até que acabando de gyrar to-dos os grãos da enfiada , ou se levan-ta , e se retira , ou se espera o café , depois o faz com tão pouca cerimonia como entrou. Chal-

Chalveti, ou Calvecio, e Naksbendio forão os primeiros Mahometanos, que fizerão regras para aquellas especies de Religiosos. Elles forão as duas fontes, donde manárão, segundo attestão os Turcos, todas as differentes Ordens Religiosas, que povoão o Imperio Ottomano. Contão-se muitas, e a sua differença he serem mais, ou menos ridiculas, mais ou menos extravagantes, e visionarias. Sem entrarmos no relatorio individual de todas, fallarei em particular de alguma dellas.

## C A P I T U L O XVIII.

### *Dos Cadriz, ou Cadritas.*

**O**S Cadritas compõe huma das seis Ordens Religiosas, que procedem de Chalvecio. Os que professão nesta Ordem estão obrigados a fazerem gradualmente hum noviciado de jejum, e de abstinencia. Da-se-lhes á entrada huma vara de páo de salgueiro, que ainda fresca peze quatrocentos

centas drachmas , para trazerem effectivamente pendurada na cintura : regulão o mantimento de cada dia pelo seu pezo ; de forte que a porção do pão , que hão de comer , vai diminuindo á medida , que a vara se secca , e peza menos. Cada hum destes Religiosos está obrigado a estar solitario em huma cella quarenta dias em cada anno , e nem ao menos ha de ver gente. Alli se applica todo o tempo á meditação , e se occupa em observar os sonhos , que teve , de que ao depois dá conta ao Superior. Este os explica como entende , e advinha , ou crê adivinhar desta maneira as cousas futuras. Eis-aqui huma cerimonia , que se pratica durante a noite de todas as quintas feiras , entre todos estes Religiosos. Põe-se todos em movimento andando á roda , ao lom de hum instrumento feito á maneira de flauta , e repetem sem descontinuar a palavra *Hai* : repetem-na tantas vezes , tão prolixo tempo , e com tal violencia , que cahem redondamente no chão como mortos. Dizem elles ,  
que

que isto he para imitarem o seu Fundador , que pronunciava esta palavra com tão grande vehemencia , que se lhe abrião as veias do peito , e esguichavão sangue , com o qual ficava escripto na parede esta palavra *Hai*. Facilmente lhes concede o Superior licença para se embebedarem com agoardente , para poderem continuar , e acabar a sua dança com mais força , e vigor.

## CAPITULO XIX.

### *Dos Calenderos.*

**E** Stes Religiosos da Turquia pretendem ganhar o Ceo por caminho totalmente opposto ao dos outros ; entregando-se de tudo á relaxação , e á licenciosidade : gostão muito da alegria , e do prazer sensual , expulsão de si fóra quanto podem a melancolia , e a tristeza , e vivem sem anxiedade , e com desafogo : empregão todo o tempo em comer , e beber , e para fartarem sua intemperança , e  
go-

golotoneria vendem tudo o que tem, e ainda o mais precioso. Quando estão em casa de pessoas ricas, moldão-se por ellas, vivem a seu modo, e gosto, e esquadrinhão maneiras de agradar a todos os familiares por meio de facecias, contos, e jovialidades, só para que se lhes dê bem de comer. Todos elles tem para si, e dizem, que a taberna he tão santa como a Mesquita, e que servem tão bem a Deos naquelle genero de vida brutal, como os outros no jejum, e na mortificação.

## CAPITULO XX.

*De outras pessoas empregadas no serviço da Religião.*

**A**inda afóra os Sacerdotes, e Religiosos, de que fallámos, ha entre os Turcos os Guizeconfos, os Alfaquitas, os Doagitas, ou Hanifizitas, os Santões, os Mesgidgibaquitas, os Seigbitas, os Taslimães, os Mierdgidgitas, e os Mutevelios.

Os

Os *Guizeconsos* são os que lem o Alcorão nas Mesquitas pelas almas dos seus Fundadores, quando esta foi sua intenção. De mais, lem a certas horas do dia livros traduzidos do Arabe em Turco, que tratão da sua Religião, e da sua crença, e os explicão em fórmula de Cathecismo aos rudes, e aos ignorantes. Além destes tem livros de Poesia na linguagem da Persia, e da Arabia, cujos versos são rimados com bom metro, e incluem muito boas moralidades, que elles citão agradavelmente, quando he occasião.

Os *Alfaquitas* são os Doutores da Lei de Mahomet: tem sobejo credito entre os Turcos; respeitão-nos como pessoas sagradas: estão sujeitos ao Mufti, de quem dependem.

Os *Doagitas* são Sacerdotes a quem está encarregada a porta do *Divan*. Antes de a abrirem, fazem suas orações pelas almas dos Imperadores defuntos, e pela prosperidade do reinante.

Os *Hanifizitas*, são os protectores

res, ou defensores do Alcorão; elles o sabem todo de cór: os Turcos os considerão, e honrão como pessoas sagradas, e como depositarios da lei do seu Profeta.

Os *Mesgidgibaquitas* são Sacerdotes, que ha no recolhimento das mulheres do Serralho, e que fervem a Mesquita, aonde ellas vão fazer suas orações.

Os *Seigbs*, ou *Seigbitas* são os Prégadores das Mesquitas. O Sultão tem hum particular, a quem chamão o Grão-Prégador de sua Alteza. Tem grandissima estimação, e credito na sua Corte. Os *Seigbs* passam ordinariamente a sua vida em Conventos.

Os *Talismães* são os que vão todas as manhãs ao Serralho, logo que as portas se abrem: todos formando hum circulo se põe de joelhos em hum pequena Mesquita, cada hum com seu livro na mão, e lem em voz alta huma especie de Psalmo, que he tão extenso, que gastão perto de hum hora em recitallo. Os Turcos tem mui grande devoção, e fé nesta oração.

ção, e crem que, em a dizendo quarenta vezes, alcanção de Deos tudo o que lhe pedem; motivo este, porque o Grão-Senhor manda que todos os dias, quarenta daquelles Sacerdotes rezem aquelle Psalmo por sua tenção, e depois de morto fazem-lhe o mesmo sobre a sepultura, para salvação da sua alma. A sua paga corresponde a trinta reis por dia.

Os *Mierdgidgitas* são os que tem cuidado da limpeza, e de ter tudo em boa ordem na Mesquita do Grão-Senhor. São Officiaes dos Eunuchos brancos do Serralho.

Os *Montevelios* são os recebedores das rendas das Mesquitas. O Grão-Senhor he como hum Administrador geral de todas ellas, e em lugar de deixar possuir toda a renda a hum particular, regula o número de pessoas necessarias para o serviço de cada Mesquita, e lhes assigna huma certa pensão sufficiente para sua sustentação. Os remanecentes das rendas são enviados para Constantinopla pelos Montevelios, e são depositados na

For-

Fortaleza das sete Torres , aonde fi-  
 ção guardadas com todo o cuidado.  
 O Grão-Senhor não se atreveria a bo-  
 lir nellas sem encarregar a sua con-  
 sciencia , e offender a lei , menos que  
 não fosse para empregar aquelle di-  
 nheiro em favor , e defenfa da sua  
 Religião ; mas como os Turcos con-  
 siderão todos os Principes da terra , á  
 excepção do seu Sultão , como in-  
 fiéis , ou herejes , o Grão-Senhor não  
 faz guerra assim offensiva , como de-  
 fensiva , que não seja avaliada como  
 guerra da Religião , e facilmente con-  
 segue approvação do Mufti para se  
 servir daquelles thesouros no tempo  
 da guerra.

## CAPITULO XXI.

*Das differentes Seitas dos Mabo-  
 metanos.*

**H**A infinito número de Seitas dif-  
 ferentes entre os Turcos ; mas  
 ha duas principaes , que dividem em  
 dous partidos diversos os Mahometa-

nos. Huma he abraçada , e defendida pelos Turcos , e outra pelos Perfas. São denominadas a Seita dos *Sunnitas* , e a feita dos *Alitas*. Os Turcos dizem que *Abube-Kero* , *Osman* , e *Omar* , succedêrão legitimamente a Mahomet antes de Ali , ao qual pertence rectamente o direito de successão a Mafoma , segundo a opinião dos Perfas. Os Turcos accusão os Perfas de terem corrompido o Alcorão , e os Perfas rejeitão como apócrifos , e faltos de authoridade os tres famigerados Doutores da lei de Mafoma , *Abube-Kero* , *Osman* , e *Omar* , que os Turcos venerão muito. Pelo que respeita a outras Seitas particulares , podemos dizer , que ha outras tantas na Turquia , quantos são os cabeças , ou mestres de Escola. Não ha visionario , ou pedante algum , que não tenha para si , que póde ensinar a seus discipulos qualquer opinião singular. Mas todavia tomão muito sentido em não atacarem , e em não offenderem algum dos cinco pontos principaes , que , segundo elles , constituem o verdadeiro Mahometano.

Distinguem-se quatro Seitas principaes, ou quatro differentes Escolas entre os Mahometanos orthodoxos. A primeira, cujo nome he *Haniffe*, he a de que mais commummente se faz profissão na Turquia, e na Tartaria. A segunda chamada *Chafei*, he seguida pelos Arabes. Os habitadores de Tripoli, de Tunes, de Argel, e de outros Póvos da Africa professaõ a terceira que se donomina *Malechia*. A quarta chama-se *Ambelia*, e não está introduzida senão em alguns lugares da Arabia. Os que fazem profissão destas quatro Seitas, são reputados por Orthodoxos, e não differem entre si senão em algumas ceremonias, que observão em suas orações, e nas abluições, e em alguns artigos da lei civil.

## CAPITULO XXII.

*Da Peregrinação da Méca.*

**E** Sta peregrinação he de preceito para todos , a quem sua pobreza , molestia , ou grandes cargos do estado não impossibilitão , ou de algum modo estorvão de fazer. O número dos Peregrinos , que fazem esta jornada , monta em cada anno a mais de sincoenta mil. Os Mahometanos Turcos ajuntão-se em Damasco ; os da Persia em Babylonia ; os do Egypto , e da Barbaria no Grão Cairo ; e todos elles se ajuntão ao depois sobre o Monte Arefat , que está nos arredores de Méca , aonde fazem hum sacrificio em memoria do de Abrahão. Passa em proverbio entre os Turcos , quando se falla nestas devotas jornadas , *Peregrinação , e Negocio* ; quer dizer que na peregrinação da Méca ha ordinariamente dous objectos a hum tempo : a Religião , e o commercio , hum serve muitas vezes de pre-

pretexto ao outro, porque muita gente não vai a Méca senão para negociar com os Persas, Indianos, e Africanos, que em desmesurado número alli se achão no tempo do *Bayrão*, e passão huma parte da sua vida em fazerem aquella romaria. O mais consideravel de todos os Peregrinos tem por nome *Soraemino*. He nomeado pelo Grão-Senhor para levar todos os annos cinco mil *sequins*, hum Alcorão coberto de ouro sobre hum camêlo, e o panno de arraz preto, que sua Alteza envia para cobrir o exterior do Templo de Méca. Quando este se põe, tirão-se os do anno precedente: os Peregrinos os despedação, e nenhum ha que deixe de trazer, como reliquia, algum pedaço para sua casa. O camêlo, que leva o Alcorão, vem enfeitado de flores, quando volta; e feita esta jornada, fica isento de trabalhar todo o restante da sua vida.

A Peregrinação da Méca, que nós chamamos *Caravana*, está expressada no idioma Turco pelo vocabulo *Hai*.

A lei obriga todos os Mahometanos a fazerem esta jornada huma vez na vida, ou a mandarem alguma pessoa em seu lugar, quando por justas razões elles proprios não podem ir. O Grão-Senhor paga effectivamente a mil soldados, só para acompanharem esta Caravana. Divide-se em seis turbas, ou corpos; as quatro do meio são os Peregrinos, e as outras duas soldados para os guardar: nunca a Caravana descansa toda junta; porque, quando os que vão adiante descanzão, os que vão atraz se adiantão, até que sejam os primeiros. Se acontece que os Arabes os atacam, e cativão alguns, a Caravana vai sempre seguindo seu caminho, e não se demora, nem se lhes dá dos que os Arabes levão. Manda-se sempre hum Official para dispôr as jornadas diarias, que ordinariamente não excedem a duas leguas, e doze viadores marchão adiante vestidos de côr vermelha, para enfiar o caminho. Cada Peregrino tem hum camêlo, de que se serve para levar suas provisões; porque quasi se

não

não achão viveres em toda a estrada, e apenas agoa de quatro em quatro dias; a qual he guardada, e protegida por fortalezas, pelo receio que ha de que os Arabes arruinem os póços para atenuar deste modo os viajantes.

CAPITULO XXIII.

*Obrigações dos particulares, que fazem a Peregrinação da Méca.*

**P**Ara haver a preparação necessaria para esta Peregrinação, deve cada hum começar por intenção recta, e pura, arrepender-se dos seus peccados; pagar suas dividas; reconciliar-se com seus inimigos; entregar os penhores, que tiver em seu poder; deixar á sua familia com que sustentarse até á sua vinda, e todo o dinheiro, que gastar nos preparativos, que fizer; e todo o que levar para os gastos da jornada, ha de ser bem adquirido. O Peregrino, quando sahe de sua casa, abaixa duas vezes a cabeça, e re-

recita o *Fateba*. Esta palavra significa: *Principio*, *Abertura*, he o nome do primeiro capitulo do Alcorão: esta oração he tão commum entre os Musulmanos, como entre nós a Oração Dominical. Os Turcos dizem o *Fateba* no principio das suas orações, nos seus casamentos, ao entrar em qualquer empreza, e geralmente em todas as occasiões, em que querem implorar o soccorro de Deos. Eis-aqui a traducção della: *Em nome de Deos clemente, e misericordioso, louvores sejam dados a Deos, Senhor dos dous mundos, clemente, e misericordioso. A vós, Senhor, estamos sujeitos, e imploramos vossa assistencia. Dirigi-nos no caminho recto, como fizestes a graça de dirigir os vossos escolhidos, e não como os réprobos.* Depois de ter dito esta oração, o Peregrino despede-se da sua familia, e lhe diz as palavras prescriptas pela lei, que são as seguintes: *O Senhor vos conserve, e vos proteja; elle vos livre de todo o mal, vos perdoe todas as vossas culpas, e vos*

*encha de bens, para qualquer parte que fordes.* Tem obrigação de dar esmola antes da sua partida, porque esta boa obra attrahe a benção de Deos. Quando monta a cavallo faz ainda outra oração, na qual, afóra de outras súpplicas, pede a Deos, que em toda a sua jornada o livre de *homens tristes, e cabisbaixos.* Quando chega á pouxada, deve dizer: *Meu Deos fazei-me achar huma pouxada de benção: vós sois, Senhor, o melhor de todos os descansos.* Repete estas mesmas orações em todo o tempo das suas jornadas, e deve dar descanso á sua cavalgadura as mais vezes que puder, e ter lembrança de se desmontar para jantar, para cear, e na subida, e descida dos montes, ou ribanceiras. He preciso que se prive de dormir sobre a cavalgadura, que trate bem todos os seus companheiros, e todos os que no caminho lhe perguntarem, ou pedirem alguma cousa, que não escandalize ninguem, nem ainda mesmo aquelles, que lhe exigirem suas provisões, nem lhes lan-

lance em rosto o que a elles lhes falta.

Tendo chegado ao lugar, aonde se ajunta a Caravana da Méca, e quer vestir o *Ibrão*, especie de habito de devoção, faz huma ablução, cobre todo o corpo com duas grandes toalhas novas, ou lavadas, corta as unhas, rapa, ou tosquia o pelo das partes inferiores, arranca o dos sôvacos, esfrega-se com certas drogas, faz duas reverentes venias, inclinando-se todo, e veste o seu habito. O *Ibrão* he de tres maneiras. O primeiro chama-se *Karem*, e este he o que se veste, quando algum se propõe o ir a Méca, e ahi offerecer hum sacrificio. O segundo he denominado *Mofredo*, que he o que se veste, quando na Peregrinação da Méca, não ha tenção se não de assistir ao sacrificio público, que lá se faz, sem fazer algum particular. O terceiro chama-se *Motmet-taa*, e serve para os que méramente querem fazer algum sacrificio. Antes de se revestirem, devem dirigir sua intenção, e dizer: *Eu resolvi-me a offe-*

recer hum sacrificio , e eu o offereço ao Deos grande. O Peregrino revestido do Ibrão , entra desta forte na Cidade de Méca , e dá sete voltas ao redor do Templo , e faz os celebrados sete *Sais*. (1)

Cada volta que o Peregrino dá em torno do Templo , he acompanhada de huma oração , que elle vai rezando. Quando entrão no Templo , andão muitas vezes ao redor delle , e sempre a rezar. Eis-aqui em summa o que elles dizem , em quanto andão gy-rando : *Oh Deos piedoso ! perdoai-me Senhor ; fechai os olhos ao que vós sabeis ; pois vós sabeis o que nós não sabemos. Oh Senhor da antiga casa ! livrai-me do fogo do Diabo malissimo , e execrando ; da malicia dos vi-*  
ven-

---

(1) He como passeio , ou procissão , que fazem entre dous lugares de Méca , em commemoração do caminho , que *Agar* fazia entre os dous lugares no deserto , quando , depois de ser expulsada da casa de *Abrahão* , buscava agoa para seu filho *Ismael* , sem se ousar de ir mais longe , temendo algum accidente , que em sua ausencia lhe mataffe , ou maltrataffe seu filho.

*ventes, e das astucias, e ciladas do Anti-Christo, e dos tormentos da morte, e da sepultura.* Estas derradeiras palavras são allufivas a hum ponto de Fé dos Mahometanos, como ao diante se verá, quando fallarmos da sepultura delles.

Entretanto que os Peregrinos da Méca offerecem a Deos suas orações, fazem toda a diligencia por se compungirem, e excitar dor: se as lagrimas lhes vem aos olhos, he final de que suas súplicas são ouvidas, e aproveitão-se daquelles instantes para então encommendarem a Deos todas as pessoas de sua amizade, e conhecimento. Quando se retirão de Méca, não lhes he permittido divertirem os olhos para outra parte que não seja o seu Templo até o perderem de vista. Se de Méca querem ir a Medina, aonde está depositado o corpo do seu Profeta, renovão com pouca differença as mesmas ceremonias; e depois de fatisfazerem a este essencial preceito da sua Religião, tornão a vir para suas casas em paz, e alegria.

## CAPITULO XXIV.

*De algumas particularidades da Religião de Mafoma na Turquia.*

**O**S Turcos fazem hum sacrificio, que elles chamão *Corbam*. Consiste em degollar carneiros sobre o sepulchro dos mortos, e em dar a carne aos pobres. Crêm que esta cerimonia allevia as almas, a quem ainda falta que expiar no outro mundo algumas culpas. Fazem tambem hum *Corbam* no tempo da Caravana da Méca.

He crença universal em Turquia, que assim que qualquer corpo se lança na cova, com elle descem dous Anjos negros, que o acompanhão na sepultura. Ao primeiro chamão *Gna-nequir*, e ao segundo *Mogir*. Dizem que hum tem na mão hum martello, e o outro ganchos de ferro para introduzirem de novo a alma no corpo do defunto: que sendo reanimado aquelle corpo, o interrogão sobre a sua vida passada, e sobre o artigo de

de ter sido bom Musulmano. Se lhes não dá boas contas de sua vida, o que tem o martello lhe dá tão grande pancada, que o enterra abaixo de cinco braças. Mas dando ajustada razão de suas acções, os dous Anjos negros desaparecem, e vem dous brancos em seu lugar, que ficão guardando o corpo até ao dia de Juizo.

Os Turcos, e mais Mahometanos appellidão-se *Musulmanos*, que significa *Fieis*, porque não crêm que haja outra lei verdadeira, senão a que elles professão.

A palavra *Char-allba*, que quer dizer Justiça de Deos, he de tal veneração para os Turcos, que ninguem ha, que se possa izentar de comparecer, nem ainda o mesmo Grão-Senhor, quando he citado por estes vocabulos, porém só o Mufti tem direito de usar delles para com sua Alteza Imperial.

Ha na Turquia huma especie de veneração ao camêlo, e tem os Turcos para si, que he peccado mortal por-lhe grandes cargas, ou fazello tra-

ba-

balhar mais que hum cavallo. A razão, que dão para isto, he, que este animal he muito commum nos lugares santos da Arabia, e que he elle, que leva o Alcorão quando se faz a Peregrinação da Méca. Os que governão estes animaes, depois de lhes dar de beber em huma bacia, servem-se da babugem que lhes sahe da boca para esfregarem as barbas, pronunciando com extremosa devoção estas palavras: *Hadgibaba, Hadgibaba*, que significação: Oh Pai Peregrino, oh Pai Peregrino. Os Turcos tem tambem subejo respeito ao jumento, porque Nosso Senhor Jesu Christo, que elles contemplão, e respeitão como hum grande Profeta, se servio d'elle, quando andava no mundo.

He quanto em resumo podemos dizer da Religião dos Turcos, e lei de Mafoma, passaremos agora a dar tambem huma succinta noticia da Policia, e Milicia do actual Imperio Ottomano.

Os Turcos não se fizeram Senhores dos vastos dominios que possuem, senão com a espada na mão, e unica-

camente á força de armas. Mas aquella grandeza de alma , e altiva magestade dos seus primeiros Imperadores tem perdido muito da sua primeira grandeza , e esplendor. As forças de terra tem diminuido muito , e as maritimas tem-se reduzido a miseravel estado.

## C A P I T U L O XXV.

### *Da Milicia terrestre dos Turcos.*

**O**S Turcos distinguem tambem as suas Tropas em Cavalleria , e Infanteria. A Cavalleria he a parte mais numerosa da Milicia Ottomana : he de tres fortes : huma que tira sua subsistencia de certas terras , ou de certas rendas , que o Sultão lhe concede ; a outra recebe a sua paga em dinheiro de contado ; a terceira he apromptada para o Grão-Senhor pelas provincias. Os primeiros tem os nomes de *Zaims* , e *Timariotes* ; os segundos *Spabis* , e os terceiros são especies de Tropas auxiliares.

## CAPITULO XXVI.

*Dos Zaims, e dos Timariotes.*

**E** Stas duas especies de gente de guerra são como Barões em certos Paizes, ou como os nossos Comendadores, e Padroeiros, que possuem certos dominios concedidos pelos Principes. Ha muito pouca differença entre os Zaims, e os Timariotes; forão instituidos pelo mesmo fim, e tem as mesmas obrigações. Parece porém que os Zaims tem mais algumas utilidades, e distincção que os outros. A sua renda monta de cem mil réis até dous mil cruzados. Em todas as expedições militares estão elles obrigados a servirem com suas tendas, que devem ser acompanhadas de cozinhas, de cavalherices, e de outras casas necessarias, e proporcionadas aos seus teres, e á sua qualidade. São obrigados a pôrem hum cavalleiro armado por cada quarenta mil réis, que o Grão-Senhor lhes dá de renda. Este caval-

leiro chama-se em linguagem Turca *Gebelu*. Os Timariotes estão obrigados a terem , e levarem tendas de campanha menores que as dos Zaims , e a apromptarem o mesmo número de homens com menos renda. Huns , e outros estão dispostos em regimentos commandados por Coronéis. Quando marchão vão com bandeiras , ou estandartes , e timbales. Os seus Coronéis tem acima de si os Pachás , e os Governadores de Comarca , e estes são commandados pelos Governadores das Provincias. Quando todas estas tropas estão encorporadas , então se fórma *parada* , cujo lugar , e horas são determinados pelo General , que ordinariamente he o Grão-Senhor , o Grão-Vizir , ou qualquer outra Personagem eminente , que tem a qualidade de Vizir.

Os Zaims , e os Timariotes nunca são dispensados de servirem em pessoa , quando o Grão-Senhor commanda o exercito. Se estão doentes , mesmo na cama são levados em liteiras , se ainda são meninos , nem por isso  
são

são dispensados, pois vão sempre dentro em cabazes grandes, ou cestos em cima de cavallos, e desde o berço os acoftumão á fadiga, ao perigo, e á disciplina militar.

Como alguns destes homens de guerra não são mais que usufructuarios de suas rendas, e bens, e outros, que morrem sem filhos legitimos, as suas terras vagão para a Coroa. Todos aquelles bens, tendo ordinariamente augmentado muito pelo cuidado, e industria dos que os possuião, o Principe os dá a outros, segundo o seu valor actual, que muitas vezes chega a ser o dobro do que se acha lançado no registro do Imperador. Por este meio o Grão-Senhor vai sempre augmentando o número dos seus soldados. Pelo que, quanto maior número delles morre em huma batalha, tanto mais lucra o Sultão; e na distribuição que faz, gratifica muitos com a porção, que pertencia a hum só. He certo, que esta especie de milicia ha de montar a cem mil combatentes.

Em tempo de guerra se aggregão

a estas tropas certos voluntarios, que os Turcos chamão *Gionullu*, e que se mantêm á sua custa, na esperança de alcançarem, por alguma acção de nome, o lugar de algum Zaim, ou de algum Timariote, que morre na guerra. Estes soldados são ordinariamente valentes, destemidos, e proprios para se aventurarem a todo o risco nas acções mais temerarias.

Quando os Timariotes, e os Zaims estão já velhos, estropiados, ou inválidos, podem doar suas terras a seus filhos, ou aos parentes mais proximos. A prática de alguns lugares do Imperio, quando morre na guerra algum Timariote, ou Zaim, he repartir os bens, e as rendas do defunto pelos filhos, que lhe ficão, que recebem partes iguaes; mas quando as rendas não correspondem a quarenta e oito mil reis da nossa moeda, passa tudo ao primogenito: se pelo contrario acontece morrer de sua morte natural, o Governador da Provincia dispõe das suas terras, vende-as, ou dá-as a quem lhe praz. Em outras partes he de usança pas-

passarem aquelles bens por successão de pais a filhos.

O Vocabulo *Timariotes*, nasce de *Timars*, que são á maneira de commendas destinadas em parte para a manutenção da gente de guerra, a quem se dá como em feudo. A' medida que os Turcos subjugarão, e conquistárão Provincias aos Christãos, eis-aqui a ordem que ácerca disto observárão. Aporárão-se do dominio do Principe vencido, de tudo o que pertencia á Igreja, e dos bens, predios, e riquezas dos que tinham morrido na peleja, e dos que se tinham retirado. A maior parte de todos aquelles bens foi dividida em *Timars*, e a outra foi destinada para conservação, e augmento das Mesquitas, e para subsistencia dos que as servem. Tudo o que sobeja depois de feitas todas as despezas annuaes, e indispensaveis dos cargos da Provincia, vai remettido ao thesoureiro da Provincia, que tem sua residencia na Corte. Pelo que, toda a vasta extensão das grandes regiões, que estão debaixo do dominio do

do Grão-Senhor , todas as heranças , todos os castellos , todas as praças fortes &c. , lhe pertencem de propriedade. Elle sómente he quem dispõe de tudo , e ninguem ha que possua cousa alguma , que não seja por effeito de sua munificencia. Não he todavia porque as terras , possuidas na Turquia pelos militares , não possam passar de pais a filhos ; mas não gozão dellas senão como usufructuarios. Sempre o Sultão reserva para si o direito de propriedade , e he Senhor de os desapossar , e de as dar a quem lhe praz.

## C A P I T U L O XXVII.

### *Dos Spahis.*

**O** *Spahis* são outra especie de Cavalleria Turca , que he paga á custa do Grão-Senhor. Podemo-la reputar pela Nobreza do estado , por serem mais bem educados , e civilizados que os outros Turcos. São de dous modos. Huns levão hum Estandarte ama-

amarello, quando vão em marcha, e outros vermelho. Suas armas são hum alfange, e huma lança, com huma especie de dardo de comprimento de dous pés ferrado na ponta. Despedem esta arma com fubeja força, e destreza, e algumas vezes correndo á redea solta a arremeção para diante, e a tornão a apanhar na carreira. Armão-se tambem de huma espada, que vai preza ao lado da sella do cavallo: a sua folha he larga, e direita, e servem-se della quando lhes parece conveniente, em lugar do alfange, principalmente no calor da acção. Muitos ha entre elles, que levão arcos, frechas, pistolas, clavinas; ainda que não avaliem em muito as armas de fogo. Outros armão-se de coletes de malha, capacetes de ferro pintados da mesma côr que o seu Estandarte. Quando principião a pelejar, gritão muito, dizendo: *allab, allab*, e forcejão, quanto podem, para romperem as fileiras do inimigo; mas se, fazendo até terceiro esforço, o não conseguem, esmorecem, e retirão-se.

Os Spahis da Asia são muito mais bem montados , que os da Europa ; mas estes ultimos são mais destros , e mais valentes , por causa das guerras que tem continuamente com os Christãos , e Potencias visinhas. Os Spahis erão em outro tempo mais ricos , e mais poderosos , que presentemente. Hoje são tão pobres , que estão reduzidos a accommodar-se dez , ou doze em huma tenda ridicula , para o que todos contribuem , e a fazerem bolsa para sustentar dous , ou tres cavallos , e hum macho para a sua bagagem , e provimento de todos. O seu soldo não he regular , vencem pelo nosso dinheiro de hum tostão até setecentos e vinte por dia. A differença deste soldo procede da differença dos lugares , donde sahirão antes de entrarem naquelle corpo , e da especie de trabalho , a que os tinham applicado. Huns forão creados , e educados em diversos Serralhos , aonde se ensina á mocidade os principios da guerra , e da literatura : outros forão cozinheiros , ou rachadores de lenha no

Ser-

Serralho do Grão-Senhor: muitos ha, que são tirados dos lavadeiros do Imperador, das fábricas dos Turbanes, do laboratorio, da thesoureria &c. Estes ultimos recebem maior pagamento que os outros.

Os filhos dos Spahis conseguem facilmente do Grão-Vizir alistarem-se nos livros de registro do Grão-Senhor; mas o seu pagamento, que deve ser ao menos a razão de cento e dez, ou seis vintens por dia, he tirado da renda de seu pai. Depois de estarem alistados, estão nas circumstancias de serem adiantados em remuneração dos seus serviços, se tem fortuna, e industria.

Na exaltação do Principe, ou aclamação do Grão-Senhor, sempre se augmenta por fórma de gratificação o soldo aos Spahis; e quando o Sultão vai pessoalmente á guerra, dá huma ajuda de custo em dinheiro a cada hum delles, que ordinariamente são cem *francos*, para comprarem arcos, e frechas.

Esta Tropa de Spahis em tempo de guerra não he outra cousa mais, que

que huma multidão confusa de homens sem freio, nem disciplina. Não tem regulação, não tem companhias, nem regimentos; marchão em chufma, e combatem sem ordem.

Os Spahis fazem suas sentinellas a cavallo quando estão de guarda ao Grão-Senhor: a cada guia da tenda do Imperador se posta hum dos Spahis a cavallo, e hum Janizaro a pé; o mesmo se pratica com o Grão-Vizir: os cofres do exercito são guardados por Spahis. Estes não recebem pagamento senão de tres em tres mezes: o seu soldo nunca augmenta em tempo de guerra; mas em recompensa disto, o Grão-Senhor lhes manda dar no exercito todos os viveres pelo mesmo preço que em Constantinopla; o que os allivia indizivelmente. Não lhes he prohibido casar; mas raras vezes o fazem, porque são menos bem avaliados. Conta-se no Imperio Ottomano mais de vinte e quatro mil Spahis.

## CAPITULO XXVIII.

*Terceira especie de Cavalleria no serviço do Grão Senhor.*

**O**S *Jurukleros* são huma especie de milicia, que ha em Romania, e cujas rendas passão de pais a filhos: chegão a compôr quasi mil e trezentas familias. Outros ha que se denominão *Ogicksos*, que quer dizer *Chamines*, que poderão montar a cinco mil casas. Estes homens estão obrigados a se quintarem todos os annos, ou a darem cinco pessoas de cada trinta, as quaes tem o nome de voluntarios. Estes devem-se ir unir aos Tartaros, para fazerem correrias na Russia, na Polonia, ou em outros lugares. Huns aos outros se rendem todos os annos. Os vinte e cinco que ficão, não são obrigados a servirem em pessoa na guerra; mas em caso de necessidade, devem mandar hum ou dous homens em seu lugar. O seu principal exercicio he servir a artilheria,

ria , ter cuidado na bagagem , e nas munições , aplainar os caminhos , e concertar as pontes para a passagem do exercito.

O Egypto fornece de tropas ao Grão-Senhor por differente maneira de todo o mais Imperio. Confia-se este Reino a doze *Beys* , que tem o commando absoluto de toda a milicia. Cada Bey conserva quinhentos homens de guerra , que lhe fervem de guardas , e que fazem parte da sua comitiva. Aquelles doze Capitães governão vinte mil cavalleiros , que são pagos á custa do paiz. Os cavalleiros tem obrigação de escoltarem os Peregrinos que vão a Méca , e de conduzirem seguramente á Corte Ottomana o tributo de seiscentos mil Sequins , que paga o Egypto ao Grão-Senhor. São tambem obrigados a estorvarem as invasões dos Africanos , que habitão nas montanhas , e que muitas vezes sahem de seus rochedos seccos , e áridos , para invadirem as terras pingues , e ferteis do Egypto. Além do número de homens , de que

acabo de fallar , ha ainda mais no Egipto dezoito mil Timariotes , dos quaes se mandão todos os annos tres mil para Candia para o serviço do Sultão. Os Tartaros , os Valachos , os Moldavos , e os habitadores da Transilvania são obrigados a darem gente de guerra ao Grão-Senhor todas as vezes que elle lha pede. Os Tartaros envião-lhe cem mil homens debaixo do commando do seu *Tartarbão* , quando o Sultão governa o exercito , mas quando este he commandado pelo Grão-Vizir , o Tartarbão manda seu filho , ou , se este não póde ir , o seu primeiro Ministro com quarenta , ou sincoenta mil homens. Quanto aos Principes de Valachia , de Moldavia , e da Transilvania , nunca são dispensados de irem servir pessoalmente , levando comfigo cada hum sete ou oito mil homens.

Ha outra gente de guerra na Turquia chamada *Arcangizos* , que não tem soldo , nem *Timares* , e que servem sómente para serem isentos dos tributos ordinarios que se impõe no

Im-

Imperio , ou na esperanza de alcançarem algum posto , ou emprego no exercito , quando vagar. O Grão-Senhor se serve delles para arruinar os paizes inimigos , assim em tempo de guerra , como em tempo de paz. Sempre estão aquartelados nas fronteiras , para pontual , e continuadamente estarem fazendo correrias nos Dominios dos Principes visinhos , e para incommodar , e atenuar seus vassallos. Quasi sessenta mil homens desta especie de tropa guarnecem as fronteiras da Europa , e outros tantos as da Asia. Ordinariamente se dá o commandamento dos Arcangizos a Capitães pobres , que servirão bem , para deste modo se lhes facilitar meios de se enriquecerem. Em tempo de guerra manda o Sultão augmentar o número desta tropa , segundo lhe parece.

## CAPITULO XXIX.

*Infanteria Turca.*

**O**S *Janizaros*, os *Chiaus*, os que são empregados na Artilheria, e outros destinados para o serviço dos Governadores, e dos Bachás, fórmão os differentes corpos, que compõe a Infanteria Turca.

## CAPITULO XXX.

*Dos Janizaros.*

**O**S *Janizaros* fórmão a força mais consideravel do Imperio depois dos Spahis: he denominada *Milicia nova*, não obstante trazerem sua origem de Ottomão I. Mas como Amurat III. lhes concedeo grandes privilegios, a Historia dos Turcos não faz menção delles senão desse tempo por diante. Elle foi, verdade seja, quem fez leis para a sua policia, e para sua manutenção.

Os

Os Janizaros ao principio não passavam de sete mil , e hoje montão a quarenta mil ; e mais ainda , se quizermos contar os que tomão a qualidade de Janizaros , e gozão de seus privilegios , porque então excedem a cem mil , os quaes não recebem paga , nem tem seus nomes alistados ; porque querem ser exemptos de pagar muitas imposições ; e de alguns deveres públicos , dão certa somma , e fazem presentes todos os annos aos officiaes , que os protegem , e que os fazem passar por Janizaros.

Esta Milicia em outro tempo não se compunha senão de Christãos , que , captivados na sua infancia , tinhão sido instruidos no Mahometismo ; porém isto já não se pratica ; porque hoje não se recebe para Janizaros , senão Turcos naturaes. Antes de passarem a Janizaros , está estabelecido por lei , que , sem excepção de pessoa , vão ter certos exercicios para se habilitarem , sem o que , nenhum entra em tempo de paz , e ainda em tempo de guerra , se a necessidade não obriga ao

contrario. Os exercicios , em que se empregão estas especies de noviços militares , são penosissimos , e os mais capazes de fortalecer o corpo , e de o acostumar ao trabalho , como por exemplo , cortar , e rachar madeiros ; carregar com grandes pezos ; soffrer o frio , e o calor ; serem humildes , obedientes , vigilantes , e pacientes ; em huma palavra , a tudo o que os póde fazer capazes de supportar todos os incómmodos , e fadigas da guerra.

A maior parte destes *Agiamoglanos* , que he o nome , que se lhes dá na Turquia , está aquartelada nos jardins , ou hortejos do Serralho do Grão-Senhor : sua occupação he cultivar a terra , plantar arvores , concertar , e fazer os instrumentos ruraes , e se a occasião o pede , fazerem as cousas mais abjectas , e as mais penosas , até que a necessidade , que ha delles para a guerra , obrigue seus Officiaes a aliviallos. Então vão alojar-se nos quartéis dos Janizaros , que estão em Constantinopla. Para ahi serem admittidos

não he preciso mais que chamallos por seus nomes em presença do commissario, que lhes assenta praça nos registros do Grão-Senhor. Quando vão a este acto, todos marchão em huma fileira, indo os mais idosos adiante, e cada hum vai pegando nas abas do vestido do que lhe antecede. Ainda bem seu nome não está lançado no livro de registro, quando já correm acceleradamente para o guarda do seu quartel, o qual dá em cada hum sobre a nuca hum brando cachação, para fazer conhecer desta maneira, que todos elles lhe estão sujeitos, e este he o modo de fazer os Janizaros.

Entre estes *Agiamoglanos* alguns ha, que não ganhão mais de hum *Aspre* por dia: esta moeda equival a sete, ou oito réis do nosso dinheiro, outros tem quatro, ou finco, e alguns chegão a ter sete *Aspres* e meio; e quando o favor dos Officiaes he grande, monta o soldo a doze *Aspres*, que he o mais que póde ganhar por dia hum Janizaro.

Além do vencimento diario em  
di-

dinheiro , são os Janizaros sustentados á custa do Grão-Senhor. A certas horas reguladas se lhes dá a cada hum arroz , vaca , e pão. São commensaes todos em refeitorio. O Grão-Senhor os farda todos os annos , e dá a cada hum huma farda de lã grossa muito quente , e muito cómoda : este fardamento he distribuido por elles em cada quartel no mez do Ramadão. Como os Janizaros vivem fartos , ensoberbecem-se , são amotinadores , insolentes , e estão sempre dispostos para excitarem sedições , quando o menor descontentamento , que tem de seus Officiaes , lhes offerece occasião. Se isto alguma vez succede , principião a mostrar o seu resentimento na assembléa pública do *Divan* , aonde regularmente se devem achar quatrocentos , ou quinhentos todos os domingos , segundas , terças , e quintas feiras de cada semana , para acompanharem o seu General.

Naquelles dias se lhes dá de comer das cozinhas do Sultão. Quando não estão descontentes , jantão com

todo o focego; mas se pelo contrario estão estimulados, empurrão os pratos, derramão o comer pela meza, e dão a conhecer desta fórma, que elles tem mais desejo de se vingarem dos Ministros, que de se assentarem á meza. Estas acções são ordinariamente seguidas de discursos insolentes; mas o Grão-Senhor, e os officiaes que tem observado, que aquelles motins tiverão muitas vezes pessimas consequencias, não perdem a occasião de os apaziguar, dando-lhes logo huma leve satisfação, ou fazendo-lhes grandes promessas.

O General desta Milicia chama-se *Aga*, ou *Janizar-Agasi*, sempre he tirado da camara do Imperador; porque importa muito não conferir este cargo, senão a pessoas de confiança, para que estas ganhando a vontade dos seus primeiros Officiaes, estes soceguem os animos dos seus soldados; o que assim tem succedido milhares de vezes.

O *Aga* nunca sahe fóra em Constantinopla sem ser acompanhado de hu-

hum guarda de quatrocentos , ou quinhentos soldados deste corpo , sobre quem tem mando absoluto. Antigamente o *Aga* era elegido pelos Janizaros , e fahia desta mesma tropa ; mas como acontecesse entre elles ácerca disto , e em certa eleição , grande tumulto , e disputa , supplicárão ao Grão-Senhor que quizesse eleger o seu Aga de entre os seus Aulicos , ou pagens honorarios , o que lhes foi concedido com tanta mais facilidade , quanto deste modo o Sultão se fazia Senhor de hum dos cargos mais consideraveis do estado. Quando o Aga se faz amar dos Janizaros , póde tudo entre os Turcos , e nestas circumstancias não ha official mais poderoso , que elle na *Porta* ; mas a politica do Grão-Senhor busca ardilosos meios de fazer que os Janizaros estejam de má fé com o Aga , para assim estorvar a união , e boa correspondencia , que póde haver entre aquella tropa , e o seu chefe.

A tropa Janizara tem dez Officiaes principaes , que são: o General , ou Aga ,

Aga ; o Tenente General ; o Quartel-Mestre , ou Inspector da bagagem dos Janizaros ; o Guarda-Mór das aves , ou grous do Grão-Senhor ; o Guarda-Mór dos grandes cães do Sultão ; o Guarda dos sabujos , ou cães de caça ; o Capitão de Archeiros ; isto he , dos Janizaros armados de arcos , e frechas ; o Capitão Bailio , ou da Nobreza , que anda a par do Imperador , quando apparece em público ; o Pagem-maior , ou Commandante dos Pagens , e o Intendente Geral dos Janizaros , que julga de todas as defavenças , e letigios desta Milicia. Destes dez Officiaes Generaes , só os dous primeiros não são promovidos dos Janizaros : para augmentar o seu poder , e a sua authoridade , o Grão-Senhor lhes dá rendas , e outros cargos.

Os Janizaros não tem quartéis em outra parte , senão em Constantino-  
pla : os que não são casados , ahi tem o seu alojamento , e cada quartel tem hum Inspector , que em tempo de guerra occupa o lugar de Tenente da companhia. Os outros Officiaes  
de

de cada quartel, são: o comprador, ou dispenheiro; o Alferes, ou Porta-Estandarte; o cozinheiro; o aguadeiro, e o sob-cozinheiro. O cozinheiro he quem vigia, e observa os Janizaros, e que os castiga, quando commettem alguma falta. O sob-cozinheiro he obrigado a ir avisar os Janizaros casados, para alguma acção militar, quando he necessario, ou para irem á presença dos seus Superiores.

A maior parte dos Janizaros vivem no estado de celibato, posto não terem objecção para casar; mas como o casamento he hum obstaculo invencivel ao seu adiantamento, e á sua fortuna, poucos casão. Na Corte Ottomana se está persuadido de que o embaraço de huma familia não se confórma, nem convém de modo algum ao serviço do Imperador. Em tempo de paz estão os casados dispensados de toda a obrigação, á excepção de em todas as quintas feiras virem aos seus quartéis, ou de apparecerem aos seus Officiaes, quando estes os mandão avisar.

Os Turcos avalião , e respeitão esta Milicia como a mais valente , e mais bem disciplinada : este o motivo , porque os Janizaros fazem sempre o principal corpo do exercito. Em tempo de paz são mudados algumas vezes de quartel , para assim os divertir , e apartar da ociosidade , temendo que haja algum levantamento ; vão destacados para Hungria , Rhodes , e para outras partes : alguns montão guarda ás portas , e ás entradas das ruas de Constantinopla , para impedirem as violencias , que seus camaradas quererão fazer aos Christãos , aos Judeos , e a outras pessoas. Para reprimir as defordens , anda o seu General ordinariamente a cavallo pelas ruas , acompanhado de trinta , ou quarenta meirinhos ; e quando acha algum em falta , ou commettendo crime , o manda prezo á sua ordem , e depois de examinado o delicto , lhe impõe o castigo , segundo a gravidade da culpa , até o mandar degolar , ou metter vivo em hum sacco para o deitarem no mar ; mas a execução def-

desta ordem he sempre em segredo , receando que por ella se não cxcite alguma fedição.

Em cada Provincia tem os Janizaros seus Coronéis. Estes abusão frequentissimamente da sua authoridade , concedendo com torpeza , e venalidade a particulares os privilegios de seus corpos. As armas ordinarias dos Janizaros são a espada , e a espingarda : combatem em confusão , e sem ordem á maneira dos Spahis , com differença sómente de que algumas vezes fórão batalhões triangulares como antigamente os Romanos. Esta tropa não he tão vistosa como os Spahis , mas são mais bem reputados que estes ; porque o seu número he maior , tem mais união , e são mais fiéis entre si. A' medida que fazem algum bom serviço , se lhes augmenta o soldo , o que os estimula muito a obrar bem : além disto a certeza , que tem de que tornando-se inválidos no serviço , hão de sempre vencer soldo , e irão para o número dos *Oturaques* , os anima muito nas acções. Denominão-se *Otu-*

*raques* os soldados Turcos, que já são inúteis por sua velhice, por algum defar da guerra, ou por alguma causa apparentemente justa. São isentos de servirem, e de irem á guerra, não obstante continuar-se-lhes seu soldo em quanto vivem. Os Officiaes fazem *Oturaques* pelos mais leves motivos, com tanto que se lhes dê dinheiro, ou dahi recebam alguma utilidade.

A' medida que os Janizaros casados vão tendo filhos, o seu soldo vai tambem augmentando de hum aspre por dia, para deste modo se lhes subministrar meio de os crear. Se morrerem sem filhos, o seu quartel he o seu herdeiro; e ainda quando os tem, sempre o quartel participa da herança, e tudo, o que recebe, se mette no negocio, ou dá a juro para utilidade do mesmo quartel. De mais, o Grão-Senhor obriga a dar-se-lhes mais barato todas as cousas necessarias á vida. Quando os Janizaros vão á guerra, tem hum carro para a bagagem de dez soldados, e hum camelo para cada vintena de tendas de campanha.

Es-

Esta Tropa não entra de guarda no Serralho do Sultão, porém sómente ás portas, e ruas da cidade, e ainda que não tenham mais arma que hum leve bordão na mão, nem por isso deixão de ser temidos, e respeitados sobre maneira de todos. As suas armas estão arrecadadas debaixo de chave, e não se lhes dão, senão quando vão á campanha, pelo grande receio que ha de que abusem dellas na cidade. Os dias em que estão de folga, exercitão-se em disparar frechas, e em atirar ao alvo com seus *arcabuzes*, e tem este exercicio em lugares destinados, que são grandes terrenos que estão no recinto de seus alojamentos.

Escolhe-se entre os Janizaros trezentos, ou quatrocentos dos mais robustos, e mais experimentados; aos quaes se chama *Solacs*, para irem em torno do Grão-Senhor quando este vai á campanha. No dia da batalha vão armados de frechas, e não levão armas de fogo por não amotinarem o Imperador com o estrondo das armas, nem espantarem o seu cavallo. Ainda na

pas-

passagem dos rios o não desamparão, e pasão a nado levando-o sempre no meio delles. Em cada passagem de rio lhes dá o seu Soberano huma ajuda de custo, ou premio, que vem a ser, hum cruzado a cada hum, quando a agoa lhes chega ao joelho, dous quando lhe chega á cintura, e tres quando excede a esta altura. Se o rio he procelloso então montão a cavallo, e a todo o risco ficão sempre responsaveis da pessoa do Principe; motivo porque sempre sondão o váo attentamente em qualquer occasião que seja.

Os Janizaros prestão dous juramentos quando assentão praça. O primeiro he de servir bem, e fielmente o Imperador: o segundo, de querer, e approvar tudo o que seus camaradas quizerem, o que os une, e liga de tal sorte, que no Imperio Otomano não ha poder que se lhes compare. Quasi de ordinario não ha mais de quatorze, ou quinze mil na Capital; os outros estão de guarnição pelas fronteiras, aonde approvão sempre

pre as desordens que seus companheiros commettem em Constantinopla.

## C A P I T U L O XXXI.

### *Dos Chiaús.*

**O**s *Chiaús* são huma especie de tropa, que trazem hum alfange, hum arco, frechas, e hum páo curto, grosso, e com huma chamorra em hum dos extremos. Os que servem o Grão-Vizir, e os Governadores, cobrem de folha de prata todo aquelle bordão: não assim os que servem os Bachás. O número desta Infanteria, he com pouca differença de mil homens, entre os quaes ha quarenta distinctos, os quaes são como correios, e postilhões do Grão-Senhor, assim para levar as ordens, e fazer conhecer a vontade de S. Alteza Imperial em seus estados, como para levar cartas aos Principes Estrangeiros. Ajuntão-se no Palacio do primeiro Vizir para receberem as commissões de que são encarregados, e ordinariamente se ad-  
mit-

mittem a estes empregos os Christãos arrenegados, tanto para lhes dar modo de subsistir, como por causa da diversidade de linguas, que fallão. Os outros são á maneira dos nossos Officiaes de Justiça: são empregados ordinariamente nos letigios, e actos civís, que os particulares tem huns contra os outros. Elles fazem as citações, prendem, levão as partes á presença do Juiz; e se póde haver composição entre os litigantes, são elles os medianeiros, porque dahi tirão algum proveito. O seu salario monta de doze até trinta aspres por dia.

## C A P I T U L O XXXII.

### *Dos Topchisos.*

**O**S *Topchisos* são Artilheiros, assim chamados por serem derivados do vocabulo *Tope*, que significa peça, ou canhão de Artilheria. O número delles chega a mil e quinhentos, e estão distribuidos em sincoen-

ta e dous quartéis. O seu alojamento he nos suburbios de Constantinopla. Poucos, ou nenhuns ha bons na sua profissão. Os Turcos bem conhecem, e confessão ingenuamente que carecem de bons Artilheiros: por esta causa, quando na guerra fazem algum prisioneiro Christão, que seja de Artilheria, o estimão mais, e o tratão melhor que aos outros prisioneiros, só a fim d'elle se conservar: dão-lhe alojamento com os Topchifos nacionaes em seus mesmos quartéis, e tem de soldo oito, ou dez aspres por dia; mas a maior parte destes prisioneiros não se deixa attrahir daquelle bom tratamento, não espera senão a occasião de desertar para outra vez voltar para a sua patria.

Os Officiaes dos Topchifos são o Grão-Mestre de Artilheria; o Chefe da Fundição, o Capitão dos quartéis de Artilheria, e o Commissario, o qual he sempre hum Spahis.

As peças de Artilheria na Turquia são tão grandes, e tão boas como na Nação mais civilizada. Algu-

ma polvora se faz nos arrabaldes de Constantinopla , mas não he a mais bem reputada ; os Turcos avalião em mais a que se fabrica em Damasco : as suas maiores balas chegão a ter quarenta pollegadas de diametro ; mas ordinariamente são feitas de pedra , e não se fervem dellas senão em praças maritimas.

### C A P I T U L O XXXIII.

#### *Dos Gebesis.*

**O**S *Gebesis* são espingardeiros, cujo nome se deriva do vocabulo Turco *Gebes* ; isto he , couraça. Ha seiscentos e trinta na Turquia , e estão distribuidos em sessenta quarteis ao pé de Santa Sofia em Constantinopla. Empregão-se em alimpar , e concertar as armas do tempo passado ; porque os Turcos as considerão , e respeitão como troféos das suas conquistas. O vencimento diario de cada *Gebesi* he de oito até doze aspres. Tem hum Commandante em chefe , e hum

su-

superior em cada quartel. Estes espingardeiros são necessarios em todas as expedições militares, e no dia da batalha elles são, que aos Janizaros distribuem as armas, cuja guarda lhes he confiada.

## CAPITULO XXXIV.

### *Dos Delis, ou Delizos.*

A Palavra *Deli* significa em linguagem Turca *Nescio*, ou *Daido*. Os Delizos são guardas do Grão-Vizir, e ordinariamente se contão de cem até quatrocentos, segundo a magnificencia de tratamento do Vizir. Cada hum ganha por dia de doze até quinze aspres. Todos são naturaes de Bosnia, ou de Albania, e o seu vestuario he ridiculissimo. São mui bem apessoados, e de desmarcada estatura; o seu fallar he arrogante, e suas conversações versão sempre sobre combates, e acções de valentia. Marchão a pé pela cidade, indo adiante do primeiro Vizir para lhe desempedir o

caminho , quando elle vai ao Divan. Mas em tempo de guerra , se o Vizir vai á campanha , e elles o seguem , então vão a cavallo de huma maneira pomposa , e correspondente á grandeza de seu corpo , e ao seu pezo. Suas armas são lança , espada , acha de armas , e alguns trazem de mais pistolas na cintura. São naturalmente mais fiéis que os Turcos. Tem hum chefe , que vigia sobre elles , e lhes inspira amor , e fidelidade ás ordens do Grão-Vizir.

## C A P I T U L O XXXV.

### *Dos Seghbans , e dos Sirigias.*

**O**S Governadores das Provincias , e os Bachás occupão sempre esta milicia. Os Seghbans guardão a bagagem da cavalleria , e os Sirigias a da infantaria. Aquelles servem a cavallo á maneira dos Dragões , estes servem a pé com espingarda , e espada como os Janizaros. Além da comedia que se lhes dá , tem de soldo

do o que corresponde a quatorze, ou dezoito toltões cada mez. Os Governadores, que muitas vezes se rebellarão, formarão corpos desta especie de tropa para se opporem aos Janizaros, e para os combater.

CAPITULO XXXVI.

*Dos Mulhagitas, e Beslitas.*

**O**S Mulhagitas, e Beslitas são famulos dos Governadores, e Bachás. Os primeiros são muito déstros em jogar o dardo, ou disparar setas, que he muito usual entre os Turcos. Como esta destreza he muitas vezes recompensada, os Turcos fazem deste exercicio huma das suas principaes occupações. Sempre os Imperadores Ottomanos tiverão muito gosto de ver aquelle exercicio, e assistem com frequencia aos combates, que os Bachás ordenão entre a sua mesma tropa. Esta peleja com tanto calor disputa de tal forte a honra da acção, perante o seu Sultão, que chega a

igualar a crueldade dos antigos Gladiadores. Os Beslitas são criados de pé, que, porque são muito ageis, e correm como andarilhos, vem a fer muitas vezes Janizaros.

## CAPITULO XXXVII.

### *Da maneira de acamparem os Turcos.*

**A**gora diremos o que os Turcos executão quando marchão para a guerra, e quando acampão.

A' testa do exercito vão os Janizaros, e toda a milicia pedestre; as suas tendas rodeão a do seu General. No centro do arraial estão postos os magnificos pavilhões do Grão-Vizir, do Mórdomo da sua casa, do Chancelér do Imperio, do Thesoureiro General, e do Mestre das ceremonias. Os pavilhões occupão muito terreno, deixando no meio grande espaço vasio, no qual está collocado, e levantado hum grande docel, que fica inferior a hum grandissimo toldo, debai-

baixo do qual se fórma o Senado, se sentençaão as causas, e os criminosos, e se abriga a comitiva do Divan. No mesmo lugar está posto o dinheiro fechado em pequenos cofres postos em pilha huns sobre outros, e guardados por quinze Spahis, que ficão de guarda a elles de noite. Proximo a este quartel estão abarracados os Governadores, os Bachás, e outras pessoas de distincta qualidade, que com as de seu sequito fórmão huma parte consideravel do exercito. Na retaguarda delles estão acampados os Spahis, e os que são destinados para servirem a cavalleria, como os Seghbans, e outros. Ao lado direito do Vizir, fóra do acampamento, estão as munições, e a Artilheria.

Os pavilhões, ou tendas de campanha do Grão-Vizir, e das mais pessoas de qualidade, são de tal magnificencia, que melhor lhes compete o nome de Palacios. São de grandeza prodigiosa, guarnecidas interiormente de tapeffarias de bordadura de ouro, e de prata, de moveis preciosos, e de

tudo o que se poderia desejar para ornar, e guarnecer faustuosamente qualquer sala. Ainda que estes Palacios portateis, e toda a equipagem, que delles depende, pezem muito, e se-  
 jão de difficil transporte, todavia os Turcos não deixão de marchar todos os dias finco, ou seis horas. A bagagem he transportada por cavallos, por machos, e por camêlos. Os homens de qualidade tem duas equipagens de tendas. Na vespera do dia, em que o Grão-Vizir ha de marchar, mandão elles partir huma, de sorte que quando chegão ao lugar em que se faz o acampamento, já achão as suas tendas armadas, e promptas. Estas grandes equipagens são causa de haver tantos cavallos, machos, e camêlos no arraial dos Turcos, e tantos milhares de homens, de que tem precisão para uso, e serviço dellas, que a despesa que se faz, he de quantia immensa.

O uso do vinho he prohibido aos soldados Turcos, sob-pena de morte quando vão á campanha. Esta abstin-

nen-

nencia os faz sobrios, vigilantes, e obedientes, e concorre tambem para em seu arraial não haver alaridos, motins, nem pendencias, nem ainda nos lugares, por onde passão em tempo de marcha.

O campo dos Turcos está tão aceado, e limpo, como a cidade de melhor policia. Fazem covas entre as barracas para as necessidades ordinarias; estas covas são engradadas por dentro de madeira; e quando se vão enchendo, deitão-lhes terra para as acabar de encher, e cobrir, e abrem outras em outro lugar; de forte que não ha o menor fetido no campo.

Quando o exercito marcha no Estio, ou em tempo de grandes calotes, fazem partir as bestas que levão a bagagem ás sete horas da tarde: os Bachás, e o Vizir partem precisamente á meia noite, e vão rodeados de tantas luzes, que a claridade iguala quasi a do dia. Estas luzes não são nem de archotes, nem de tochas, mas sim de huma especie de vasos de ferro, prezos em cada extremo de varas

ras compridas de madeira, e em que dentro ardem lenhas oleosas, e bituminosas. Estes instrumentos não se assemelham mal aos que se vê nos paineis, e tapestarias antigas, aonde estão representadas algumas acções da Historia Romana, ou para melhor dizer, dos Romanos acontecidas de noite.

### C A P I T U L O XXXVIII.

*Das forças maritimas do Imperio Ottomano.*

**A**S forças navaes dos Turcos não são consideraveis: tem todavia em seus estados modo, e abastança para construirem náos, e apromptarem huma armada; mas as perdas que tiverão no mar, lhes fez perder toda a esperança de restaurar sua marinha, e podemos dizer que não tem senão *Galeras*. Não carecem de escravos para remar; os Tartaros os baftecem de grande número delles: em Constantinopla ha muitos particulares, que alugão os seus de verão a quaren-

ta mil reis por viagem. Se acontece fugir algum delles, tornão a remette-lo fielmente a seus alugadores. Quando estes escravos não bastão, fazem-se levar nas Provincias, que remettem rapazes fortes, e vigorosos. Cada vinte-na de familias aprompta hum, e á excepção daquella, de que sahe, as outras dezenove tem obrigação de pagar os quarenta mil reis, que se lhe dá pela viagem. Quando recebem o dinheiro, dão fiador á promessa de servirem bem, e de não desertarem; como porém não estão acostumados ao mar, nem ao remo, não se tira delles grande proveito.

Outros ha que se offerecem voluntariamente, e que se obrigão a servir em todo o Estio pelos mesmos quarenta mil reis, e ração de biscoito. Os mais fortes de todos elles são os Serranos das visinhanças de Troia em a Anatolia.

Alguns Zaims, e Timariotes são obrigados ao serviço naval, e possuem terras com esta condição; mas como os não obrigão a ir pessoalmente,

man-

mandão certo número de criados seus, ou escravos á proporção do que valem as terras. Tambem alguns vão dos Janizaros, e dos Spahis, mas nunca vão dos melhores, nem dos veteranos.

As tropas auxiliares de que os Turcos se servem em suas expedições maritimas, são-lhes mandadas de Tripoli, de Tunes, de Argel, e das illas do Archipelago. Ha nestas ilhas quatorze Governadores, cada hum dos quaes tem huma Galera sua, que elle governa, e administra á sua custa com as rendas de certas ilhas, que se lhe entregão. Sempre estas Galeras são mais bem esquipadas, e bastecidas que as de Constantinopla; mas não as expõe de boa vontade aos accidentes de hum combate, porque os Governadores as considerão como a melhor, e mais bem avaliada porção de seus bens. Os Governadores entregão-se muito aos seus prazeres, e mais cuidão em satisfazer a suas paixões, que em adquirir reputação pelas armas. Todas as prezas, que se fazem

na estação do Estio , em quanto as Galeras estão encorporadas na Esquadra , pertencem ao Grão-Senhor ; mas as que se fazem em tempo de inverno pertencem aos Governadores.

Os artilheiros , que fervem na Armada dos Turcos , são sobejamente ignorantes. São ordinariamente Christãos Francezes , Inglezes , Hollandezes , e outros ; porque na Turquia se imagina que basta ser Christão , para ser bom artilheiro , e para manejar bem todas as espécies de armas de fogo ; e isto a pezar de toda a vergonha , e perda que tem experimentado por causa da ignorancia de semelhante gente , sem com tudo se terem defenganado.

O Almirante , ou Generalissimo da Armada naval dos Turcos se denomina *Capitão Bachá*. He este hum dos primeiros póstos , ou cargos do Imperio : tem debaixo das suas ordens hum Lugar-Tenente , e hum Intendente do Arcenal. Este ultimo he encarregado de todo o provimento , e munições da Esquadra. Como este cargo se compra ,

pra , á maneira de quasi todos os mais , rouba quanto póde , para se inteirar da somma que deo para entrar no emprego.

Os Capitães das Galeras fazem o mesmo , de forte que não ha hum só daquelles Officiaes , que não roube seu amo em tendo occasião de o fazer. Estes Capitães são commummente arrenegados Italianos , ou pessoas que delles descendem , e forão creados , e mantidos no Arcenal. Estes Officiaes mandão a sua chusma em linguagem Italiana corrompida , a que os Turcos chamão *França*.

Como os Turcos julgárão , ainda que erradamente , que impossivel lhes era serem tão fortes , e poderosos no mar , como os Christãos , não constróem Navios senão de baixo bórdo , ou ligeiros , que lhes servem para correrias , piratagens , para abraçar , e incommodar as costas visinhas , e para transportar soldados , viveres , e munições para Candia , e para outros lugares , aonde tem praças maritimas.

## CAPITULO XXXIX.

*Do Governo Civil.*

**P**odemos dividir o Governo civil em duas partes, judicial, e politico. A justiça se exerce em casos civeis, e criminaes: a policia tem inspecção sobre os commerciantes, obreiros, e sobre a ordem que se deve guardar nas feiras, e praças publicas. Fallaremos pois de cada huma destas cousas em particular.

## CAPITULO XL.

*Da Justiça do Divan em factos criminaes.*

**O** Principal lugar, aonde se administra a Justiça, chama-se *Divan*, que no nosso idioma significa *Senado*, ou *Audiencia*. O de Constantinopla he denominado *Gran-Divan*, para o distinguir dos que ha em cada Governo da Turquia. Em todos os domin-  
gos,

gos, segundas, terças, e sabbados de cada semana ha Divan. O Grão-Vizir preside a elle acompanhado de outros Ministros que tem assento no Divan. Este Tribunal he em huma sala terrea, que está dentro do segundo pateo do Serralho: seu tecto he estucado com insignes molduras, e pinturas por dentro, e coberto de chumbo por fóra: o pavimento está coberto com hum tapete da Persia, sobre o qual se anda sem distincção de pessoas.

Todos os Officiaes Militares, de Justiça, e mais pertendentes, ficão no segundo pateo em quanto dura o Divan; e ainda que alli ordinariamente se achem sete, ou oito mil pessoas, todavia não se ouve vozeria, nem ao menos se percebe o minimo susurro. Os Janizaros estão na parte inferior do pateo ao longo das cozinhas, e não estão armados senão com huma cana da India, guarnecida de encarnado em ambas as extremidades, e no meio. O Divan dura quatro horas, e neste tempo o Aga ouve, e despacha

cha os requerimentos dos Janizaros ; e para evitar a confusão , pois ordinariamente são mais de tres , ou quatro mil , nenhum póde fahir do seu lugar , sem ser chamado. Quando elles tem alguma cousa , que lhe dizer , ou que lhe propôr , o dizem , ou entregão seus requerimentos a hum de seus dous camaradas que alli servem de mensageiros delles para o Aga , e para a este entregar os requerimentos.

A' porta do Divan estão de guarda os *Capigis* , não para estorvar a entrada , porque ninguem se atreve chegar a ella ; mas para receberem pontualmente as ordens , que se lhes communicão , e as darem á execução : he a elles que mais frequentemente o Grão-Senhor manda ir degollar os subditos , de quem tem alguma suspeita nas Provincias dos seus estados. Os *Capigitas* são encarregados das guardas das portas do Serralho. Ordinariamente alli se achão mil commandados por oito chefes. Quando ha Divan andão de huma para outra parte

te na sala, e fóra della, para executar as ordens do Grão-Senhor.

Quando todos os Ministros tem formado o congresso do Divan, o Sultão vem a huma sala, acompanhado do chefe dos Eunuchos brancos, do seu primeiro Camarista, e de tres mudos, que estão atrás da porta para degollarem aquelles, que praz ao Sultão mandar matar. Logo que o Imperador toma assento em seu Throno, o chefe dos Eunuchos sahe da sala, e vai por huma galeria mandar abrir a porta que corresponde ao pateo principal do Divan; o que serve de final ao Superior dos Janizaros para elle ir dar conta do seu procedimento ao Sultão. O Aga se levanta instantaneamente, e atravessa todo o pateo acompanhado de quatro Capitães da sua tropa. Quando está já para entrar, voltando-se para elles, lhes pede que orem a Deos, para que o Grão-Senhor o não ache em falta, e tenha commiserção d'elle: entrando se retirão aquelles quatro Officiaes para os mesmos lugares, que occupavão antecedente-  
men-

mente. Se o Grão-Senhor achou que o Aga he culpado, ou que commetteo algum delicto contra o seu serviço, bate o pé, e este final serve de chamar os mudos, os quaes se arreme-são ao desgraçado Aga, e lhe cortão a cabeça, sem outra alguma fórma de processo; o que tantas vezes succede que he para pasmar que ainda haja na Turquia quem queira acceitar aquelle emprego.

Depois do Aga vão os Togados á presença de S. Alteza ao mesmo lugar, mas não estão sujeitos a serem degollados, porque são Jurisconsultos. Ultimamente vão os Thesoueiros, o GrãoVizir, e os mais Vizires, para responderem de suas acções: todos estes não são mais privilegiados, nem isentos do furor dos mudos, que o Janizaro Aga.

Afóra deste meio, de que o Grão-Senhor se serve para mandar matar os seus Officiaes, usa de outro mais singular, e vem a ser: envia-lhes pela manhã algum presente, e algumas vezes o vestido, que trouxe no dia an-

tecedentemente; o que passa na mente dos Turcos pela maior honra, que elle póde fazer a qualquer vassallo. Depois de jantar dá hum bilhete escripto, e assignado de seu proprio punho a hum dos seus Officiaes, e o manda levar áquelle mesmo, a quem tanto honrou pela manhã: este bilhete he a sentença de morte daquelle infeliz, porque nelle lhe vai pedindo a cabeça, ao que o miseravel obedece com espantosa resignação, assim que o Official lho apresenta, dizendo: *A Real Cabeça do Imperador seja salva, e cumpra-se sua alta vontade,* e não pede mais tempo que o necessario para fazer sua oração.

## C A P I T U L O X L I .

### *Do Grão-Vizir.*

**H**E do modo que acabamos de expôr, que o Grão-Senhor administra justiça por si mesmo, quando lhe parece conveniente. O Grão-Vizir lhe dá conta da sua administração todos

dos os domingos, e terças feiras de cada semana; e quando em qualquer dia acontece alguma cousa de consequencia, elle o avisa por escripto, e da mesma maneira recebe as resoluções, e conhece as intenções de seu Soberano. Por este meio manda elle degollar os que quer, porque, expondo ao Grão-Senhor que algum dos seus Officiaes lhe não he fiel, e que merece morte, não encontra nunca opposição no Imperador, e livra-se por este modo de todos os seus inimigos.

O Grão-Vizir vai muitas vezes de noite visitar as prisões, e vai sempre hum algoz com elle, para mandar matar em sua presença todos os que acha culpados, sem mais processo, que a sua vontade. Encontrando alguem sem luz pela Cidade, depois da ultima oração; isto he, tres horas depois de anoitecer em tempo de Inverno, o manda enforcar, ou dependurar na primeira parte que encontra.

## CAPITULO XLII.

*De outros Juizes do crime.*

**H**A outros dous cargos da Judicatura ; o *Subassi*, ou Grão-Capitão de justiça , e o Grão-Juiz. A principal obrigação do *Subassi* he de ir visitar as prisões , e conhecer das causas dos presos para fazer o relatório dellas ao Grão-Vizir. Quando o Principe sahe do Serralho , elle lhe toma a dianteira com sincoenta soldados para lhe franquear passagem livre. Este Ministro tem quatro Lugares-Tenentes nos quatro bairros principaes de Constantinopla , cada hum dos quaes tem muitos Officiaes de justiça subalterna á maneira de Escrivães, Meirinhos , Alcaides , Belegins &c. Duas prisões ha em Constantinopla , que cada huma tem hum pateo , e huma fonte , ou chafariz no meio : são de dous andares : os criminosos estão no debaixo , e os que estão presos por causas cíveis , estão no de cima , aonde

de os Judeos estão separados dos Turcos, e os Turcos dos Christãos; mas os que estão em baixo, estão todos juntos como gente, a quem o crime fez igual entre si.

O Grão-Juiz se denomina communmente *Stambol-Cadizi*: toma conhecimento indifferentemente do civil, e do criminal, e ningem póde ser condemnado á morte, se elle o não condemna. Tem debaixo das suas ordens quatro Lugares-Tenentes em quatro differentes bairros para administrarem justiça ás partes; mas póde-se aggravar delles, e appellar de suas sentenças para o Grão-Juiz da cidade.

O supplicio, que ordinariamente experimentão os criminosos na Turquia, he a empalação. Aqui relataremos o modo desta deshumana, e horrenda execução. Chega o réo ao lugar do supplicio carregado com o páo, ou vara grossa, com que ha de ser empalado, e que tem quasi oito pés de comprimento, redondo, aguçado em huma ponta; e da grossura de cinco a seis pollegadas. Os executores

o despem até ficar nú ; e neste indecente estado o deitão no chão de barriga para baixo : quatro delles , os mais vigorosos lhe prendem as mãos , e os pés , e lhos puxão , e estendem o mais que podem. Outro executor o rasga no orificio posterior com huma afiada lanceta , ou navalha de barbear , e presentaneamente lhe deita na ferida abundante quantidade de certa composição tão astringente , que de repente lhe faz vedar o sangue , então lhe mette a ponta aguda do páo pelo orificio ; e batendo no outro extremo com huma grande massa de ferro , lho encrava no corpo , e lho faz sahir pelo peito , pelas costas , ou pelas espaldas , segundo o paciente lhe paga , ou lhe tem sido recommendado. O justificado nem sempre morre no acto de o empalarem ; muitas vezes ficão nesta dolorosa situação dias inteiros , e he o que faz que elles busquem acarrear o executor. Estes estão já tão améstrados , que sabem empalar hum homem , sem lhe offender as partes nobres ; e quando querem , o fazem

padecer muito tempo. Acabada a execução, amarrão as pernas do padecente no páo, levantão-no, e cravando-o no chão em huma cova que primeiramente fazem, o deixão arvorado para ferver de exemplo aos passageiros. Tem-se visto destes miseraveis estarem alguns ainda vivos tres dias em tão desesperado padecimento, pedindo incessantemente agoa aos espectadores, ou rogando-lhes a caridade de os acabar de matar.

## CAPITULO XLIII.

### *Dos Juizes do civil.*

**T**Anto as causas, ou acções civeis, como as criminaes, se tratão no Divan, quando são de maior importancia: eis-aqui pois a ordem, que então se observa. Todos os Officiaes de justiça concorrem para o lugar do Divan o mais cedo que podem, a fim de tratarem de seus negocios, de suas obrigações, e de fallarem com as partes, antes da chegada do Grão-Vizir:

não

não se abre a porta daquelle Regio Tribunal, sem que o *Doagi* tenha feito a sua oração. O Grão-Vizir he quem ordinariamente chega mais tarde, e vai sempre acompanhado de cem cavalleiros, e todos se prostrão por terra, quando elle chega. Os outros Vizires, e mais Togados o esperão á porta, e lhe fazem a decorosa honra de não entrarem primeiro que elle. Depois de cada hum tomar o seu lugar competente, o Secretario lê em voz alta todos os requerimentos, os despachos, escriptos, e resoluções do Grão-Vizir. Ainda que este muitas vezes por politica peça o parecer dos Ministros mais graduados assistentes, todavia nunca o segue, senão quando quer. A sala do Divan communica-se com outra casa, aonde estão muitos Officiaes superiores dos Capigitas: estes são corretores, e como servos no serviço do Divan.

O Grão-Senhor póde saber tudo o que se effectua naquelle Tribunal; porque, por cima do assento do Grão-Vizir está huma janella coberta de hum véo,

véo , ou tafetá preto , aonde o Imperador vai algumas vezes ouvir tudo o que se diz , sem ninguem o ver : motivo este porque o Grão-Vizir obra sempre acautelado , e não se atreve a fazer injustiças.

O Grão Senhor dá de jantar aos que assistem ao Divan. O costume dos Turcos he comer no chão , mas quando estão no Divan , para não dar o incommodo de se levantar ao Grão-Vizir , traz-se huma banquinha , sobre a qual se põe huma grande bacia de prata , da largura de seis para sete palmos , chata no fundo , que com os pratos dentro serve de meza. Ha cinco bacias diferentes no Divan ; a primeira he para o Grão-Vizir , e o Vizir immediato ; a segunda para os dous *Cadilesquieros* , ou Super-Intendentes maiores da justiça ; a terceira para os mais Vizires assistentes ; a quarta para todos os Thesoureiros Móres ; e a quinta para os Secretarios de Estado. Os Janizaros , e todos os Officiaes , que estão fóra da sala do Divan , comem com os pratos no chão á ma-  
nei-

neira do Paiz. Ainda que o Grão-Senhor dê de jantar a tanta gente, elle o faz com pouco custo ; porque os manjares não tem nada de delicados, e não são mais, que arroz cozinhado de differentes modos, gallinhas, e carneiro, e tambem alguns pratos de peixe. He incivilidade entre elles pedir que beber antes do Grão-Vizir ter bebido, e nenhum dos assistentes o faz.

A boa ordem que se guarda no Divan, he admiravel. Todos os pretendentes apresentam os seus requerimentos ao Grão-Vizir. Se o que se requer he de pouca consequencia, manda ao seu Secretario, que sempre fica a par delle, que lhe ponha o despacho, como pede : isto feito o envia logo ao Official, que he encarregado de os mandar entregar ás partes. Mas se o que pertendem he de ponderação, e de materia de consciencia, manda escrever em summa o que o requerimento contém, e o envia ao Mufti, o qual escrevendo em baixo o seu parecer, o torna a mandar ao Grão-Vizir. Se diz  
ref-

respeito puramente ao estado, manda fazer hum resumo mais circumstanciado, que o que manda em outro caso ao Mufti, e remette-o ao Sultão, para conhecer sua vontade. A este resumo chamão os Turcos *Falquis*. Quando o Grão-Vizir quer apadrinhar a pertença, escreve em cima do Falquis o seguinte: *Parece-me que Vossa Alta Magestade póde, obrando com justiça, conceder o que se pede.* Mas quando não está empenhado em favorecer; escreve sómente isto: *Cumpra-se o vosso mandamento*; e se algumas razões o demovem a não querer que se faça, escreve em papel separado todos os motivos que lhe occorrem contrarios á pertença. O Grão-Senhor lê todas as manhãs os *Falquis*, e por baixo declara por escripto a sua vontade, e são outra vez remetidos ao Grão-Vizir, que artificiofamente mostra que o Grão-Senhor diz, occultando a sua pessima intervenção para o despacho contrario. Quanto aos que são concedidos, o Grão-Vizir os envia ao Secretario para os

ex-

expedir , fazendo menção do consentimento do Grão-Senhor para lhes dar mais força , e todos são sellados com o sello do Sultão , o qual he formado de muitas letras Arabigas entrelaçadas. As Cartas-patentes do Principe , e todas as expedições do Divan são selladas com este sello.

### C A P I T U L O XLIV.

*Dos cargos , e dos diversos empregos da Judicatura.*

O Primeiro cargo , ou emprego judicial , depois do Grão-Vizir , e do Mufti , he o dos *Cadilesquieros*. São dous , o da Europa , e o da Asia. Tem assento no Divan immediato ao Grão-Vizir. O Mufti deve ter exercitado este cargo com honra , e approvação , antes de chegar ao seu. A principal função dos *Cadilesquieros* he de vigiar que nos estados do Grão-Senhor se faça justiça. São elles quem dão as commissões aos *Cadys* , e aos *Mulla-Cadys* para irem administrar a justiça.

tiça em diversas partes , tendo com tudo primeiro conferido com o Sultão. São denominados Juizes da milicia ; porque os soldados tem o privilegio , á exclusão de todos os mais vassallos do Imperio , de não litigarem senão perante os seus Officiaes , e de não serem julgados senão pelos *Cadilesquieros*.

Os *Cadys* são Ministros , e Juizes na Turquia , devem ter grande conhecimento das leis do Imperio. He necessario que ao menos elles tenham seis *francos* de rendimento na cidade que se lhes confia para a administração da justiça ; mas quando a renda chega a vinte *francos* por dia , tomão o nome de *Mola-Cady*. Tem fugeitos a si os *Naips* , que vão administrar justiça nas villas , e lugares inferiores da sua jurisdicção. Muitas vezes os *Mola-Cadys* passão a *Cadilesquieros* ; e em quanto estão no emprego , são pagos pelas Provincias aonde estão empregados. Quando se retirão para Constantinopla , e o Sultão está satisfeito da sua administração ,

continua-lhes do seu Thefouro a mesma renda que tinhão. Appella-se das sentenças dos Mola-Cadys para os Cadilesquieros, com tanto, que seja no civil, porque no criminal não ha appellação, nem aggravo; e qualquer Cady tem poder de condemnar hum homem á morte como final sentença. Esta justiça tão prompta, e despiedada, he causa de haver poucos ladrões na Turquia a respeito dos que ha nos outros Reinos; porque estão bem certos de que huma, ou duas horas depois do latrocinio são infallivelmente empalados. Raras vezes se appella destes Juizes em casos civeis; porque quando elles querem fazer alguma injustiça, formalizão o processo de maneira que a parte, contra quem sentençaão, nunca tem razão; e ainda que se faça examinar o processo, como o não renovão, sempre a sentença fahe confirmada. Além de que, o povo he tão pobre, que não póde fazer a despeza da appellação.

Os Cadys, e Mola-Cadys recebem as suas commiões dos Cadilesquieros,

ros , e estas commiſões são triennaes : acabado este tempo , voltão para Constantinopla a dar conta da ſua administração. Quando estão de fóra algum tempo , ſem exercerem genero algum de emprego , representão aos Cadileſqueros o tempo , que não forão empregados , e pedem huma commiſão mais rendoſa que o antecedente de que ſahirão bem , ſegundo elles propõe ; de ſorte que , ou ſeja por merecimento , ou por dinheiro , alcanção nova ordem , e nomeação para irem administrar justiça outros tres annos em alguma cidade mais conſideravel. Como nenhum ha que deixe de ſer empregado á força de dinheiro , todos ſe apoſtão a embolſarem-ſe delle por via de roubos , extorsões , e monopolios , que fazem nas Provincias. Por eſtes infames meios não fó na verdade ſe embolsão , mas ajuntão , com que , expiando o ſeu tempo , poſsão comprar outra vez hum novo emprego ; e oxalá que iſto acontecêra fó na Turquia. Por eſta causa todas as ſuas Provincias estão arruinadas , e os particula-

res opprimidos pela avareza , e cobiça dos que são nomeados para exercer a justiça.

Na Turquia não ha advogados, nem procuradores: cada hum defende a sua causa verbalmente. Os maiores processos não durão mais de dezesepte dias, e o mais ordinario he terminarem-se logo. A julgação he sempre fundada no depoimento das testemunhas, e nenhum Christão póde depôr contra Turco. Senão ha testemunhas, a sentença firma-se no juramento do accusado; e para este effeito os Juizes tem sempre á vista de todos, e adiante de si o Velho, e Novo Testamento, o Alcorão, para cada hum jurar confôrme a lei que professa, e a sua consciencia.

Os que são sentenciados por dividas, devem pagar alli mesmo, ou irem presos, se seus crédores se não querem fiar delles, nem estar pela fiança que elles dão; ainda que muito boa ella seja; porque as leis lho permittem assim. Quando o devedor vai preso, e que tendo levado muitas

pan-

pâncadas por mandado do Juiz, tem completado cento e hum dias de prisão, então o Sultão, e o Juiz o declara absolvido; mas he permittido ao crédor o pôdello despir huma, ou muitas vezes que o encontrar, até que elle julgue que o vestuario, de que o despoja, cobre a sua divida; o que muitos praticão.

Os Officiaes de justiça são as creaturas mais felizes na Turquia; porque não estão sujeitos a serem degolados como os outros Officiaes da milicia: o peor, que lhes pôde succeder, he serem privados dos seus cargos, sem lhes offender seus bens, nem suas vidas: o Grão-Senhor não pôde fazello, porque a lei os livra destas desgraças.

Os *Naipes* são tambem Officiaes de justiça, que adjunctos aos Cadys aprendêrão a prática judicial, e são denominados *fábios* na lei, e empregados em administrar justiça a alguns póvos debaixo da inspecção dos Cadys: sobem a este cargo quando tem a protecção dos Cadilesquieros.

Os *Muzideros* são especies de belegins, ou esbirros: cada Cady tem ordinariamente seis, que fervem de ir avisar, ou chamar as partes, sem disto terem algum emolumento, nem sua alçada ser ao menos a de fazer citações em fórmula juridica. Não escrevem, nem processão; mas reportão-se á sua palavra. Se a parte, que elle avisou, senão acha á hora destinada na Audiencia do Cady, he sentenciada á vontade da parte contraria.

### CAPITULO XLV.

*De algumas particularidades que pertencem á justiça.*

**N**As terras de Argel todos os filhos dos Turcos são excluidos, como incapazes da admissão a qualquer emprego que seja, por huma lei expressa, que não dá esta prerogativa senão aos que, nascendo Christãos, se fazem Turcos, ou que partirão das terras do Grão-Senhor para se fazerem membros da républica. O Sultão con-

fer-

serva alli hum Bachá ; mas nenhuma influencia tem no Governo : tem cuidado sómente dos Janizaros , e da tropa , que da parte do Imperador he mandada para Argel.

Chama-se *Quindi-Divan* a Audiencia , que o Grão-Vizir dá todos os dias da semana , excepto á terça feira desde as tres até ás cinco horas da tarde. Então ouve até ao mais aviltado de todos os Turcos , que se lhe apresentão ; por quanto , a entrada de sua casa he livre , e franca para qualquer vassallo do Imperador. Muitas vezes toma conhecimento de cousas insignificantes , ouve attentamente os queixosos , e condemna a cincoenta , ou a cem paoladas o aggressor , ou o que não tem razão , que o abone , e alli mesmo á sua vista as leva o paciente na planta dos pés.

Os tributos que se impõe na Turquia , tem muita relação á justiça. Estes tributos são de diversos modos , e cujos nomes são : *Avariso* , *Carche* , *Caffaro* : os que tem a commissão de arrecadarem huma parte des-

tes impostos, chama-se-lhes *Carasmae-sabegi*, e *Cassan*.

O *Avariso* he hum direito, ou taxa que se põe nos estados do Grão-Senhor, quando tem necessidade de homens para o seu exercito, ou para a sua armada naval. Neste caso os *Mola-Cadys*, e os *Cadys* estão incumbidos de mandarem para Constantinopla hum certo número de reclutas proporcionado aos districtos da sua jurisdição, e conforme lhes está determinado, ou tambem a somma de vinte e cinco cruzados por cabeça, segundo praz ao Principe. Em outro tempo o Grão-Senhor não costumava pôr este tributo, senão quando legitimamente lhe era necessario; hoje porém não he assim, porque pede os homens, ou manda fazer a finta indifferentemente, quando quer, ou quando necessita.

O *Carache* he o tributo, que os Christãos, e os Judeos pagão, para viverem na sua lei, ou em liberdade de consciencia. As mulheres são exemptas d'elle; mas os homens são tribu-

tarios desde a idade de dezeseis annos. Este tributo não he o mesmo em todos os lugares do Imperio, he maior, ou menor segundo a bondade das terras em que elles residem. Ordinariamente se paga annualmente oito tostões por cabeça, alguns são taxados em dezeseis, e outros não pagão senão hum cruzado, que he a menor taxa que póde ter cada hum. O Sultão recolhe sómente deste tributo acima de dous milhões de cruzados.

O *Cassaro* he o que pagão os Christãos, e os Judeos para se lhes dar licença de subirem ao Monte Thabor na Galiléa. Cada hum paga hum cruzado em huma casa de guarda, e arrecadação, que está na falda do Monte. Distribue-se este dinheiro pelos que estão encarregados de terem sempre as estradas com segurança, e desembaraçadas, e que são responsaveis de todo o insulto, e maldades que nellas se commettem.

Os Turcos chamão *Carasmazabegi* ao Official de registro do Tributo Real. Este tributo he o que se paga  
nas

nas diferentes feiras, e mercados de Constantinopla. Nós fallaremos d'elle com mais extensão, quando fallarmos da *Policia*.

O *Cassan* he hum Official destinado para a arrecadação de todos os bens, que accidentalmente pertencem a sua Alteza Imperial; porque o Grão-Senhor herda todos os bens da gente de guerra, que morre sem filhos, e recolhe a si a decima parte dos bens de todos os seus vassallos, quando morrem, ainda que tenham filhos varões: se lhes ficão femeas, herda os dous terços, porque o Grão-Senhor tem lugar de filho. Em todas as cidades de seus estados ha hum *Cassan*, a quem se vai dar parte, quando alguém morre, para elle ir fazer o inventario dos seus bens. Os herdeiros não se ousão de se lhe oppôr, nem se affoitaão a sonegar cousa alguma, com medo de perderem todo o direito de successão, se se viesse a saber. Conta-se tambem entre os bens, ou rendas casuaes do Imperador os presentes, que os Embaixadores dos Prin-  
ci-

cipes Estrangeiros lhe fazem , e os que os seus Bachás lhe mandão , o que monta a mais de quatro milhões da nossa moeda. O Grão-Senhor he do mesmo modo herdeiro universal de todos aquelles , a quem elle manda degollar. Ha tal Bachá , que seus bens excedem dous , e outras vezes tres milhões.

## CAPITULO XLVI.

### *Da Policia.*

**A** Policia em Turquia consiste principalmente na ordem , que reina nas praças públicas , feiras , e mercados , na consideração que ha para a guarda , e segurança das cidades , e para a educação da mocidade.

## CAPITULO XLVII.

*Das praças, ou feiras.*

**H**A duas fortes de feiras em Constantinopla, o *Baistão*, e o *Schibazar*. O *Baistão* he o lugar em Constantinopla, aonde os ourives de ouro, e de prata, os contratadores, e corretores de joias, e pedras preciosas, os mercadores dos tecidos de ouro, e de outras mercadorias de maior estimação expõe á venda os seus effeitos. Este lugar consiste em duas grandes ruas dentro, em huma vasta praça cercada de muros em que ha quatro entradas com duas ordens de portas, cujo espaço intermedio he coberto de abobeda. As ruas são tambem cubertas de abobedas sustentadas por vinte e quatro columnas: de ambas as partes de cada rua estão em seguimento as lojas, á maneira de armarios, encravadas nos muros, e entre as columnas, não tendo de comprimento mais de seis palmos, e nove de largura cada lo-

loja : á entrada della se costuma pôr huma banca , ou fazer huma especie de balcão em que os negociantes expõe á venda suas mercadorias.

Quasi chegado a esta especie de mercado ha outro lugar de feira aonde se vendem as escravas. Os homens estão em lugar separado , e opposto ao das mulheres. Estas estão todas cobertas , e não se póde divisar dellas mais que a estatura : sabe-se a sua idade pelo que dizem as outras que as vendem , entra-se em preço com condição do comprador a regeitar se ella não lhe contentar : para este effeito ha hum lugar mais retirado aonde lha vão mostrar com o rosto descoberto : o comprador póde mandar examinar a escrava que compra a titulo de donzella , ou de virgem : tal he o torpe , e indecente commercio que ainda hoje no centro da Europa , e em meio das nações mais civilizadas , contra toda a modestia se pratica. Antes de as expôr á venda , as mettem no banho para as fazer mais agradaveis , e para parecerem mais bonitas ; mas suc-

ce-

cede muitas vezes neste particular o que acontece aos cavallos das feiras, que nem sempre se comprão os de melhor figura: tambem raras vezes se encontrão naquellas feiras mulheres bonitas; as melhores, quanto á boniteza, e formosura são as Judias, que as vendem. A maior parte das escravas que se vendem em Constantinopla, são Polacas, Moscovitas, Georgianas, e Circassianas: são muito claras, mas sem graça nenhuma, nem attractivo em seu semblante. Os mercadores enfeirão mais nas raparigas da Tartaria: o preço ordinario porque, cada huma he vendida, chega a quarenta mil réis, quando não sabe cantar, nem trabalhar em tapeçaria; augmenta porém á proporção da gentileza, formosura, e perfeições do corpo de que he dotada. Os Turcos podem tornallas a vender, quando já se não querem servir dellas, o que não obstante os grandes do Imperio tem muita attenção aos filhos, que tiverão de suas escravas, e por esta causa lhes dão a ellas alforria, passados alguns annos de

de escravidão, ou quando elles morrem.

O *Schibazar* he o mercado provisional das cousas necessarias á vida do homem. Em todos os dias ha mercado em Constantinopla: na quinta feira ha tres em diverſas paragens, e os principaes são em terça, quinta, e sexta. No circuito destas praças estão ordinariamente mais de duas mil adellas. As lojas dos negociantes de Constantinopla excede o número de quarenta e oito mil, e estão divididas, segundo a diversidade das artes, e mercadorias em diferentes lugares, e arruamentos para commodidade do público: os ourives, os contratadores de joias, e pedras preciosas, e os mercadores de tapeçarias de ouro estão, como já dissemos, no *Baistão*.

A Praça chamada *Seracifana*, he hum grande terreno da cidade, cercado de paredes altas com insignes portas, aonde ha perto de quatro mil artifices, que trabalham em fazer jaezes para os cavallos, não só da tropa, mas tambem de apparatus, e of-

tentação dos particulares. Não ha coufa mais linda , nem mais natural , e mais bem acabada , que as suas obras neste genero. Dalli sahem freios de ouro maciço , pegados a redeas de couro encarnado da Ruffia ; estribos tambem de ouro cravejados de Turquezas finas ; tellas riquissimas cheias de pérolas , e de outras pedras preciosas , e mais enfeites , e ornamentos para os cavallos do Sultão , do Grão-Vizir , e dos principaes cortezáos , e nobreza do Imperio.

Os açougues estão fóra da cidade de Constantinopla. Ha huma especie de Almotacel , cuja obrigação he de vigiar , que se corte carne fresca , e sem cuja licença ninguem póde matar boi , nem carneiro algum , a não ser para celebrar sacrificio. Os Judéos comprão a elle a licença para se bastecerem das carnes que lhes são proprias. Se este Official por avareza , e amor do ganho fizesse levantar o preço ás carnes , era infallivelmente morto , e , em vida mesmo , feito em quartos que se porião sobre os açougues para exem-

exemplo. A' famosa feira , que nos mezes de Setembro , e Outubro se faz em Constantinopla , concorrem de Hungria mais de cem mil bois , e quarenta mil carneiros : não obstante esta abastança de gados , nenhum marchante , ou contratador de carnes tem licença para comprar , e só he concedida ao povo.

O Grão-Senhor põe taxas , e tributos consideraveis em todas as feiras , e mercados , e em todas as corporações dos negociantes , artifices , e obreiros de Constantinopla. Só o que se cobra dos adélos excede a vinte mil cruzados da nossa moeda. Os contratadores de joias , e os mercadores dos tecidos de ouro pagão a quatrocentos mil réis cada hum : os ourives a oitenta mil réis , os outros mercadores á proporção. A venda dos escravos faz de rendimento annual ao Grão-Senhor perto de trinta mil cruzados. As tabernas , cujo número he mais de mil e quinhentas , e que públicamente vendem vinho aos Judeos , e aos Christãos , e occultamente aos Turcos ,

cos , rendem todos os annos para o Sultão huma somma indizivel ; e se acreditármos o que achámos escripto , chega quasi a quarenta milhões de cruzados , para o que he necessario que cada taberna pague hum conto de réis de tributo annual. O despacho do peixe pescado nas praias do mar da parte de *Pera* rende sete , ou oito mil cruzados : o direito do trigo , farinha , e legumes monta a vinte mil cruzados. O mercado , em que se vendem as mercadorias , que vem do Cairo , rende dezeseis mil cruzados. O direito das especies , que se embarcão , chega a cento e quarenta mil cruzados , e o dos açougues passa de noventa. As vendas , e arrematações das casas , dos navios , dos barcos , e de todas as mercadorias de mar pagão dous por cento. Cada Turco , que embarca , dá oito réis para o Grão-Senhor ; os Christãos , e os Judeos dão dobrado. O tributo , que pagão os Judeos de *Sequim* por cada varão , excede a cento e oitenta mil cruzados todos os annos. Além disto dão annualmen-

te

te de mimo finco mil cruzados para a confirmação dos seus privilegios, e duzentas moedas pela licença de enterarem os seus mortos. Nas visinhanças de Constantinopla, até a huma legoa de distancia, pagão todos os Christãos os mesmos tributos; e para conservarem as suas Igrejas, e hum Patriarca, dão mais oitenta mil cruzados. A taxa imposta ás mulheres, que casão, e para o que ha livro de registro, monta a milhões; porque cada Turca paga finco tostões da nossa moeda, os Judeos oito, e os Christãos doze. Todos estes tributos fazem hum rendimento annual para o Imperador de mais de duzentos milhões, afóra o que lhe vem das Provincias, e dos seus feudatarios.

## C A P I T U L O XLVIII.

### *Das Alfandegas.*

**Q**Uando as mercadorias chegão a hum porto, ou cidade, hum administrador, ou avaliador da Alfandega as vai taxar segundo as listas

tas dos direitos que pagão, e faz memoria do nome de quem as recebe, para d'elle se cobrar o que ellas devem á Alfandega. O mesmo se pratica a respeito de todos os generos que se exportão por mar, sem todavia haver obrigação de os levar á Alfandega para ahi serem revistos, a fim de pagarem os direitos; porque se fião na verdade, e credito dos negociantes, e reciprocamente reina a boa fé, zelo, e diligencia. Isto porém não impede que a Alfandega tenha guardas em todos os caes, para estorvar o furto dos direitos, e os contrabandos, que os commerciantes podem fazer; mas succede ácerca disto o mesmo, que nos mais estados, assim por negligencia, como por suborno dos guardas. Verdade he que, quando se descobre alguma destas cousas, o castigo he rigorosissimo: os guardas são zurzidos a uso Mahometano, e os commerciantes pagão o dobro dos direitos que deverião pagar pelo foral. Os generos, ou mercadorias não são confiscados, e ficam sempre a seu dono. Em outro tempo

po se quizerão os Turcos servir deste meio de confiscação para estorvar os contrabandos ; mas os Ministros do Grão-Senhor , depois de prolixas considerações ajuizarão que era melhor desistir de semelhante pertença , parecendo-lhes que assim ficaria o commercio mais livre.

## C A P I T U L O XLIX.

*Da guarda para segurança da Cidade.*

**C**Ada Mesquita elege tres , ou quatro homens para andarem de ronda de noite no seu districto ; porque cumpre saber : as cidades da Turquia estão divididas em Mesquitas , bem como as nossas em freguezias. Os guardas andão pelas ruas , e são responsaveis por todos os roubos , e desordens , que acontecem nellas. Podem prender os que encontrão sem luzerna , depois de acabada a ultima oração ; e todos os que , não obstante trazerem luz , trazem armas offensivas , ou defen-

sivas. Nenhum militar rafo póde andar armado de qualquer modo que seja, e em qualquer tempo, noite, ou dia. Se alguém he morto por outro, seja de noite, ou de dia, e o matador não he logo preso, todas as familias em contorno do lugar, aonde se fez o assassínio até á distancia, em que se podia ouvir a voz do morto, estão obrigadas a pagar o preço do seu sangue ao Imperador, que he avaliado em duzentos mil réis. Este Principe promulgou esta lei, para assim obrigar os povos a temerem os crimes, e a prenderem os malfeitores. O mesmo se pratica no campo, aonde as cidades mais proximas pagão os duzentos mil reis ao Grão-Senhor.

## CAPITULO L.

### *Dos Collegios.*

**E**M Constantinopla ha cento e vinte collegios, para instrucção da mocidade. Os collegiaes tem cada hum seu quarto, duas camas, huma banca

coberta de hum tapete fino , quatro pães cada dia , huma potagem , huma vela , e dous vestidos cada anno. No segundo anno dá-se-lhes de mais hum aspre por dia , e nos seguintes augmenta-se-lhes este premio á proporção dos annos de collegiaes , e do seu adiantamento. Como os Turcos não tem impressas , os collegiaes trabalham por dinheiro em copiar livros , e afóra disto tem seus partidos nas casas de pessoas qualificadas para lhes ensinar seus filhos , e de tudo isto lucrão muito. São muito privilegiados , o que assás concorre para serem muito mal procedidos. Não podem ser presos , qualquer que seja o crime que commettão , sem que o seu Geral esteja presente ; porque só elle o póde fazer. Tambem na Caramania , Natolia , Grecia , Syria , Arabia , e Grão-Cairo ha grande número de collegios. Em tempo de Amurat III. o número de collegiaes passava de dez mil. Os Mestres , e Professores são pagos , e sustentados pelas rendas dos collegios aonde ensinão a mocidade.

## CAPITULO LI.

*Dos cargos, e principaes dignidades  
do Imperio Ottomano do Grão-  
Senhor.*

O Poder deste Imperador he absoluto, e sem limites: a opinião que os Turcos tem de sua grande jurisdicção, e authoridade, he huma especie de idolatria, que faz que elles o venerem como hum Deos. Os seus Cadys ensinão que elle he superior a todas as leis; isto he, que elle as explica, as corrige, e as deroga, quando muito lhe praz; que o que elle pronuncia he mesmo lei, e que he infallivel, quando as explica. Ainda que por condescender com o povo, consulte o Mufti, he necessario que este se conforme sempre com elle, porque de outro modo, está certo da sua deposição.

O poder absoluto no Soberano supõe inteira, e perfeita obediencia nos vassallos: eis-aqui porque se empregão

gão todos os artificios, e manhas para inspirar este principio aos que são educados no Serralho, e que são destinados para os importantes cargos do Imperio. Faz-se-lhes crer á força de persuasão que não ha martyrio mais glorioso que o de morrer pela mão, ou por mandado do Grão-Senhor, e que aquelle, que tem esta felicidade, vai logo direito ao Ceo.

He costume quando se quer acclamar o Imperador, conduzi-lo com sobeja pompa, e magnificencia a hum lugar, que está nos arrabaldes de Constantinopla. Depois de ter chegado a elle, então se fazem preces, e roga a Deos que queira dignar-se de encher de luz, sabedoria, e prudencia aquelle, que ha de occupar o throno, e exercer emprego tão glorioso, e de tanta consideração, e importancia. Acabadas as preces, o Mufti o abraça, e lhe deita a sua benção, e o Grão-Senhor promette, e jura solememente de defender a fé dos Musulmanos, e as leis do Profeta Mahomet. Depois disto os Vizires, e os Bachás fazem-lhe hu-

ma

ma profunda reverencia , beijão a terra , e a cauda de suas vestes reaes , e o reconhecem por seu legitimo , e verdadeiro Imperador. Acabada esta cerimonia , o tornão a conduzir com o mesmo magestofo apparatus ao Serralho , que he a assistencia ordinaria dos Principes Ottomanos.

## CAPITULO LII.

### *Dos Kulsos.*

**E**Ntre os Turcos se chamão Kulsos , que vem a ser , escravos do Principe , todos aquelles que recebem ordenado , ou soldo , despachos , ou gratificações , e que tem algum cargo dependente da Coroa. O Grão-Vizir , e todos os Bachás são deste número , e esta qualidade he mais honrosa , e mais estimada que a dos outros vassallos. Todos os que são revestidos della , podem impunemente escandalizar , e maltratar o povo ; porque nenhum particular póde reprimillos com violencia , ou offendellos em sua de-  
fen-

fença, sem, por lei, ficarem expostos a rigorosísimos castigos. A palavra *escravo* significa entre elles huma pessoa inteiramente dedicada á vontade, e ás ordens do Grão-Senhor; a fazer cégamente tudo o que elle manda, e, se possível fôra, tudo o que elle tem no pensamento, sem restricção, nem repugnancia, ainda quando fôra despenhar-se, não fó hum homem, mas hum formidavel exercito, do cume das montanhas, por sua ordem, e unicamente para seu divertimento.

### CAPITULO LIH.

#### *Do Serralho.*

**E** Ste vocabulo traz sua origem de *Serrai*, que significa *Palacio* em linguagem Persiana. Esta mesma denominação tem todas as casas do Grão-Senhor, e as dos seus principaes Officiaes. O Sultão tem grande número de Serralhos assim nas visinhanças de Constantinopla, como nas Provincias distantes: os tres principaes são na  
Bi-

Bithynia , em Andrinopoli , e em Constantinopla , por serem as tres partes do Imperio Ottomano , aonde os Imperadores estabelecêrão Corte , e de primeiro tiverão sua assistencia.

O Serralho do Grão-Senhor he como huma républica separada de toda a cidade : tem suas leis , e modos de viver totalmente particulares. Facilmente se conserva alli a boa ordem , porque os que lá vivem , não tem mais noções , nem conhecimentos , que os que dentro aprendêrão : ignorão absolutamente o que he liberdade. Os cidadãos não tem communicação , nem genero algum de correspondencia com elles ; o que faz que suas inclinações , habitos , e costumes não tem alteração , ou mudança , e que tudo o que se passa no Serralho não se sabe , nem se conjectura fundamentalmente na cidade.

A vida ordinaria do Sultão naquella morada deliciosa , e solitaria , he , levantar-se ao romper da Aurora , para fazer sua oração antes de sahir o Sol , ao que he obrigado por lei como

mo todos os mais Turcos. Algumas vezes entra no banho, para se lavar, e purificar, mórmente quando passa as noites com algumas de suas mulheres. O banho precede á oração, a qual dura pouco mais, ou menos de hum quarto de hora, depois almoça, e vai fazer algum exercicio; e se he dia de conselho, vai por huma galeria coberta para a janella, que corresponde á sala do Divan, para saber o que ahi se trata, e não se retira senão a horas de jantar. Eis-aqui pois a ordem que se observa neste acto: sobre huma meza, que apenas tem palmo e meio de altura, se estende huma cobertura de marroquim encarnado, certos Ichoglanos trazem o pão, os sorvetes, e guardanapos para o Sultão, e depois de haverem provado os manjares, o Mórdomo-Mór, acompanhado dos seus Officiaes, os conduz da cozinha até á porta da sala de jantar; os Ichoglanos os recebem então, e os vão pôr sobre a meza do Grão-Senhor: os pratos, em que elles vem, ou são de ouro, ou de porcelana com tam-

tampas de ouro. O Sultão come af-  
sentado no chão com as pernas cru-  
zadas ; e os que o servem estão af-  
sentados sobre os calcanhares , e co-  
mem os sobejos do Imperador , pon-  
do os pratos no chão. Este Principe  
não tem meza delicada , seu alimen-  
to ordinario he arroz , carneiro , pom-  
bos , e gallinhas guizadas á maneira  
do paiz. Em quanto o Sultão está á  
meza se lhes estão lendo as Historias  
de seus predecessores , ou a de Ale-  
xandre Magno , que está escripta em  
linguagem Turca : algumas vezes o  
divertem os Nains , e os bobos com  
contos facecios , e de galanteria. Ao  
levantar da meza em domingos , e ter-  
ças feiras , vai logo em direitura á  
tala da Audiencia , para saber de seus  
Ministros o estado dos seus negocios ,  
e depois faz a oração do meio dia.  
Nos outros dias da semana entretem-  
se com os seus Nains , com os Eunu-  
chos , ou com suas mulheres , que fa-  
zem quanto podem para o recrearem ,  
e divertirem : outras vezes vai passear  
pelos jardins , ou para melhor dizer ,  
hor-

hortejos , aonde passa o tempo conversando com o Mestre Jardineiro , e com os mais Officiaes subalternos. Mas por maior que seja a occupação , nunca falta a fazer as suas cinco orações que a Religião lhe prescreve.

Em todas as sextas feiras o Grão-Senhor monta a cavallo pelas dez horas do dia para ir á Mesquita. Os homens que vivem opprimidos , e vexados por não lhes fazer justiça o Grão-Vizir , vão esperallo ao caminho com seus requerimentos na mão , que o Imperador manda receber por hum dos seus Eunuchos. Alguns que receberão grandes injustiças , estão com huma vela accesa , ou luz posta sobre a cabeça , para darem a entender ao Sultão deste modo , que se elle lhes não fizer justiça , sua alma arderá no outro mundo , á maneira daquella vela ; nos fógos do inferno. O Imperador vai ordinariamente acompanhado com sete , ou oitocentos cavalleiros , e quatro mil Janizaros. Quando entra na Mesquita fica em huma tribuna separado do povo. A maior parte das

vezes, acabada a oração, parte para a caça, atravessando toda a cidade, e então se vê na sua passagem hum dos mais lindos, e pomposos espectáculos de Constantinopla. Os Janizaros marchão adiante a pé, levando unicamente a sua cana da India na mão: são dirigidos por quatro dos seus chefes que vão a cavallo em frente delles, e o seu Aga vai cubrindo a retaguarda. Após elles vão os Capigitas a pé, seguidos de trezentos Chiaús a cavallo, vestidos de tecidos de ouro, e de prata, e seus cavallos ajaezados rica, e faustuosamente. Depois dos Chiaús seguem-se duzentos Officiaes ainda de maior luxo, e ostentação que elles: chamão a estes Officiaes *Mutafertasos*, e são como gentil-homens da camara, que levão após si doze, ou quinze cavallos, cada hum dos quaes vai guiado por dous homens. Não se poderá ver cousa mais magnifica, por causa da riqueza de seus arnezes, que todos são cravados de pedrarias finissimas. Seguem-se depois os *Sulques*, que são perto de quatrocentos,

e

é em meio delles vai o Grão-Senhor levando a par de si , e a pé o seu Estribeiro-Mór , que vai sempre com a mão posta sobre a sella do seu cavallo. Em todo este magestoso acto o Sultão conserva tal gravidade , que nem a cabeça move ; mas o respeito do povo ainda sobrepoja a soberania do Imperador , porque ninguem ha , que se ouse de levantar a cabeça , nem de olhar para elle , o que não obstante de todas as partes concorre multidão de gente para o ver passar. Os Sulaques , que o cercão , vão fazendo rogativas pela felicidade do seu reinado , ao que o povo responde com voz submissa *Amen*.

O cavallo , sobre que vai o Grão-Senhor , quasi não tem acção , bem contra o ordinario dos cavallos Turcos , que o seu natural he serem fogosos , e briosos : verdade he que em todas as tres noites precedentes ao dia , em que elle ha de servir , fazem que elle não durma. O vestido do Imperador não tem differença dos mais , que levão os grandes da sua Corte , á ex-

ce-

cepção de duas massas de Heron, que o Sultão leva no seu turbante. Depois do Grão Senhor seguem-se os Vizires, e outros muitos Officiaes do Serralho. Quando o Imperador se acha já fóra das portas de Constantinopla, despede toda a comitiva, e manda ficar sómente os que servem de o divertir. Se não tem mulheres consigo manda ficar os Vizires, e com elles se entretém sobre particulares seus, ou negocios de estado; quando porém com elle se achão mulheres, tambem os Vizires se retirão; e para que ninguem o encontre na estrada, vão montados, correndo á redea solta, vinte e cinco, ou trinta mudos com o arco na mão para avisar, e fazer retirar toda a gente. As carruagens em que as mulheres são conduzidas, são todas tapadas, não obstante irem ellas com a cara cuberta; e para virem do Serralho para as carruagens, fó a fim de o cocheiro as não ver arma-se com panos de lona, ou de outra têa, hum corredor cuberto desde a porta do Serralho até á portinhola da carruagem:

gem : os Eunuchos vão a cavallo de guarda a ellas , e nunca as defamparão.

A ordinaria caçada do Grão-Senhor he á alta volateria , e ás lebres , e para isto mais de trezentos Falcoeiros levão Falcões. O Imperador nunca sahe da estrada para caçar , e alli espera a caça , para o que manda soltar muitos Falcões. Como as carruagens das mulheres são feitas de modo , que os tectos são levadiços , elle lhas manda abrir por cima para ellas participarem daquelle recreio , sem todavia serem vistas. Algumas vezes o Sultão faz no Serralho suas caçadas , que não deixão de ser divertidas : manda buscar muitos pórcos montezes vivos , e os manda pôr juntos dentro de hum grande cercado , que por sua ordem se faz , e cujas paredes são portateis , como de lona , ou de outra materia semelhante : dá a cada porco o nome de algum dos Principes seus inimigos , e depois os mata a tiro de flexa. Os assistentes alegrão-se muito com isto , e cantão troféos , porque sendo os

Tur-

Turcos muito supersticiosos , ajuizão que a morte de qualquer daquelles animaes , he hum presagio de que o Grão-Senhor ha de arruinar os Príncipes seus inimigos , cujos nomes tinhão os pórcos , que elle matou.

O Sultão sahe raras vezes a cavallo , porque lhe he preciso atravessar toda a cidade para ir ao campo , e teria grande constrangimento em apparecer amiudadas vezes ao seu povo ; mas tem muitas portas no Serralho , que vão ter ao mar , por onde com todo o genero de liberdade póde sahir sem ser visto , e com effeito sahe de dia , ou de noite , e vai a passeio com suas mulheres até outros muitos Serralhos que tem ao longo do mar. Para este fim conserva muitas galiotas , e tem duas reservadas só para a sua pessoa , muito douradas , e adornadas ás mil maravilhas : os patrões , e mais ferventes assistem junto ás muralhas do Serralho , e tem obrigação de virem pontualmente quando ha necessidade delles.

## CAPITULO LIV.

*Discripção do Serralho de Constantinopla.*

O Serralho do Grão-Senhor he o primeiro objecto, que se apresenta aos que vão por mar a Constantinopla: está edificado sobre huma collina que fórma o angulo, e o ponto de junção dos dous mares: os edificios occupão a altura da collina, cuja ribanceira, que se vai terminar á borda do mar, está dividida em hortas abundantes de arvores de todas as especies, e mórmente de cyprestes: o circuito do Serralho he de huma legoa, segundo a opinião vulgar: a sua área he de figura triangular, e está cercada de altas, e fortes muralhas que se continuão com as da cidade: tem muitas torres para ambas as partes dos mares, banhadas pelas suas agoas, e em que estão postadas muitas sentinellas armadas com espingardas para dispararem sobre as em-

T

bar-

barcações, que se affoitaão a aproximar-se áquelle lugar: ha hum caes guarnecido de pedras de canteria, que cerca todo o Serralho pela parte do mar, mas por onde ninguem passa: nelle se vêm muitas peças de artilheria montadas, que batem á flor d'agoa: o maior uso, que se faz dellas, he para annunciar a morte dos que são executados no Serralho. A' medida que se lanção os corpos ao mar se vai disparando a artilheria, correspondendo a cada cadaver hum tiro, para deste modo advertir o povo de que se fez justiça, e a fim de o reprimir, e de o conter em seus deveres pelo temor de que o mesmo lhe succeda. Sobre o caes, que fica da parte de *Galata* (\*), está huma sala, cujo pavimento descansa em cima de altas columnas de marmore, aonde o Grão-Senhor vai tomar ar, e donde se embarca na sua galeota, quando se quer ir divertir pelo canal. A extremidade do

---

(\*) He hum dos arrabaldes de Constantinopla.

do caes para a parte das torres tem tambem outra casa assaz grande , assentada sobre arcadas de pedra lavrada : ambas estas casas tem todo o seu contorno guarnecido de rótulas. O Imperador ahi se vai divertir com as Sultanas : neste mesmo sitio ha huma fonte , ou chafariz , aonde os Gregos vão em dia da Transfiguração : he hum genero de devoção , que elles tem , e que tem muita parecença com o carnaval , o que serve de divertir muito o Sultão , e toda a sua Corte. O Serralho tem muitas portas para a banda do mar , mas nunca se abrem senão para o Grão-Senhor , ou para algum dos seus Officiaes maiores : para a parte da cidade não tem mais de huma , que fica ao pé de Santa Sofia. Esta porta he guardada por fincoenta Capigitas , ou porteiros , que não tem mais armas que humas varinhas delgadas na mão ; he larga , e acompanhada de huma abobada tambem larga , e alta , que mais parece ser hum corpo de guarda , que entrada do Palacio de tão grande Principe como o

Imperador dos Turcos. Ella he que dá o nome a toda a sua Corte, que para se dar a conhecer hum só vocabulo se lhe chama *Porta*. Entra-se por ella para hum grande pateo mais comprido que largo: o lado direito está occupado por hum grande edificio, que serve de enfermaria a todos que assistem no Serralho. Os doentes são para alli trazidos em carrinhos puxados por dous homens. Da parte esquerda está o armazem do armamento; he todo coberto de chumbo, e diz-se que elle fora a Sacristia do Templo de Santa Sofia, donde, a ser verdade, se póde julgar da grandeza, e magnificencia deste edificio.

Neste primeiro pateo se desmontão todos os que vão ao Serralho, e aonde os seus cavallos se hão de conservar em profundo silencio, e parece que os mesmos cavallos conhecem, e respeitão o lugar aonde estão; tal he o cuidado de cada servo que lhes pega, e do ensino que se lhes dá! Do primeiro pateo se passa ao segundo por huma porta espaçosa, e me-  
nos

nos medonha que a primeira , e na qual estão de guarda outros sincoenta Capigitas. O segundo pateo he quadrado , e tem duzentos passos de comprimento. Reina em torno d'elle huma galeria em fórma de claustro , assentada sobre columnas de marmore : aqui he o lugar dos Janizaros , e de todos os concorrentes ao Divan. He necessario guardar silencio neste pateo ainda mais que no primeiro , sob-pena de castigo prompto , e rigoroso. Nas costas da galeria do lado direito está hum grande edificio , donde sahem nove zimbórios cobertos de chumbo , que são das cozinhas , e officinas do Serralho. As cozinhas estão separadas do pateo por huma parede , que impede que dellas se receba todo o genero de incómodo : ellas são todas de abobada , e cada huma tem no meio hum zimbório pequeno , e feito de modo , que dá claridade , e deixa sahir o fumo. A primeira cozinha he a do Imperador ; a segunda a da primeira Sultana ; a terceira a das outras Sultanas ; a quarta a do Aga ; a quin-

ta a dos outros Ministros, que compõe o Divan; a sexta para os Ichoglanos; a setima a dos Officiaes do Serralho; a oitava para todas as mulheres do Serralho: e a nona para todos os Officiaes subalternos, que pertencem ao Divan. As viandas que se preparão nestas cozinhas, são em grandissima quantidade; porque afóra de quatro mil bois que se matão todos os annos, e que se mandão salgar, e seccar para provimento do Serralho, o comprador está obrigado a apromptar diariamente duzentos carneiros, cem cordeiros, dez vitellas, mais de mil aves domesticas, e todo o peixe necessario para os que o appetecerem. A' esquerda do pateo estão as cavalherices do Imperador. Os cavallos de serviço para a familia do Serralho estão em cavalherices á borda do mar. Ninguem ha, á excepção do Sultão, que se monte a cavallo, ou desmonte no segundo pateo, cujo centro está occupado por humna formosa fonte rodeada de cyprestes, e sycomoros, cuja sombra a faz mais deliciosa: este  
 he

he o fatal lugar em que tambem o Grão-Senhor manda cortar a cabeça aos Bachás , e a outros Officiaes de porte , que tiverão a desgraça de incorrerem na sua indignação. No fim deste segundo pateo á parte esquerda está a sala do Divan , e a porta por onde se entra para o Serralho , está á direita : não ha , nem póde haver no mundo porta mais ferrolhada , nem mais bem guardada que esta. São os Eunuchos brancos quem a guardão , homens de difficil accesso , desconfiados , e fanhudos o mais que se póde imaginar. Não deixão entrar couza alguma sem examinarem bem , e muito bem o que , e ainda este exame realça em tudo o que sahe para fóra. He preciso ser expressamente chamado para chegar a esta porta , ou entrar por ella , e muitas vezes os que entrão não sahem senão por huma janella , por onde são lançados ao mar : o mesmo Grão-Vizir não entra sem ir desmaiado , e convulso ; porque ninguém tem segura a vida em hum Paiz , aonde reinão a inveja , a ignorancia ,

e a ambição ; e aonde os visos de culpas experimentão com frequencia os mesmos rigorosos castigos , e penas que os crimes atrozes. Quanto á estrutura , symetria , e prospecto do Serralho , he cousa muito inferior ; porque os repartimentos de que se compõe , forão feitos por diferentes Principes , que todos tiverão diferentes designios nas obras que mandarão fazer ; de sorte , que se vê quantidade de edificios desiguaes , irregulares , sem ordem , e sem proporção ; mas em recompensa disto são tão cómodos , e tão bem praticados , que por esta causa se lhes diminue muito os defeitos exteriores. Todos os edificios são muito baixos , por conta dos ventos , que são tão impetuosos nesta cidade , que seria muito arriscado levantallos muito. Tem casas proprias para cada estação do anno , e são tão bem preparadas , e guarnecidas com tal riqueza , e belleza , que a todos causa emulação esta magnificencia dos Turcos. O Serralho secreto do Grão-Senhor está dividido em tres partes :

a repartição do Grão-Senhor, a das mulheres, e os hortejos que são de grande extensão. Na primeira ha hum banho magnifico, assolhado de marmore branco, e coberto de abobada tambem feita de marmore: em torno do banho ha muitas cozinhas lageadas, e de abobadas de marmore: cada huma tem duas torneiras, huma para agoa quente, e outra para ella fria, a fim de maior commodidade, e delicia dos que alli se lavão. Este banho serve para todos do Serralho; porque o Principe vai ordinariamente ao das mulheres, que ainda he mais rico, e mais agradavel. Tem tambem huma Mesquita pequena, aonde se vai fazer oração, e particularmente quatro Talifmanos, Turcos naturaes, que vão effectivamente todas as manhãs ao abrir das portas do Serralho. O Grão-Senhor tem da parte de dentro do Serralho todos os Officiaes, que lhe são necessarios, e tudo o mais, que póde fazer suas delicias honestas, e fatisfazer suas torpes paixões. Elle se entrega todo aos seus prazeres

res, sem ter mais cuidado, que o de huma vida desleixada, languida, e effeminada. Encarrega o Grão-Vizir dos negocios de maior ponderação, e não toma conhecimento senão dos mais necessarios, ou dos que lhe podem dar gosto, e divertimento, passando deste modo seus desgraçados dias em contínua solidão com seus Ichoglanos, com suas mulheres, com os Eunuchos, com os mudos, e com os Nains, que o reverencão como hum Deos, e que tremem, e se espavorizão só de olhar para a sua sombra.

## CAPITULO LV.

*Das Sultanas.*

**E** Ste he o nome das mulheres do Serralho, que tiverão filhos do Grão-Senhor; porque, logo que qualquer dellas está prenhe, e que seu filho nasce, he reconhecida por Sultana. Dá-se-lhe casa separada com Eunuchos, e Matronas, e se lhe con-

figna certa renda vitalicia. A que primeiro pario varão he a Sultana principal, cu Sultana-Rainha, a quem todas as outras rendem vassallagem, e á qual o Imperador confere algum dominio util, que ordinariamente he no Reino de Chypre, ou em alguma Provincia. Quanto ás outras mulheres que habitão no Serralho do Sultão, estão clausuradas, e só o Grão-Senhor lá entra. Assistem todas juntas, e são vigiadas pelos Eunuchos pretos, que não descansão dia, e noite deste pessimo exercicio, e que as castigão severamente pelas menores faltas. Debalde se canção a maior parte das vezes em pedir aos seus rígidis guardas, que as levem a passeio aos jardins; e se alguma vez o conseguem, seus cruéis carcereiros não as desamparão, e a certo final que dão, todos os jardineiros, ou hortelões se cozem com as paredes, tendo levantado por diante de si hum toldo preso nos páos que elles sustentão com as mãos, a fim de haver separação entre elles, e as mulheres, e para que elles as

não

não possão ver. O ciume , e vigilância dos Eunuchos he de tal qualidade , que se elles percebessem que alguns dos jardineiros olhavão para as mulheres pelos póros do toldo , alli mesmo lhes cortavão a cabeça , e semelhante procedimento não desmerece a approvação do Sultão. Por esta mesma razão he que as sentinellas das torres fazem retirar a tiros de mosqueteria as embarcações que se avifinhão ás muralhas.

Afóra dos Eunuchos , de que acabámos de fallar , tem as mulheres do Serralho huma regente , á qual se dá o nome de *Kadan-Cabia* , e outras muitas sobregentes , que recebem os mandamentos da primeira , e são denominadas *Cadunas* : são mulheres velhas , cujo emprego he de vigiar sobre o comportamento das raparigas : dormem com ellas na mesma sala para ver o que fazem , e ouvir o que fallão. A primeira cousa que se propõe ás mulheres , quando entrão para o Serralho , he o mudar de Religião , e de professarem a lei de Mafoma.

A unica cerimonia , que para isto se pratica , he fazer-lhes levantar o dedo para o ar , e pronunciar algumas palavras.

Comem em grandes salas , em que tambem se ajuntão para trabalhar em diversas obras ; depois então se retirão aos seus cubiculos em que se conserva luz toda a noite. As casas aonde ellas dormem , são á maneira de dormitorios dos nossos Religiosos. Huma Caduna vigia sobre dez mulheres.

A Kadan-Cahia tem obrigação de inquirir todas as mulheres que entrão no Serralho , de lhes ensinar tudo o que devem fazer , de lhes conhecer sua propensão , genio , e caracter para informar disto ao Sultão. Este Principe tem ordinariamente duas , ou tres mais de sua feição , que assistem em lugares separados , mas este brutal , e lascivo Turco , cujo magestoso , e respeitavel titulo elle tanto deslustra com seu procedimento venerero , sem offensa da pessima lei que infelizmente professa , não satisfeito com as que tem separadas , continuamente está variando ,

do , e escolhendo novas concubinas: para isto manda aviso á Kadan-Cahia , que conduz todas as mulheres do Serralho a huma vasta galeria , por onde o Monarca ha de passar , e as põe todas em huma fileira , na qual se conservão sem nenhuma se atrever a fallar , nem a sahir do seu lugar ; posto que lhes seja permittido o usarem de todos os adornos , e attractivos para se fazerem appeteciveis. O Grão-Senhor passeando na frente dellas examina qual mais lhe agrada , e lhe atira com hum lenço para final da sua eleição , e affecto , e então se retira. A Kadan-Cahia congratula a nova concubina , e depois a leva á camara do Principe : algumas circumstancias , que precedem á entrada da camara , o que se pratica no dia seguinte , quando ella sahe , a disposição , em que se achava o Grão-Senhor , e modos , porque ella he recebida , não permite a modestia , e caridade christã , que aqui o declaremos por não despertarmos a nossa sensualidade , nem estimularmos a dos nossos leitores. Direi  
fim

fim que o Imperador lhe dá pela manhã todos os vestidos com que se recolheo, levando todas as joias, e dinheiro que tem nelles, e que nunca mais se ajunta com ella até áquelle tempo em que se póde vir no conhecimento de estar, ou não prenhe.

As mulheres que por falta de formosura, ou de graça, e desgarre não são bem vistas do Principe, não são tão bem hospedadas, nem recebem mais que a paga ordinaria, que he de quatro até sete vintens por dia. São todas empregadas em obras de costura, em bordarem, ou em outras cousas semelhantes: o seu alimento usual he arroz cozinhado de diferentes maneiras com carneiro, e galinhas, e a sua bebida em lugar de licor he agoa com assucar. O seu vestuario he á custa do Principe, e quando já vão cahindo na idade, ficão feitas Cadunas. As mulheres nunca sahem do Serralho, senão quando o Grão-Senhor as leva a passear consigo; mas, á excepção da liberdade, e abstracção feita do torpissimo fim, porque são clau-

su-

furadas , pouco lhes fica que appetecer das cousas do mundo ; tal he o passatempo , abundancia , e riqueza em que vivem , gozando da formosura dos jardins , da belleza das casas , e preciosidades dos moveis que as adornão.

Além das mulheres , que effectivamente assistem no Serralho , todos os grandes do Imperio , que tem escravas bonitas , fazem presente dellas ao Sultão ; porque acontecendo que o Imperador se afeioe de alguma , não he facil esquecerem-se ellas de quem foi causa da sua supposta fortuna , e lhes conseguem os maiores cargos do Imperio : por este indigno meio está o Serralho sempre cheio de mulheres bonitas , e os empregos do Imperio em homens indignos.

Quando o Grão-Senhor vai ao Serralho das mulheres , todos os que o acompanhão ficão esperando na primeira porta , cuja guarda está encarregada aos Eunuchos negros , e vedada a entrada até aos mesmos Eunuchos brancos. Se alguma vez succede adoe-  
cer

cer qualquer Sultana , he preciso licença do Principe para lá entrar o medico , o qual he sempre acompanhado de quatro Eunuchos negros , sem contar os que vão primeiro fazer retirar as mulheres para que o medico não veja alguma. A que está doente de tal forte se cobre , e esconde na cama , que só o braço direito , coberto de hum crepe , ou fumo negro , fica de fóra , para se lhe tomar o pulso ; mas o medico o ha de fazer tendo a cara voltada para a parte opposta , e ha de curalla sem nunca lhe perguntar coufa alguma. Só as Sultanas , e as mulheres , a quem o Imperador se affeiçôa particularmente , podem ficar no Serralho em caso de enfermidade : as outras são levadas para o antigo Serralho , aonde se conservão até estarem de todo boas.

Ainda que as mulheres , que vivem no Serralho , sejam de idade , character , genio , e sentimentos diferentes , nem por isso deixão de viver em grande união apparente ; e se entre ellas reina algum ciume , ou inveja ,

V

he

he espantosa a sua dissimulação, e não deixão entrever nem os menores indícios de semelhantes paixões, por não se exporem ao castigo de serem mudadas para o Serralho velho. Todo o seu cuidado, e desvelo está em ver o modo, porque se hão de fazer amar do Imperador: não se descuidão de se ataviarem de exquisitos modos com magnificos vestidos, ricas joias, primorosos adornos, e agradaveis enfeites.

O que em Constantinopla se chama *velho*, ou *antigo Serralho*, he o o palacio, aonde em outro tempo assistião as Sultanas, antes de se edificar o Serralho em que habitão as actuaes: serve agora de habitação ás Sultanas dos Imperadores defuntos, e a todas, que cahem no desagrado do Grão-Turco reinante. He huma terrivel prisão, aonde aquellas desgraçadas mulheres passão amofinadas o resto de iua vida, quando não são concedidas por especial graça a alguns validos do Principe, que as pedem, e que casão com ellas. Os seus guardas são Eunu-

nuchos negros velhos , de quem recebem tratamentos indignos. Este Serralho he grande , e cercado de altas muralhas , sem mais sahida para fóra , que a de huma só porta mui bem fechada , e guardada por Eunuchos negros. Logo que o Grão-Senhor morre , se envião para o Serralho velho todas as mulheres , que tiverão trato com elle , e todas aquellas , cuja idade , e figura não póde ainda agradar. Aquellas porém , que não estão nestas circumstancias , continuão da mesma sorte a ficar no Serralho , e para o mesmo fim , para que d'antes estavão. As Sultanas velhas , clausuradas no velho Serralho , tem occasião de chorarem a morte do Principe , ou a de seus filhos , que seus successores mandão matar ; porque seria criminoso o chorar no palacio do novo Sultão , aonde tudo deve respirar alegria , e festejo pela sua acclamação , e subida ao throno do Imperio Ottomano. As Sultanas fazem quanto podem por amontoar riquezas , em quanto corre noticia que ellas são válidas do Prin-

cipe ; e quando depois estão encerradas no antigo Serralho , fazem divulgar , que são muito ricas , para ver se assim obrigação alguma a ir pedillas para confortes , pois só deste modo podem recobrar sua liberdade. O Grão-Senhor tem hospedaria no Serralho velho , e algumas vezes ahi vai passar alguns dias para se divertir.

## CAPITULO LVI.

### *Dos Eunuchos.*

**O**S Eunuchos empregados na guarda da clausura , em que habitão as mulheres , todos são Mouros. A maior parte tem o semblante desfigurado , e quasi todos são mutilados , de sorte que não lhes fica final algum de virilidade. Os grandes do Imperio tambem tem desta qualidade de gente em companhia de suas mulheres , e de suas escravas para segurança da sua fidelidade. Costuma-se pôr aos Eunuchos o nome das mais lindas flores , como por exemplo , Nar-

Narciso, Rosa, Jasmim &c. para que da boca das mulheres, que os chamão, não faia palavra, que não seja honesta, e agradavel.

Ordinariamente ha cem no Serralho, e tem hum capataz que os governa, e em quem o Grão-Senhor descansa ácerca da fidelidade das clausuradas. Os Eunuchos, que tem a cara menos disforme, são destinados para guardas da primeira porta; mas os que estão de vigia ás mulheres, e que conversão familiarmente com ellas, além de serem pretos, tem ainda outras disformidades consideraveis que os fazem horrendos, medonhos, e odiosos, a fim de que, tendo ellas sempre diante dos olhos semelhantes monstros, melhor lhes pareça o Grão-Senhor, e mais suspirem por elle. Dentro do Serralho ha tambem certo número de Mouras para servirem as mulheres: dous Eunuchos tem os principaes cargos, e a primeira authoridade no Serralho. Hum chama-se *Kutzlir-Agasi*, que quer dizer, Superintendente, ou capataz das mulheres:

o outro denomina-se *Capa-Agasi*, ou porteiro; este he branco, aquelle negro, e cada hum delles governa todos os Eunuchos da sua cor. He tal a subordinação, que reina entre os Eunuchos, que os mais moços venerão, e respeitão sobre maneira os mais velhos.

## CAPITULO LVII.

### *Ichoglanos.*

**O** Grão-Senhor não considera em seus Ministros nem o nascimento, nem as riquezas. Elle se serve com gente, que inteiramente lhe está dedicada, e que sendo-lhe devedora da sua criação, e educação, está obrigada a empregar no seu serviço toda a sua capacidade, e virtude, e a restituir-lhe por hum genero de retribuição toda a despesa, que fez em lhe illustrar o espirito, e alimentar o corpo; de forte, que a póde exaltar sem causar ciume, e arruinal-la sem perigo, nem temor. Pelo que

toda a mocidade destinada para os mais pingues , e honrosos empregos do Imperio , e a quem os Turcos chamão *Ichoglanos* , deve proceder de pais christãos , tomada na guerra , ou vinda de muito longe. Os Argelinos quasi nunca fazem presentes ao Sultão , em que não vão alguns rapazinhos christãos , que elles captivárão. Facilmente se conhece que esta politica está fundada em que os christãos aborrecerão , e terão aversão aos seus mesmos parentes , que tiverem sido educados com principios , e noções tão differentes das suas , e em que , quando elles vem de muito longe , com facilidade perderão reciprocamente a lembrança huns dos outros , de sorte , que os *Ichoglanos* , tendo perdido todos os habitos , e costumes , que antecedentemente tinham , a lembrança , e amizade de seus parentes , procurarão anciosos satisfazer , e agradar a seu Senhor. Mas he necessario , que todos os que passão a ser *Ichoglanos* , sejam bem feitos , bem parecidos , e que não tenham em seu corpo o menor

nor defeito natural ; porque os Turcos tem para si que he quasi impossivel , que huma alma infame resida em qualquer perfeito , e estimavel corpo. Por esta causa , não sómente no Serralho , mas tambem entre os Cortezãos , toda a mocidade de seu sequito he bem feita , e muito obediente , e respeitosa em presenca de seus Senhores. Antes de se receberem os Ichoglanos , se apresentão os que o hão de ser ao Grão-Senhor , o qual os manda conduzir para algum dos seus Serralhos. Os que forão escolhidos para o de Constantinopla , sempre tem alguma particularidade , que os faz mais recommendaveis , e são os primeiros que sahem providos nos empregos do estado. Ficão todos debaixo da inspecção , e governo do capataz dos Eunuchos brancos. Estes os tratão com incrivel severidade. Os castigos , que ordinariamente experimentão , são : pauladas nas plantas dos pés , grandes jejuns , e vigalias , e algumas vezes castigos ainda mais asperos ; de sorte , que he indefectivamente

necessario que todo aquelle, que passou por todos os differentes grãos do Serralho, seja homem extraordinariamente paciente, e capaz de supportar todas as sortes de fadigas, e de executar todas as ordens, e mandamentos. Os Turcos tem por maxima certissima, que he impossivel saber governar, sem ter aprendido a obedecer.

Quando os Ichoglanos se não mostram flexiveis, e doceis ás instrucções, que recebem, ou são incorrigiveis, os Eunuchos avisão disto ao seu capataz: este depois de haver dado informação delles ao Grão-Senhor, os despede do Serralho, e manda para os Spahis, porque os Ichoglanos, assim expulsos, e os que pedem licença para se retirarem, por não poderem soffrer os máos tratamentos que lhes fazem, ou a grande sujeição em que os tem, perdem toda a esperança de serem elevados a empregos consideraveis.

Antes de irem os Ichoglanos para as differentes partes aonde devem ser instruidos, se lhes tomão seus nomes,

mes, o de sua familia, e pais, e sua idade; e tudo fica escripto em hum livro de registro, no qual se lança tambem o vencimento diario do ordenado de cada hum, cuja copia vai remettida ao thesoureiro geral a fim de se lhes apromptar em conveniente tempo seus pagamentos, que he a razão de cinco aspres por dia. Estando assim alistados, são distribuidos em duas especies de Seminarios, a que os Turcos chamão *Oda*. O primeiro he composto de quatrocentos, o segundo de cento e cincoenta. As lições são as mesmas em hum, e outro, e não ha genero algum de preferencia, que possa, ou deva elevar huns primeiro que outros aos empregos. A primeira cousa, que se lhes ensina, he a guardarem silencio, a serem respeitofos, humildes, e obedientes; a terem a cabeça baixa, e as mãos cruzadas sobre o ventre. Seus mestres os cathequisão ao mesmo tempo, e instruem com sobrejo cuidado sobre tudo o que pertence á Religião Mahometana, e lhes ensinão a ler, a escrever, e a falar

lar perfeitamente sua linguagem propria. Tendo feito nesta algum progresso attendivel, se lhes ensina a fundamento a Arabiga, e a Persica, que lhes vem a ser necessarias, quando estão exercitando alguns governos nos lugares Orientaes do Imperio. Todas as suas acções são observadas diligentemente pelos Eunuchos, o que faz que em qualquer tempo que seja, nunca entre elles haja familiaridade, que não seja honesta. Quando vão ás partes destinadas para satisfazer as necessidades da natureza, ou ao banho, sempre os acompanha hum Eunucho, e nunca os perde de vista, nem consente, que nenhum de seus amigos lhes falle sem licença do Capa-Aga, ou chefe dos Eunuchos. Tem seus dormitorios em grandes salas, aonde ha alampiões accessos toda a noite; suas camas estão postas a par humas das outras, levantadas do chão sobre madeira, e a cada finco, ou seis se segue a de hum Eunucho collocada de forte, que elle póde ver, e ouvir facilmente, se se diz, ou se faz al-

gu-

guma cousa entre os Ichoglanos, que seja torpe, ou offenda a modestia.

Quando elles tem chegado a huma certa idade, e que são capazes dos exercicios, que requerem força, e vigor, se lhes ensina a manejar o espontão, ou lança, a disparar frechas, e a despedir o dardo. Passão muitas horas do dia nesta qualidade de exercicios, ou se applicuem a todos, ou a algum delles; e os Eunuchos os castigão severamente, quando vem que elles se esquecem, ou affrouxão. Muitos ha que empregão grande parte do tempo em armar os arcos para despedir settas: applicão-se a isto gradualmente, principiando pelos mais fracos, e leves, e acabando pelos mais fortes, e pesados: em consequencia deste exercicio chegão a armar arcos de força extraordinaria. Estas frequentes occupações os fazem vigorosissimos, e sobre modo proprios para a guerra. O manejo, dexteridade, picaria são os seus principaes exercicios, aonde aprendem a manejar todas as sortes de armas, mesmo a caval-

vallo: o Grão-Senhor gosta muito de os ver exercitar deste modo. Cada hum delles então se esmera no modo de se distinguir dos seus companheiros, para se fazer conhecer, e estimar do Principe, que he o meio de se adiantar mais depressa. Tambem ha dias destinados pelo Sultão para batalharem os Eunuchos brancos contra os pretos, o que rarissimas vezes succede, ou os Eunuchos pretos contra os pagens a cavallo; e isto he mais frequente; mas este barbaro divertimento poucas vezes se acaba sem derramamento de sangue. Os Ichoglanos aprendem, ainda mais a cozer, a bordar, a fazer frechas, para assim serem mais uteis ao Grão-Senhor: em huma palavra são occupados em tantas cousas, que não tem occasião de estarem ociosos, nem de darem entrada á perguiza. Quando acontece que algum excede muito aos outros naquelle mister de que he, põe-se-lhe o appellido do mesmo mister, em que se distinguio, e por elle he conhecido nos governos, ou cargos de importancia

pa-

para que vai, quando sahe do Serralho. Todos os que dão melhor conta de si, são mais attendidos, e passão primeiro para os grandes empregos de Palacio, que vem a ser: I. Lavadeiros do Grão-Senhor: então mudão os vestidos de panno para de setim, e téia de ouro, augmenta-se-lhes o seu salario com tres, ou quatro aspres por dia, e ás vezes ainda mais: II. Depois passão para a thesoureria; dahi para o laboratorio, ou botica, aonde se guardão as drogas, os cordiaes, e as bebidas do Imperador. Destas duas ultimas classes são elevados por regular ordem á mais eminente do Serralho. Esta classe he composta de quarenta pagens, que sempre estão juntos á pessoa do Sultão. Destes se escolhem doze, que possuem os maiores cargos da Corte; cada hum tem seu emprego: hum traz a espada ao Grão-Senhor; outro o seu manto Real; hum terceiro pega no estribo; o quarto traz agoa ao Imperador, ou para beber, ou para se lavar; o quinto lhe compõe, e enfeita o turbante;

o sexto faz as vezes de seu guarda-roupa ; o setimo he Mórdomo , e guarda dos cães ; o oitavo he o seu Mórdomo-Mór , ou da pessoa , e Palacio ; o nono he o Secretario do Principe ; o decimo corta-lhe as unhas ; o undecimo he official maior do registro ; e o duodecimo he o seu barbeiro. Como todos estes officiaes são familiares do Imperador , são os primeiros que alcanção os melhores cargos fóra do Serralho quando vagão. O Grão-Turco os honra muitas vezes com suas dádivas , como são espadas , vestidos , arcos , e outras cousas semelhantes : podem descaradamente acceitar premios pelas sollicitações , e intervenção de alheas dependencias , sem todavia lhes ser indecoroso , ou incorrerem em crime , ou desagrado de seu legitimo Soberano. Este os manda muitas vezes levar ordens aos Bachás , presentes ao Grão-Vizir , e ás pessoas de qualidade , donde nunca se retirão senão repletos de dinheiro , de finas pedrarias , e de primorosas , e ricas equipagens para seus cavallos ; de sorte ,  
que

que dos quarenta , de que fazemos menção , nenhum haverá , que deixe de ter abundante , riquissimo , e magnifico apparatus , e dinheiro , quando sahe do Serralho , para ir tomar posse de algum cargo de consideração nas Provincias. Logo que algum destes vaga no Serralho , he substituido por outro da classe inferior. Nenhum sahe do Serralho para qualquer governo , ou emprego consideravel , sem ter contado quarenta annos de idade ; e só por especial graça succede raras vezes o contrario. Quando se despedem do Serralho , vão primeiro visitar o Capataz dos Eunuchos , e aos mais Officiaes principaes , a quem por decóro pedem licença , e se lhes recommendão em sua ausencia , pedindo-lhes o auxilio , e honra da sua amizade.

Até agora fallámos do modo de instruir os Ichoglanos , e de os avezar aos exercicios do corpo ; presentemente saibamos como a alma se lhes cultiva. O estudo , e a meditação não são cousas estranhas no Serralho. Os

Pe-

pedagogos, ou mestres encarregados da mocidade, primeiro que tudo lhe ensinão a ler, e a escrever, a fim de que por este meio ella possa ter conhecimento dos livros, que tratão das suas leis, e da sua Religião, e mórmente do Alcorão. Para isto se lhe ensina o Arabe; porque nesta linguagem estão escriptos todos os thesouros das suas leis, e da sua Religião. Cumpre absolutamente, que todo o Bachá, ou Ministro de estado a saiba; porque, por este meio se constitue capaz de ler, e anotar as escripturas, e as sentenças de todos os Officiaes de justiça, que lhe estão subordinados, e de poder fallar judiciosamente da sua Religião, quando a occasião o permite. Como o primeiro cuidado dos mestres he de fazerem seus estudantes dignos do agrado, e applauso do Grão-Senhor, pela elegancia, energia, e graça de seus pensamentos, e expressões, logo immediatamente depois de lhes ensinarem o idioma Arabigo, lhes ensinão o Persico, porque nelle encontrão infinidade de palayras agra-

daveis, de doce, e suave inflexão, e accento, e de huma eloquencia, que suppre bem a falta de suavidade, e galanteria da linguagem Turca: ensinão tambem desta sorte a se formarem a exemplo dos póvos, cuja linguagem estudão, e a imitarem suas acções virtuosas, e seu heroismo pela leitura dos romances escriptos em linguagem Persiana.

O vocabulo *Ichoglanos* significa meninos, ou rapazes do collegio, são de duas classes: os primeiros, como acabamos de dizer, são destinados para virem algum dia a occupar os maiores cargos do estado; os outros são igualmente tirados das Tribus, que o Grão-Senhor usurpa dos Christãos, ou dos escravos que os Turcos fazem na guerra; mas são os mais malfeitos de corpo, ou os menos favorecidos dos dotes do espirito: chama-se-lhes *Azamoglanos*, que quer dizer, meninos, ou rapazes rudes: sua occupaçãõ he nos exercicios mais aviltados do Serralho: logo os mandão para o trabalho dos jardins, e depois de  
ahi

ahi terem servido bem por algum tempo , sahem para Janizaros , quando tem aptidão para as armas , ou são empregados em diversos usos mechanicos para serventia do Imperador. Todos elles não são nem tão bem tratados , nem tão bem instruidos como os Ichoglanos : não depende senão delles o aprenderem a ler , e a escrever , porque o Sultão paga a mestres para proveito dos que se quizerem aproveitar delles. Os Azamoglanos não tem ordinariamente senão huma via para chegarem aos grandes cargos do Imperio , que he chegarem a ser *Bostangi-Bachi* , ou Mórdomo dos jardins do Serralho.

## CAPITULO LVIII.

### *Mudos , e Naims.*

**A** Lém dos Ichoglanos , e Azamoglanos , o Sultão tem outra especie de gente em seu serviço , que são os Mudos , e os Naims. Os primeiros dormem na camara dos pagens ,

e de dia estão em lugar destinado para aprenderem a fallar, e a entender por sinais. Esta qualidade de linguagem he muito usada na Corte do Grão-Senhor, aonde he faltar ao respeito o fallar em presença do Principe, ainda mesmo em voz baixa, ou ao ouvido.

Ha oito, ou nove destes Mudos, que se chamão *Mudos válidos*, por serem admittidos a estarem de guarda á camara do Imperador, e pelo divertimento com muitas visagens, e bobices.

Os Naims tem tambem sua habitação no Serralho com os pagens, e são destinados, como os Mudos, para divertimento do Grão-Senhor. Se entre elles se acha algum, que seja furdo, e mudo, e que de mais seja Eunucho; he sobremaneira estimado.

## CAPITULO LIX.

*Dos Vizires.*

**D**Epois de haver fallado do Grão-Senhor, do feu Serralho, e das pessoas que o compõe, vamos fazer a succinta narração dos principaes cargos do Imperio; começarei pelo do Vizir. Já disse delle alguma cousa quando fallei do modo, por que os Turcos administram a justiça; mas aqui he o lugar de dar a conhecer as outras funções annexas a este respeitavel emprego. O Grão-Vizir he denominado na Turquia *Vizir-Azem*; he o primeiro, e principal Ministro da Porta: governa todo o Imperio, e dispõe de todas as honras, e de todos os cargos, menos os da Magistratura: elle sómente escreve a todos os Embaixadores dos Principes estrangeiros, e a todos os Ministros de estado, e lhes responde a feu alvedrio, e sem sujeição a alhea vontade. Finalmente, todos os negocios de maior ponderação

ção do civil, e criminal, elle os termina, e resolve, segundo lhe praz. Vai ao Divan quatro vezes na semana, aonde se ajunta com os outros Ministros, sem ser obrigado a tomar, nem a seguir o parecer delles. E para o dizer em huma palavra, a sua authoridade he absoluta, e bem se póde affirmar que mais he elle o Imperador, que o mesmo Grão-Senhor; de forte, que se o Grão-Vizir não estivesse sempre a perigo de se lhe cortar a cabeça, seria certamente mais feliz, que seu legitimo Soberano.

Quando o Grão-Senhor não vai pessoalmente á guerra, vai ordinariamente o Grão-Vizir commandar com poder absoluto. Se a guerra he para a parte da Persia, o Sultão cede todo o seu direito das Provincias da Asia a favor do *Vizir-Azem*, que por esta causa goza do poder de conferir nellas todos os cargos, e de nomear os Governadores: o mesmo se pratica, quando os Turcos fazem a guerra para a parte da Europa; o que obriga multidão de gente a ir servir

nos exercitos, com esperança de alcançar alguns daquelles cargos, ou daquelles governos.

O Grão-Vizir, he o primeiro da Milicia, e quer preceder aos Cadys, ou Jurisconsultos do Imperio, e aos Ministros da Religião: elle nunca visita o Mufti, e este vai visitallo com frequencia; o que não obstante todos os Imperadores fazem melhor gualhadado, e venerão mais o Mufti, que o Vizir. Diremos de passagem, que tempo houve em que se suscitárão grandes pendencias ácerca de preferencia entre os Militares, e Magistratura; mas o Grão-Turco terminou esta contenda declarando, que dahi para diante o lugar mais honroso dos primeiros feria á mão esquerda, e dos segundos á mão direita, de sorte, que quando concorrem estes dous corpos, cada hum vai tomar o seu lugar competente mais honroso: mas todavia os homens de guerra são mais estimados, e mais bem avaliados entre os Turcos.

A unica cerimonia que se pratica quan-

quando se quer fazer hum primeiro Vizir, não consiste em mais, que em se lhe entregar em mão propria o selo do Grão-Senhor, no qual está gravado o nome do Imperador. Em virtude deste selo, que o Vizir traz sempre em seu seio, está revestido de todo o poder do Imperador em seus vastos dominios, e póde, sem observar nenhuma formalidade, desfazer todos os obstaculos, que se oppõe á liberdade de sua administração; mas tambem quando o Grão-Senhor o quer depôr, não faz mais que mandar-lhe pedir o seu selo, que o mesmo Soberano o dá a outro a quem quer elevar a esta dignidade. Qualquer Vizir, que descahio da graça de seu amo, se julga por muito feliz quando não se lhe pede senão o selo; porque muitas vezes se lhe manda que remetta juntamente a cabeça, ao que elle obedece pontualmente sem a menor resistencia. Como o cargo de Vizir-Azem he o mais consideravel do Imperio, he tambem o mais exposto á inveja dos Bachás que o pertendem:

são

são muitas as elevações, e quedas repentinas, que por maneira extravagante tem succedido, e succedem a todos os que chegam a ser revestidos de tão magestosa dignidade.

O primeiro, ou Grão-Vizir tem hum tratamento correspondente á grandeza do que elle representa: tem ordinariamente em seu Palacio mais de dous mil Officiaes, ou domesticos. Quando apparece em acto público, leva diante de si tres caudas de cavallo penduradas, ou prezas a hum bordão alto com castão de ouro. Os tres principaes Bachás do Imperio, que são o de Babylonia, o do Cairo, e o de Buda, tem todos permissão de se servirem desta insignia de distincção, e de honra, nos lugares sómente de sua jurisdicção: a nenhum dos outros he concedida, e apenas podem usar de huma cauda.

O Grão-Vizir representa o Sultão, e he o Doutor, e interprete das leis, e todos podem avocar suas causas para o seu Tribunal, cuja decisão termina todo o pleito; mas por maior  
que

que seja a sua authoridade, não se estende a poder mandar cortar a cabeça a hum Bachá, de quem elle he considerado como irmão primogenito. Para isto tem necessidade da assignatura do Sultão, e cumpre que a tenha immediatamente d'elle mesmo. Não tem direito tambem de castigar os Spahis, nem os Janizaros, nem ainda outro qualquer militar sem participação do seu Chefe: as tropas tem conservado este privilegio, que os livra de infinidade de oppressões, e de violencias. Em tudo o mais he inteiramente absoluto, e domina tanto no Grão-Senhor, que quando quer profcrever, ou perder qualquer Official, que seja do Imperio, tem sempre prompta a assignatura do Imperador. Não se apresenta requerimento, pede graça alguma, ou se faz petição ao Grão-Turco, que não passe primeiro pelas suas mãos. Mas todavia se elle faz alguma injustiça consideravel, a quelle, que a recebe, tem direito, e liberdade de appellar para o Grão-Senhor da maneira que dissemos quando fallámos do Serralho.

As

As rendas do Grão-Vizir, produzidas pelos emolumentos do seu cargo, não excedem annualmente a vinte mil cruzados; a immensa riqueza, que este emprego produz para quem o serve, procede dos muitos, e consideraveis presentes, que elle recebe de todos os que occupão as primeiras dignidades do Imperio. Todos os que tem empregos fóra, e longe da Corte, tem seus agentes em Constantinopla, que ganhão a vontade do Vizir a poder de dádivas, e de presentes, a favor dos seus parciaes. Além disto, em certos tempos do anno todos os Bachás, e Governadores de Provincia lhe mandão presentes de muitissimo valor. Ultimamente acceita sommas, consideraveis de toda a qualidade de pessoa que o quer subornar para obter o que pertende; de sorte, que até vende a mesma justiça, e faz venal toda a sua administração, de que se segue, que se este Ministro he avarento, como poucas vezes deixa de acontecer, o seu rendimento não se póde avaliar, e chega a igualar ao

do

do Grão-Senhor. Mas como o Príncipe não ignora todo este comportamento, tem muitos modos de lhe tirar grande parte dos seus thesouros. Ao principio lhe faz pagar grande quantia de dinheiro quando toma posse do seu cargo, o que obriga o novo Vizir a fazer dividas, que ao depois ha de pagar. Em segundo lugar, o Sultão, sobpretexto de amizade lhe faz frequentes visitas, donde nunca se retira sem que o seu Ministro lhe dê humildes signaes do seu rendimento, e vassallagem, offertando-lhe com boa acceitação dádivas dignas de hum tal Soberano. Muitas vezes tambem o Imperador lhe manda pedir cem mil cruzados, para remir certa precisão que elle diz que tem, e deste modo recolhe em si grande parte das rendas immensas do Grão-Vizir.

Não se lê na Historia dos Turcos, que este cargo começasse antes de Amurat III. Este Príncipe passando á Europa com *Lala-Schabim*, seu Governador, o fez Presidente do seu Conselho, e General do seu exercito, com

o qual conquistou Andrinopoli. Depois daquelle tempo os mais Imperadores tem conservado este cargo; e quando fallão familiarmente com o seu Vizir, ainda lhe chamão *Lala*, que quer dizer Governador, ou Protector.

A' excepção do Grão-Vizir, ainda ha outros, que se chamão Vizires do Banco, ou do Conselho, e que nenhuma authoridade tem no que pertence ao Governo: são ordinariamente pessoas graves que exercêrão algum emprego, e que são instruidos nas leis: tem assento no Divan com o Vizir-Azem, mas não tem voz deliberativa, e não podem dar parecer, nem voto, sem que o Grão-Vizir lho peça. O seu ordenado fahe do thesouro do Principe, e não excede a dous mil cruzados por anno. Como sua riqueza he pouca, tambem ha pouco quem suspire por este lugar, e por esta causa não estão sujeitos aos terribes effeitos da inveja, nem aos revezes da fortuna a que estão expostos os que estão elevados ás mais altas dignidades. Com tudo, quando  
ha

ha que deliberar sobre negocio de maior importancia, são chamados ao Conselho privado com o Mufti, e os Cadilesquieros, e então se lhes dá faculdade de fallarem, e de dizerem o seu parecer ácerca do que se trata.

## CAPITULO LX.

### *Dos Bachás.*

**E**Sta palavra significa Commandante, ou Chefe. He huma qualidade, e titulo honorifico, que ordinariamente se confere aos principaes Officiaes do estado, sem indicar emprego algum. Ainda que esta qualidade seja huma das mais brilhantes do Imperio, todavia o Sultão, quando lhe parece, trata os Bachás como se fossem vís escravos. Muitas vezes lhes manda pedir a cabeça, ou os manda degolar, a fim de ser seu universal herdeiro, ou de os reduzir a estado de não poderem emprehender cousa alguma contra o Imperio, ou contra sua pessoa. Se seus defeitos, ou culpas

pas , que commettêrão não são de pena de morte , ou os manda açoitar por escravos , ou lhes manda cortar por seus bobos os rabichos de seus cavallos , o que os Turcos recebem pela maior affronta que se lhes póde fazer.

Não he a virtude , nem o merecimento , nem a nobreza do sangue quem faz os Bachás ; he unicamente o favor do Sultão , que repentinamente póde fazer que o individuo mais abjecto do seu povo passe a gozar do maior gráo de nobreza do seu Imperio , e que os que estão condecorados nos principaes empregos vão para o número dos mais vis escravos. Esta politica Ottomana impede as fedições , e as rebelliões em todos os seus estados ; pois como nelles ha muitas Provincias ricas , poderosas , e distantes , cujos Governos o Grão-Senhor póde dar a quem lhe praz , seria para temer , que os que as possuem , sacudissem o jugo , a fim de se apossarem dellas , como senhores absolutos , para si , e para seus descendentes. A politica dos Turcos se applica a prevenir estes generos de desgra-

graças , que poderião , perturbando o Imperio , causar finalmente a sua ruina. Pareceo-lhe pois que entre elles toda a Nobreza devia ser anniquilada , e não soffrer que os maiores cargos , e as grandes riquezas passassem por successão nas familias dos particulares. Por esta causa os Bachás , que , como dissemos no artigo dos Ichoglanos , forão creados no Serralho , sem conhecerem seus pais , nem familia , achão-se sem amigos , e sem arrimo quando dahi sahem para os seus Governos , e por consequencia estão desarmados , e incapazes de emprehen-der cousa alguma em prejuizo do Grão-Senhor. Para supprimir aos particula- res os meios de amontoar riquezas , as quaes ensoberbecem os homens na Turquia , bem como nos mais esta- dos , o Imperador se intitula primo- genito de todas as casas abastadas , e poderosas ; e em virtude disto se apo- déra de todos os bens dos Bachás que morrem ; e se a este ficão filhos , e alguma porção lhes dá , he a seu arbitrio , e por especial graça , ficando del-

deste modo as grandes familias inteiramente arruinadas. Ainda se procede com mais severidade ácerca da familia dos mesmos Ottomanos: ha grande vigilancia, e cuidado em se estorvar que elles cheguem a ser elevados aos grandes cargos, para que não ajuntem riquezas que lhes possa excitar a ambição de aspirarem ao Sobe-rano poder, e de subirem ao throno. Motivo este, porque a lei fundamental dos Turcos prohibe que os filhos de qualquer Sultana, casada com hum Bachá, possam ser admittidos a qualquer emprego no Imperio. Pela morte de seu Pai, o Grão-Senhor tira do remanecente do defunto com que pagar as arras da viuva, que ordinariamente monta a cem mil cruzados, dá muito pouco aos filhos, e recolhe para si o mais como principal, e unico herdeiro.

O Sultão ainda tem outro meio para abater, e humilhar hum Bachá, e consiste em despozallo com huma de suas irmãs, ou parentes proximas; porque desde o instante, e mesmo an-

tes de casar com ella , elle se constitue hum seu escravo : he preciso que elle se entregue totalmente a ella , e que se prive da liberdade de ter muitas mulheres. Se antes do casamento a Sultana lhe manda pedir dinheiro , pedrarias , ou joias , está obrigado a satisfazella sem mostrar o menor descontentamento. Regula-se-lhe quaes devem ser as arras , que elle deve consignar a sua esposa , e sempre as arbitráo o mais vantajoso , que he possível para a Sultana. Parece-me que o leitor folgará de saber o que se pratica nesta especie de contratos ; eu o relato. Quando as arras estão reguladas em presença de Juiz competente , hum Eunucho negro encaminha , por fórma de agradecimento , o novo marido , até entrar na casa de sua mulher. Logo que a Sultana o percebe , tira o seu punhal , e com elle na mão lhe pergunta arrogantemente quem lhe deo a ousadia de entrar no seu domicilio : o Bachá lhe responde com mansidão , e humildade , apresentando-lhe a assignatura do Sultão , que approva o seu

seu conforcio. Então a Sultana se levanta, o trata com mais civilidade, e carinho, e ambos conversão familiarmente. O Eunucho pegando nas chinelas do Bachá as põe sobre a porta da camara para dar a conhecer que elle fôra bem recebido. Ainda bem esta cerimonia não está acabada, já o pobre Bachá principia outra. Faz-lhe huma profunda genuflexão, inclinando-se até ao chão, e recuando alguns passos, recita-lhe huma oração, em que lhe testemunha a grande estimação que faz do seu merecimento, e pessoa, e o quanto o satisfaz, e contenta a honra que recebe della se dignar de querer ser sua esposa. Segue-se a isto o ficar mudo, immovel, e sem acção, mãos cruzadas sobre o estomago, e na figura mais abatida, e humilhada que elle póde representar, até que a Sultana lhe mande imperiosamente que lhe traga agoa, ao que elle obedece pontualmente indo buscar huma taça, que anticipadamente, e para este effeito se põe na mesma casa, e lha oferece de joelhos; maneira esta, em

que fica , até que ella , tendo bebido ,  
 lha torne a entregar. Acabado este acto ,  
 trazem as servas da camara da Sulta-  
 na huma meza baixinha , em que vem  
 algumas iguarias , e o noivo convida ,  
 e insta com a Sultana , para que ao  
 menos prove do que alli se lhe apre-  
 tenta , ao que ella recusa obstinadamen-  
 te , até que se lhe entreguem as pren-  
 das , e presentes , que lhe leva o Ba-  
 chá , e que de antemão estão depofi-  
 rados na sala immediata. A' vista del-  
 les toda a sua altivez se abrandá , e  
 então cede aos rogos do seu novo es-  
 poio , põe-se á meza , come o que o  
 Bachá lhe offerece , e depois torna a  
 ir para o seu primeiro lugar. Então  
 todos os assistentes se retirão , e ficão  
 ambos sómente por espaço de huma  
 hora para poderem conversar com li-  
 berdade. Passado este tempo , os ami-  
 gos do marido o convidão ao som-  
 de instrumentos para ir festejar seu noi-  
 vado na antecamara , aonde passão gran-  
 de parte da noite em divertimentos.  
 Ao amanhecer , quando ainda a Sulta-  
 na está na cama , entra o miseravel  
 Ba-

Bachá muito devagarinho na camara aonde ella está deitada , e depois de se despir , levanta demansinho o cobertor pelos pés do leito aonde está de joelhos em toda esta acção , e pegando nos pés da Sultana os beja , e depois se introduz na cama , entrando por aquella mesma parte insensivelmente. Poucas horas depois , seus amigos o vem buscar para o levarem ao banho , e a Sultana lhe faz presente de toda a roupa , de que se ha de servir ao sahir desta celebrada ablucção. Continuão a viver em conforcio , mas em público a Sultana affecta sempre muita distincção entre ella , e o Bachá : o seu punhal anda effectivamente ao lado , o que mostra a sua superioridade , e pede a seu esposo tantas cousas , e tão repetidas vezes , que finalmente lhe esgota seus thesouros. Os Bachás fogem quanto podem destas alianças , e não as contrahem quasi nunca , sem serem obrigados pelo gosto , e mandamento do Principe ; porque além de que estas mulheres os tratão como escravos , podem

dem repudiallos , quando o Sultão lho permite , para desposarem outros , e muitas vezes lhes fazem cortar a cabeça. Ainda não he bastante mortificar , e empobrecer os Bachás , pois o Grão-Senhor , não poucas vezes , pesquisa efficazes meios de se desfazer de alguns , por desconfiança , e temor que tem de que a honra que obtiverão de estarem alliados á familia Real , haja de os ensoberbecer , e de lhes inspirar algum attentado contra sua vida , e pessoa. O expediente , de que mais se serve , he de os expôr na guerra ás acções arriscadas , e mórmente áquellas , em que quasi he impossivel não perecer.

## C A P I T U L O LXI.

### *Os Berglerbeys.*

**E** Ste he o nome que os Turcos dão aos Governadores de Provincia. Os Berglerbeys são superiores aos *Sangiacos* , aos *Beys-Agas* , e a outros Officiaes. O Grão-Senhor lhes permit-

mitte tres insignias , a que em Turquia se chama *Tug* : são tres bastões com castões de ouro de desmarcada grossura , em cada hum dos quaes está pegada , ou presa huma cauda de cavallo. Os que são condecorados com este final de distincção , e honra , tem o nome de *Bachás* de tres caudas , para differença dos *Bachás* que tem só duas , e dos *Sangiacos-Beys* , que tambem denominando-se *Bachás* , não tem senão huma. A unica cerimonia que se pratica quando qualquer *Berglerbey* toma posse do seu emprego , he levar adiante de si huma bandeira do Imperio , e ser acompanhado ao som da musica , pelo *Menalem* , que he hum Official destinado para esta função sómente. Os Governadores , ou *Berglerbeys* , a cujas ordens estão sogeitos muitos *Sangiacos* , são de duas sortes : os primeiros chamão-se *Hasile-Beglerbeys* ; estes tem huma renda emprazada nas cidades , villas , e lugares da sua jurisdicção. Os outros denominão-se *Saliane-Beglerbeys* , e cobrão seus estipendios dos dinheiros que se

recolhem nas Provincias dos seus Governos pelos Officiaes do Grão-Senhor, de forte, que se póde dizer que são pagos do thesouro do Principe. Os principaes Beglerbeys da Asia são os da Natolia, ou Anatolia, de Caramania, ou Cilicia, de Biarbekiro, ou Mesopotamia, de Damasco, de Sivas cidade da Armenia, os de Erzrum, de Tehildir, e de Karso nas fronteiras da Georgia, de Van, cidade da Media, de Scheheresul na Assiria, de Alepo, de Marasco junto ao rio Eufrates, de Chypre, de Tripoli na Syria, de Trebizonda nas margens do Mar Negro, e de Kiká. Os principaes Beglerbeys da Europa, são os de Romania, do Capitão-Bachá, de Buda em Hungria, de Temisvaro no mesmo Reino, de Bosna em Misnia. Os da Africa são o Grão-Cairo, Begadata, ou Babylonia, Habelch, Bofra, Labfa, Argel, Tunes, e Tripoli em Barberia.

Os Beglerbeys são obrigados em tempo de guerra a dar hum homent ao Grão-Senhor, por cada sinco mil af-

aspres que tem de renda annual : elles porém não se descuidão de quererem agradar ao seu Soberano ; e ou seja por esta causa , ou por ostentação , sempre excedem muito o número , que devem dar , e ha tal , que lhe dá effectivamente seis , sete , e até oito mil homens. De todos os Beglerbeys , cinco tomão a qualidade do Vizir , ou de Conselheiros de estado : estes são os de Anatolia , de Babylonia , do Grão-Cairo , da Romania , e de Buda : são tambem os mais poderosos , e os mais consideraveis do Imperio Ottomano. Todos os mais seguem a ordem de antiguidade da conquista , e da posse dos lugares , de que são Governadores. Quando os Governadores das Provincias acabão o tempo de sua commissão , retirão-se outra vez para Constantinopla , aonde fallão ao Grão-Senhor huma unica vez para lhe dar conta da sua administração. Depois , conforme a sua reputação , e protecções , obtem outros Governos , ou algum cargo na Corte. Se a sua conservação não tem bom effeito nos primeiros

meiros lugares, fatisfazem-se com outra inferior commissão, ao que elles chamão *Arpanlico*, para esperarem melhor fortuna; de sorte que os Turcos não se envergonhão de acceitarem cargos de classe, e graduação menor que a de que sahirão.

Affaz difficultoso nos seria relatar aqui todos os meios, de que os Governadores se servem para, em pouco tempo, viverem na opulencia. Aproveitão-se de todos os bens confiscados por crime de desobediencia, ou rebelião, e outro si da venda dos cargos, e dignidades da sua Jerarquia Ecclesiastica que se achão vagos, ou supprimidos. Se alguém he accusado, ainda que falsamente, de qualquer crime, elles se apodérão de todos os bens do criminoso. De mais, os seus escravos são outros tantos piratas, que por seu mandado não cessão de roubar, e fazer ceremonias aos da sua Nação, e aos Estrangeiros; e para encobrir sua violencia, e tyrannia mandão matar injustamente os desgraçados a quem condemnão como se realmente fossem culpados.

## CAPITULO LXII.

*Dos Beys.*

**A** Ssim se chamão os Governadores das Provincias maritimas, os quaes tem obrigação de apromptarem de suas rendas as Galeras que lhes são destinadas. O Grão-Senhor não lhes dá senão a embarcação com a artilleria, vélas, cordas, e polvora. Os Beys devem armallas de escravos, a quem hão de vestir, e sustentar; estão obrigados a pagar aos marinheiros, e a sustentar, e pagar em cada huma a guarnição de cem soldados, que elles denominão *Leventifos*. Os Beys nunca se expõe de boa vontade ao combate: outro fim o evitão, quanto podem, por não se arriscarem a perder a sua Galera; porque seus escravos, sendo sua principal riqueza, ficarião de todo arruinados, se os perdessem. Quando não estão em estado de as apromptar, tira-se-lhes o Governo. Em cada Governo ha tres Officiaes prin-

principaes afóra do Beglerbey , e são o *Musti* , o *Reis-Effandy* , e o *Tefterdar* : o seu exercicio , e funções nas Provincias são em resumo as mesmas , que as de todos os que estão revestidos destes mesmos cargos em Constantinopla. Eu já fallei do *Musti* , agora relatarei o que necessario he para fazer conhecer os outros dous.

### C A P I T U L O LXIII.

#### *Reis-Effandy.*

**E** Ste Official he adjunto ao Grão-Vizir para expedir as ordens , Cartas-Patentes , e commiſsões , que todos os dias se envião para diversas partes do Imperio ; porque para cada resolução , ou negocio he necessario huma ordem particular do Vizir : as mesmas Curias em que se administra a justiça ordinaria , não estão exemptas dellas , e são moderadas pelas ordens que a Corte lhes remette. Esta multidão de negocios obriga o *Reis-Effandy* a empregar immensidade de Escripturarios ,

e

e lhe da meios faceis de se enriquecer prodigiosamente. Este cargo corresponde ao de Chancellér.

## CAPITULO LXIV.

### *O Testerdar.*

**E**Ste he o nome do Thesoureiro Geral das rendas do Grão-Senhor, e que paga aos soldados, e que dá dinheiro para todas as despezas públicas. O thesouro, cuja chave elle tem, está no pateo do Serralho aonde se congrega o Divan. Todos os Thesoureiros das Provincias envião para o Serralho cada tres mezes todas as sobras, que se guardão no thesouro, de que o Grão-Vizir tem huma chave, e que além disto está sempre sellado com o fello do Imperador. Este thesouro não se abre senão em dias de Divan. O *Chiaús-Basfi* vai primeiro á porta do thesouro tirar o fello, e o leva ao Vizir para ver se está inteiro, e então, por sua ordem, o Thesoureiro tem huma certa

ta

ta propina, e registro de tudo o que se recebe, e de tudo o que se dispõe. O seu cargo he differente do de outro Thesoureiro do Serralho, que tem cuidado sómente das despesas da Porta, e de receber as utilidades casuaes, e os presentes que se fazem ao Imperador, que são de tal qualidade, e em tal abundancia, que nenhum Sultão deixa de ajuntar, e fazer com elles hum consideravel thesouro particular, o qual se guarda depois de sua morte em huma casa separada, com esta inscripção feita com letras de ouro sobre a porta: *Aqui está o thesouro do Sultão F.* Aquelle, a quem se confia a guarda desta porta, e casa, chama-se *Hafnadar-Bachi*, ou Thesoureiro do Serralho: este governa os Pagens destinados para guardar toda aquella riqueza, a qual he reverenciada, e considerada pelos Turcos como cousa sagrada, e que não deve ser empregada senão em ultima extremidade.

## CAPITULO LXV.

*De outros respeitaveis cargos do Imperio.*

O *Bostangi-Bachi* he o Grão-Jardineiro , que tem a superintendencia dos jardins , ou hortejos do Serralho. He o que governa , não sómente nos jardins de Constantinopla , mas em todos os mais dos outros Serralhos. He hum dos principaes Officiaes da Porta ; porque afóra do seu cargo fer de grande renda , anda muito chegado á pessoa do Principe. He quem vai ao leme da embarcação , em que o Grão-Senhor vai passear ao mar , e então conversa com elle familiarmente. Não sahe ordinariamente deste emprego senão para Aga dos Janizaros , para Capitão-Bachá , ou Grão-Vizir. O *Bostangi-Bachi* he o Presidente do Serralho ; elle he quem desterra , ou manda matar os criminosos. Está tambem encarregado da guarda , e policia do porto de Constantinopla , do canal , que  
vai

vai desta Capital ao Mar-Negro , e das praias deste canal. Além da guarda de todas as casas de campo do Sultão , tem particular inspecção , e direito consideravel fobre todos os vinhos , que entrão em Constantinopla por terra , ou por mar , para ufo dos Christãos , e dos Judeos. O seu cargo o obriga igualmente a servir de escabello ao Sultão no dia da sua aclamação , quando monta a cavallo para ir a *Youpa* , lugar que está na foz do Porto de Constantinopla , aonde está a Mesquita de Youpa , donde traz a sua origem do nome , e na qual se guarda com cuidado o alfanje do Sultão *Osman* , fundador da Dinaftia dos Ottomanos.

O Bostangi-Bachi he o unico que tem liberdade para se assentar na presença do Grão-Senhor , a fim de poder governar o leme da embarcação ; e só nesta occasião toma assento , levando adiante de si o seu Soberano , com quem a maior parte das vezes converfa fobre muitos acontecimentos , particularidades , e negocios do

es-

estado, das desavenças dos Officiaes da coroa, da sua fidelidade, dos designios dos Bachás &c., de forte que ao recolher do passeio alguns destes experimentão muitas vezes funestos accidentes em consequencia dos effeitos das impressões que o Bostangi-Bachi excitou no animo do Sultão. Os Ichoglanos, e os Eunuchos estão em pé ao redor do Imperador, ou perto d'elle na mesma embarcação. Grande número de Azamoglanos vão puxando ao remo com tal força, e destreza, que parece que voão sobre as agoas. Os Azamoglanos vão uniformemente vestidos de côr escarlata. Outras quatro embarcações precedem a do Grão-Senhor, para avisar todas as mais que navegação naquelle mar, de que vem o Sultão, a fim de se retirarem, ou de pairarem para não haver o menor estorvo na sua passagem. Ordinariamente ha sete, ou oitocentos jardineiros, que trabalham no Serralho debaixo das ordens do Bostangi-Bachi. Entre elles ha hum certo número de Officiaes principaes chamados *Hostalar*

Z fos,

*fos*, que lhe dão conta todas as quintas feiras da venda que fizerão dos jardins; por quanto tudo o que alli vegeta vai a vender para utilidade do Sultão; e o dinheiro que rende, he empregado em mantimento, e serve para as despezas pessoas, e da oxaria do Principe, o qual não vive se não desta renda; porque os Imperadores Ottomanos não empregão levemente, e sem muito escrupulo os tributos, e contribuições do povo em cousa, que não seja, ou concorra para conservação do estado; e eis-aqui porque antigamente muitos daquelles Imperadores aprendião sempre algum officio, ou arte, e trabalhavão para ganhar sua vida. Ainda hoje se conserva alguma ferramenta no Serralho de Andrinopoli, da que Amurat se servia para fazer frechas, as quaes elle mandava aos seus principaes Officiaes, e vivia dos presentes que delles recebia; mas presentemente qualquer Sultão vive em tempo de paz das rendas de seus hortejos, que todavia montão a mais de sessenta mil cruzados. Em tempo

po de guerra como o Imperador trabalha para conservação do seu povo, todo o seu gasto sahe daquelle dinheiro, e manda guardar o rendimento de seus jardins, até que outra vez voltem da campanha para o Serralho.

O *Coza* he o Pedagogo, ou mestre dos filhos do Grão Senhor. Estes Principes tendo ficado até á idade de cinco annos em companhia das amas, que os creárão, tem depois mestres até contarem doze, ou treze annos, e continuando a viver até esta idade em companhia de suas mãis. O *Coza* entra todos os dias no Serralho das mulheres, aonde he conduzido por Eunuchos negros, sem com effeito ver alguma dellas. Dá lições aos Principes em presença de duas velhas regentes, e depois os mesmos Eunuchos o tornão a acompanhar até á porta: assim continuão, até que os Principes cheguem á idade da circumcisão; isto he, até fazerem treze annos: depois os envião para algum Governo da Ásia. Os Turcos denominão *Chaz-Adbe* ao primogenito do Sultão, que lhe deve

ve succeder quando o Grão-Senhor o põe fóra do Serralho, e o faz *Sangicabey* de Mangresia, como he costume sem ter attenção á sua qualidade, elle he obrigado a obedecer ao Beglerbey, que reside em Bursa, Cidade de Natolia. Como os Principes Ottomanos são ordinariamente muito desconfiados, e ciosos de seus proprios filhos, costuma o primogenito mandar cortar varias vezes os seus cabellos, e remettellos ao Grão-Senhor, para lhe mostrar que ainda está na infancia, e muito longe do estado, e capacidade de governar. Isto com tudo não o estorva de ter mulheres logo que sahe do Serralho. Commummente não sahe desta casa senão o Chaz-Adhe: os outros Principes continuão a ficar nella, aonde são guardados com todo o desvelo, e cuidado; de forte, que não conversão senão com seus mestres: são outras tantas victimas que se nutrem para segurança do Imperio. As femeas são itentas desta violencia, são creadas, e educadas por suas proprias mãis, e nunca sahem do Serralho das

mu-

mulheres senão para casarem. O Grão-Senhor nunca dá suas filhas, ou irmãs para confortes de Principes estrangeiros, porque a todos considera como infieis, ou hereges. Elle mesmo não quer casar por evitar as grandes despezas a que o expõe seu conforcio, porque só as arras montão a quinhentos mil cruzados de renda annual. Além de que o casamento he para elle huma especie de sujeição, pois ainda que a lei permite aos Turcos o uso de suas escravas como de suas proprias mulheres, o decóro, e decencia os obriga a fazerem mais caso destas, e a cohibirem-se de alguma sorte por amor dellas. Demais, he obrigado por lei a dormir com a primeira de suas mulheres a noite da quinta para a sexta feira de cada semana.

O *Caimação* he hum Official que o Grão-Senhor nomeia, quando o Grão-Vizir está obrigado a sair de Constantinopla em acção de serviço do Sultão, para inteiramente governar como Vizir, cuja authoridade lhe recae. Quando o Grão-Senhor se vê obriga-

do

do a sair de Constantinopla , nomeia dous Caimacãos , hum para ficar na Capital , e outro para ir junto á Pessoa.

O *Embrabor-Bachi* he o Estribeiro-Mór , que governa as cavalherices do Imperador. Este cargo he menos honroso na Turquia que entre nós ; mas não obstante tem muitos Officiaes debaixo das suas ordens , entre os quaes se conta o *Arpamino* : este ultimo tem a seu cargo o cuidar das provisões necessarias para os cavalloos.

O *Astalaraga* he hum dos quatro Eunuchos brancos , que estão nas casas do Serralho , aonde o Grão-Senhor está com os Ichoglanos. A sua obrigação he cuidar dos doentes , e governa todos os Officiaes que estão destinados para tratar delles. Anda com o seu turbante , e passeia no Serralho a toda a hora que quer , á maneira dos outros principaes Eunuchos brancos. Estes visitão muitas vezes todas as casas do Serralho , e os quartos do soberbo Palacio , para examinarem se tudo está em bom estado , e em boa ordem. Elles vigião sobre todos os

Of-

Officiaes do Serralho, e tem cuidado de que nelle não falte couza alguma das provisões necessarias para cada dia. Os outros tres Eunuchos que occupão a mesma dignidade, são: O *Capi-Aga*, o *Chasnadar-Bachi*, e o *Serai-Agassi*.

O *Chasnadar-Bachi*, ou *Hasnadar-Bachi* he hum Eunucho do Serralho que cuida do thesouro occulto dos Imperadores. Succede ordinariamente ao *Capi-Aga* quando este morre.

O *Checaya* he hum dos quatro principaes Officiaes que governão na cozinha e meza do Grão-Senhor. O seu cargo corresponde ao de Mórdomo da Casa Real. Os outros tres, que, com pouca differença, exercem as mesmas funções, são: O *Argi-Bassi*, o *Mimut-Pagi*, e o *Cheche-Nigir-Bachi*. Estes Officiaes tem outros seus subalternos, que se denominão *Cheche-Nigir-Lerfis*, os quaes acompanhão os seus chefes desde a cozinha até ao quarto, ou casa de jantar de S. Alteza, a cujas portas os Ichoglanos recebem os pratos, e os vão pôr na meza.

O *Kutezelir-Agassi*, de que alguma cousa disse quando fallei dos Eunuchos, he hum Eunucho negro velho, e capataz de todos os da sua côr, e superior do Serralho das mulheres. He o guarda chaves de todas as portas, falla quando quer ao Imperador, e he hum dos seus maiores validos: he como o depositario dos amores do Principe. Os outros Eunuchos que lhe estão sujeitos, são muitas vezes mandados ao Serralho do Grão-Senhor com cartas do Capi-Aga em que vão algumas recommendações, e particularidades das Sultanas.

O *Dinsbo-Glerbo* he o General das Galeras, que commanda os Beys, e mais Officiaes da Marinha. Quando está em Constantinopla, o Bey de Rhodes governa em seu lugar, por ser o chefe da primeira Esquadra, e ao qual se seguem os de Chio, de Chypre, da Moréa, do Egypto, e do Archipelago.

O *Dogangi-Bachi* he o mestre Falcoeiro do Sultão. Este Official he de muita consideração, e respeito na Corte,

te , e casa do Principe ; mas como não tem entrada no Gabinete do Imperador , he casualidade quando he elevado a maior fortuna.

O *Arpaemino* , como dissemos , he o administrador provisionario das cavalherices do Serralho. Destribue cada dia a palha , feno , cevada , ou aveia que se dá de reção a cada cavallo. Os Turcos tem hum modo de ferrar os seus cavallos , que lhes he particular : batem as ferraduras em ferro frio , e trabalhão nellas com tanta arte , que quatro das suas não pezão huma das nossas. Conta-se quasi mil , ou mil e duzentos cavallos no Serralho para o serviço de todos os Officiaes. Cada tres cavallos tem hum moço que trata delles , e os almofaça : poucos são os paizes , aonde se trate , e almoface melhor os cavallos que em Turquia.

O *Du-Kigi-Bachi* he o Official maior , ou Presidente do Arcenal na fundição das bocas de fogo de Artilleria. Tem outros muitos Officiaes que lhe estão subordinados.

O *Kapister-Kabiasi* he o Grão-Mes-

Mestre das ceremonias da Porta. Acompanha o Grão-Senhor quando vai ao exercito, ou quando faz alguma jornada, a fim de dispor do que diz respeito á recepção de todos os que são enviados a S. Alteza Imperial.

O *Lecchem-Bassi* he o primeiro Medico da camara do Grão-Senhor. Este Principe tem ordinariamente em seu serviço os dez, ou doze Medicos mais bem reputados do Oriente. Elles tem grandes ordenados, e muitas dádivas, e presentes. Quando o Imperador tem alguns visos de molestia, ou está doente, todos os Medicos vão assistir dentro no Serralho, donde não sahem senão depois da morte do Sultão, ou do seu total restabelecimento: ainda quando elle está em perfeita saude, sempre tres Medicos estão obrigados a irem todas as manhãs ao Serralho, e conservarem-se ahi na Botica até o meio dia, a fim de estarem promptos em caso de necessidade. Os Boticarios tem sua residencia no Serralho, e são em grandissimo número, são outros tantos quimicos. Na Botica,

ca, ou laboratorio ha dezoito, ou vinte Mestres que trabalham, e duzentos, ou trezentos mancebos que os servem, e que huma vez cada anno vão com hum Mestre arrancar ervas, e plantas medicinaes. A Botica tem de comprimento mais de quarenta braças, e de largura mais de vinte e cinco; está armada, e revestida de muito grandes vasos aonde estão os oleos, os unguentos, os charopes, as agoas, e mais licores para uso do Grão-Senhor. Os Cirurgiões, e os Barbeiros do Principe estão moradores no Serralho, donde não sahem senão no dia do Bayrão.

O *Selikhtar* he o Grão-Marechal do Imperio. Não sahe do seu emprego senão para ser Bachá, e algumas vezes Grão-Vizir. Então neste ultimo caso he obrigado a estar occulto dous, ou tres mezes, até que tenha barbas crescidas, pois em quanto he Selikhar não lhe he permittido deixar crescer a barba, do mesmo modo que sem ella não póde ser Vizir.

O *Topechi-Bachi* he o Grão-Mestre

tre de Artilheria. Comman da hum númeroſo corpo de tropas destinadas para o ſerviço das peças , e bocas de fogo. Em virtude do ſeu cargo he Governador do diſtriçto da fundição , chamado *Topobana* , aonde as ſuas tropas tem córpos de guarda , e nelles fazem o ſerviço diariamente.

O *Muſay* he huma qualidade entre os Turcos que elles eſtimão em mais que todas as que ha no Imperio ; porque lhes dá liberdade de fallar ao Sultão em particular todas as vezes que ſe julga ſer conveniente. O Principe favorece ordinariamente com eſta dignidade aquelle dos *Agalarizos* , que elle mais eſtima , e obra aſſim por duas razões : primeiramente por conferir maior reſpeito , e eſtimação aos ſeus valídos , em ſegundo lugar para ter eſpias entre os grandes da ſua Corte , que revelem o que fazem os Bachás , e os outros Officiaes maiores : por eſte meio he em diverſas occaſões avifado das maquinações , e ciladas que ſe armão contra ſeus eſtados , ou contra ſua peſſoa.

O *Humogi-Bachi* he o Inspector dos banhos do Imperador. Este Official he muito respeitado no Serralho; mas como tem sua assistencia á parte, e não entra na camara do Principe, quasi nunca passa a maior gráo de honra, nem de emprego.

O *Nicangi-Bassi*, ou *Netangi-Bachi*, faz as mesmas funções em Palacio, que entre nós hum Secretario de Estado. He quem põe o fello nas ordens, e despachos do Gráo-Senhor; mas não tem esta authoridade sem primeiro haver recebido ordem do Gráo-Vizir. Os outros Vizires podem, em certos casos, tambem pôr o fello; o que diminue consideravelmente o cargo de *Nicangi-Bassi*. O seu rendimento, ou ordenado está emprazado em hum Timar *Nichan*, ou *Nifsão*, he o fello do Imperador. São estas as primeiras letras Arabigas entrelaçadas com que se sellão as cartas do Principe, e as expedições do Divan.

O *Sarai-Agassi* he o superior dos que levão á mão os cavallos do Gráo-Senhor, quando elle sahe de Constan-

tinopla , ou seja para ir á guerra , ou para a caça , e recreio.

Os mais Officiaes , que andão juntos á pessoa do Principe , são quasi tirados dos Agalarizos , ou Ichoglanos , que são os Pagens , e favorecidos de S. Alteza Imperial. Eis-aqui os nomes , e exercicio , ou obrigações de cada hum. O *Chiodar-Aga* he o que leva o manto Imperial ao Sultão , e o acompanha effectivamente ; excepto , quando elle vai ao Serralho das mulheres. O *Chilargi-Bassi* he o Mestre da Copa , ou Grão-Copeiro : he obrigado a apromptar a bebida do Imperador , e demais he encarregado de toda a despesa do Serralho. O *Chiamaci-Aga* he o capataz dos lavadeiros : a sua obrigação he de ter em bom estado tudo o que serve para a limpeza , e aceio do Grão-Senhor. O *Ischioptar* he quem lhe leva o forvete. O *Metaragi-Aga* he o que vai adiante do Grão-Turco em acção de marcha , levando hum vaso cheio de agoa para seu Senhor se purificar , se no caminho quizer fazer oração

ção. O *Rekiptar* he o que pega no estribo quando S. Alteza monta a cavallo. O *Sarrigi-Bachi* tem conta, e cuidado das facas, de que se serve o Sultão, para que se conservem amoladas, limpas, e em bom estado. O *Teskelegi-Bachi* distribue as expedições do Principe. O *Tulbentar-Aga* leva-lhe o turbante; e o *Turmachi-Bassi* apara-lhe as unhas.

CAPITULO LXVI.

*De alguns usos praticados na Corte Ottomana.*

**O**S Turcos tem grande vigilancia em evitarem huma cousa que poderia vir a ser muitissimo prejudicial á paz, e tranquillidade do Imperio; he o ciume, e inveja reciproca dos filhos do Sultão. São educados em diferentes Serralhos, e não lhes he permitido ir a Constantinopla, em quanto seu pai vive, pelo receio que ha de que encontrando-se na Corte, ou em Palacio houvesse de se armar hum contra

tra outro por estimulo de inveja , ou tambem aspirassem a reinar antes de tempo. Por esta razão he que o Grão-Senhor , logo que sóbe ao trono , manda algumas vezes matar todos os seus irmãos : o mais usual he todavia re-tellos clausurados em lugar seguro. Alguns viajantes tem publicado que os Principes estão em prizões aonde não entra a luz do dia senão pelo tecto ; mas isto he descarada mentira. Seme-lhantes prizões verdade he que existem , porém não para os Principes , a não ser em caso de sublevação. Ordinariamente he sua assistencia em hum pequeno Serralho de diminuto número de casas , e hum jardim aonde póde passear a pé , e a cavallo : he servido por Eunuchos , e tem certo número de mulheres para seus torpes prazeres ; mas ha cuidado de as fazer estereis antes de as entregar ao Principe ; e se alguma dellas ainda assim chega a estar gravida , usa-se de algum remedio para abortar.

Osmano III. esteve clausurado deste modo até á idade de sincoenta e oito

annos em que foi acclamado Imperador, por fallecimento de seu irmão o Sultão Mahmet, ou Mahomet V. a quem os Janizaros tinham posto sobre o throno em 1730, em lugar de Ahmet III. seu tio, que tinha sido acclamado em 1703, depois da deposição de Mustafá II. pai de Mahomet V., e de Osmão III. Este era o mais idoso de todos os Principes de sangue dos Ottomanos, e por direito devia succeder ao Imperador seu irmão. Verdade he que esta ordem nem sempre se observa, pois he alterada pela vontade dos Janizaros, que chegando quasi a quarenta mil os que estão em Constantinopla, dispõem do throno, como lhes parece, e elevão a elle quem querem, com tanto que seja da familia dos Ottomanos a quem são muito afeiçãoados. A opinião mais recebida, he que se esta casa viesse a faltar, a do Cão dos Tartaros lhe devia succeder.

Chegando á noticia de Osmão que a maior parte dos Musulmanos tinham a prohibição de beber vinho, como

fendo feita para regulação da gentilha, estabeleceo rigorosissimos castigos para todos aquelles, que, sem respeito ao Alcorão, usassem deste licor. Em anno e meio depoz quatro Grãos-Vizires: o ultimo destes foi morto, e o seu corpo exposto á vista do povo para exemplo, com esta inscripção: *Eis aqui o corpo do perverso Niscangio, que trahio a confidencia do Sultão seu Senhor, e que mereceo a indignação de S. Alteza pelas maldades que commetteo. Aproveite-se cada hum deste exemplo.* Depois da morte deste Vizir, achárão-se em seus cofres tres milhões de cruzados, não tendo exercitado aquelle cargo mais de dous mezes: isto bem conforma o que dissemos do poder, authoridade, e riqueza de quem exerce este emprego.

## CAPITULO LXVII.

*Da maneira de receber os Embaixadores na Turquia.*

**A** Prerogativa, e ministerio de Embaixador he huma cousa sagrada, e inviolavel na Turquia: o Alcorão obriga a tratar civilmente todos os que são revestidos de semelhante dignidade, e a protegellos contra todas as violencias que se lhe queirão fazer. De todos os Embaixadores da Europa, nenhum he mais bem recebido, nem mais estimado dos Turcos, que o do Imperador de Alemanha, porque seus estados se confinão, e tem mais occasião de conflicto de forças com este Monarca, que com os outros Principes Christãos. Logo que o Embaixador piza terras do Grão-Senhor, este o sustenta, e todas as mais despezas são feitas á custa do Principe Ottomano, até que se retire da sua Corte: o seu tratamento he proporcionado á importancia da ne-

gociação de que vai encarregado. Como sempre foi costume dos Principes do Oriente mandarem presentes em final de amizade, o Imperador se tem conformado a este uso quando tem mandado Embaixadores á Porta, e o Grão-Senhor lhe envia tambem outro Embaixador com presentes de igual valor. Não usa assim com os Embaixadores, ou Residentes dos outros Soberanos da Europa, que lhe não são enviados principalmente senão para o Commercio. O Sultão recebe os seus presentes, a que elle chama *tributos*, querendo que os tratados que faz com elles, sejam Privilegios que concede a seus vassallos.

As ceremonias praticadas na Corte, quando se dá audiencia ao Embaixador, são, como em outros Reinos, com muita pompa, e magnificencia. Depois do Embaixador se visitar com o Grão-Vizir, elege-se para dia de audiencia aquelle em que se ha de fazer pagamento aos Janizaros; o que regularmente se faz cada tres mezes, a fim d'elle poder ver de hum golpe de

de vista a ordem , e a disciplina da gente de guerra , o dinheiro , e o foldo que se lhes paga. Este dinheiro he levado para o Divan , e está posto em montes no lugar aonde o Sultão ha de ir , e aonde se allenta em huma cadeira de veludo ao pé do Grão-Vizir , e dos mais Vizires que estão em Constantinopla. Logo que este dinheiro se distribue aos Chefes de cada quartel para pagamento dos soldados , se prepará hum magnifico jantar para o Embaixador. Põe-se este á meza com o Vizir , e com o Grão-Thefoureiro. A meza he hum pouco mais baixa que as de que nos servimos ordinariamente , e está toda coberta com huma grande bacia de prata , em que estão postos ordenadamente os pratos sem toalha nem facas. Ha na mesma sala outras duas mezas para os principaes Officiaes da comitiva do Embaixador , e para mais algumas pessoas de respeito , e consideração entre os Turcos. Estas duas mezas são servidas , pondo , e tirando pratos ; todos estes pratos são da mais fina porcelana da China. Acabado o jantar ,

tar, o *Chiau-Bachi* encaminha o Embaixador, e a sua comitiva para huma sala particular, e ahi lhes dá algumas vestes de seda como final da beneficencia do Sultão. Depois de se vestirem, e adornarem com aquellas vestes, são conduzidos por dous Officiaes do *Capigi-Bachi* ao Superior dos Porteiros do Serralho, o qual está proximo ás salas em que o Grão-Senhôr ha de receber a Embaixada. Os presentes que o Embaixador leva para o Sultão, vão em seu seguimento levados pelos Officiaes a quem compete recebellos. Os pateos por onde passam, estão repletos de Janizaros, que guardão tal silencio, e decóro, que nem pestanejão. Chegão a hum vestibulo guarnecido por todas as partes de Eunuchos brancos vestidos de tecido de ouro, e de seda. Aqui fica quasi todo o acompanhamento do Embaixador, e só elle, e poucos da sua comitiva entrão. A porta da sala da Audiencia não tem mais guardas, nem sentinellas que hum Eunucho branco. O Embaixador chega a ella, e pára hum pouco de tempo, e depois vai entrando  
com

com passos muito vagarosos , para assim mostrar ao Grão-Senhor , quão grandemente o respeita. O throno deste Principe está hum pouco levantado da terra , e sustentado por quatro pilares cobertos de chapas de ouro , e do forro do tecto , que he dourado ás mil maravilhas , estão pendentés muitas esferas do mesmo metal. O pavimento está coberto de riquissimos tapetes de veludo carmezim , com bordaduras de ouro , e recamados de perolas em diversas partes. A almofada em que o Principe está assentado , e as duas em que descansam os braços , são bordadas de ouro , e recamadas de pedras preciosas. O Grão-Vizir unicamente he que está na sala da Audiencia , posto em pé a par do Imperador da parte direita com a gravidade , e respeito que requer o seu emprego , e com que elle se porta em presença do seu dispotico Soberano. Os dous Officiaes do Capigi-Bachi amparão o Embaixador por baixo dos braços , e quando elle tem andado até huma certa distancia , põe-lhe a mão no pescoço , e fazem-lhe abaixar a cabeça até

até não mais, outra vez lha levantão, e depois o fazem recuar até ao fim da fala. O Embaixador sempre em pé em quanto dura a Audiencia, falla com o Grão-Senhor por meio de hum interprete, e deste modo propõe a negociação a que vai, o que tem que lhe dizer da parte do seu Monarca. Tudo o que elle propõe, e diz he lançado por escripto, e depois se lê em voz alta, e he entregue ao Grão-Vizir, o qual lhe ha de responder, e terminar com elle os negocios de estado que fórmão o objecto da sua Embaixada. Os Turcos não fazem differença de hum Embaixador a hum Residente, a hum Agente, ou a hum Enviado; a todos igualmente chamão *Elchi*.

Outros usos menos commemoraveis poderia aqui relatar, mas serião de nenhum gosto, e de pouca instrucção para o leitor, e por tanto não me ferá criminoso, antes talvez louvavel o não fazer menção delles.

F I M.

IN-

# INDEX

## DOS CAPITULOS.

CAPITULO I. <i>Da Vida, e Con-</i> <i>quistas de Mafoma,</i> . . . . .	Pag. 1.
CAP. II. <i>Da Religião dos Tur-</i> <i>cos,</i> . . . . .	105.
CAP. III. <i>Do Mufti,</i> . . . . .	116.
CAP. IV. <i>Da Circumcisão,</i> . . . . .	120.
CAP. V. <i>Das Abluções, ou Purifi-</i> <i>catorios,</i> . . . . .	121.
CAP. VI. <i>Das Orações dos Musul-</i> <i>manos,</i> . . . . .	129.
CAP. VII. <i>Da Predestinação,</i>	134.
CAP. VIII. <i>Das Festividades dos</i> <i>Turcos,</i> . . . . .	135.
CAP. IX. <i>Do Ramazão, ou Rama-</i> <i>dão,</i> . . . . .	137.
CAP. X. <i>Do Ze-Kiate,</i> . . . . .	141.
CAP. XI. <i>Do Matrimonio,</i> . . . . .	142.
CAP. XII. <i>Do Vinbo,</i> . . . . .	148.
CAP. XIII. <i>Da Carne de Porco,</i>	150.
CAP. XIV. <i>Das Mesquitas,</i> . . . . .	151.
CAP. XV. <i>Dos Emiros,</i> . . . . .	158.
CAP. XVI. <i>Dos Emauns,</i> . . . . .	161.
CAP. XVII. <i>Dos Religiosos Tur-</i> <i>cos,</i> . . . . .	164.
CAP.	

- CAP. XVIII. *Dos Cadriz , ou Cadritas , . . . . .* 170.
- CAP. XIX. *Dos Calenderos , . . . . .* 172.
- CAP. XX. *De outras pessoas empregadas no serviço da Religião ,* 173.
- CAP. XXI. *Das diferentes Seitas dos Mabometanos , . . . . .* 177.
- CAP. XXII. *Da Peregrinação da Méca , . . . . .* 180.
- CAP. XXIII. *Obrigações dos particulares , que fazem a Peregrinação da Méca , . . . . .* 183.
- CAP. XXIV. *De algumas particularidades da Religião de Mafoma na Turquia , . . . . .* 189.
- CAP. XXV. *Da Milicia terrestre dos Turcos , . . . . .* 192.
- CAP. XXVI. *Dos Zaims , e dos Timariotes , . . . . .* 193.
- CAP. XXVII. *Dos Spabis , . . . . .* 198.
- CAP. XXVIII. *Terceira especie de Cavalleria no serviço do Grão-Senhor , . . . . .* 203.
- CAP. XXIX. *Infanteria Turca ,* 207.
- CAP. XXX. *Dos Janizaros , . . . . .* *ibid.*
- CAP. XXXI. *Dos Chiaus , . . . . .* 221.
- CAP. XXXII. *Dos Topchifos ,* 222.
- CAP.

- CAP. XXXIII. *Dos Gebesis*, . . . 224.
- CAP. XXXIV. *Dos Delis, ou Delizos*, . . . 225.
- CAP. XXXV. *Dos Seghbans, e dos Sirigias*, . . . 226.
- CAP. XXXVI. *Dos Mulhagitas, e Beslitas*, . . . 227.
- CAP. XXXVII. *Da maneira de acamparem os Turcos*, . . . 228.
- CAP. XXXVIII. *Das forças maritimas do Imperio Ottomano*, 232.
- CAP. XXXIX. *Do Governo Civil*, . . . 237.
- CAP. XL. *Da Justiça do Divan em factos criminaes*, . . . ibid.
- CAP. XLI. *Do Grão-Vizir*, . . . 242.
- CAP. XLII. *De outros Juizes do crime*, . . . 244.
- CAP. XLIII. *Dos Juizes do civil*, . . . 247.
- CAP. XLIV. *Dos cargos, e dos diversos empregos da Judicatura*, . . . 252.
- CAP. XLV. *De algumas particularidades que pertencem á justiça*, . . . 258.
- CAP. XLVI. *Da Policia*, . . . 263.
- CAP.

- CAP. XLVII. *Das praças, ou feiras,* . . . . . 264.
- CAP. XLVIII. *Das Alfandegas,* 271.
- CAP. XLIX. *Da guarda para segurança da Cidade,* . . . . . 273.
- CAP. L. *Dos Collegios,* . . . . . 274.
- CAP. LI. *Dos cargos, e principaes dignidades do Imperio Ottomano do Grão-Senhor,* . . . . . 276.
- CAP. LII. *Dos Kulsos,* . . . . . 278.
- CAP. LIII. *Do Serralho,* . . . . . 279.
- CAP. LIV. *Descripção do Serralho de Constantinopla,* . . . . . 289.
- CAP. LV. *Das Sultanas,* . . . . . 298.
- CAP. LVI. *Dos Eunuchos,* . . . . . 308.
- CAP. LVII. *Ichoglanos,* . . . . . 310.
- CAP. LVIII. *Mudos, e Naims,* . . . . . 323.
- CAP. LIX. *Dos Vizires,* . . . . . 325.
- CAP. LX. *Dos Bachás,* . . . . . 334.
- CAP. LXI. *Os Berglerbeys,* . . . . . 342.
- CAP. LXII. *Dos Beys,* . . . . . 347.
- CAP. LXIII. *Reis-Effandy,* . . . . . 348.
- CAP. LXIV. *O Tefterdar,* . . . . . 349.
- CAP. LXV. *De outros respeitaveis cargos do Imperio,* . . . . . 351.
- CAP. LXVI. *De alguns usos parti-*  
ti-

DOS CAPITULOS. 381

*ticulares na Corte Ottomana,*

367.

CAP. LXVII. *Da maneira de receber os Embaixadores na Turquia,*

371.

Cartas de D. João de Castro

367.

CAP. LXV. Da maneira de fazer

os mapas e cartas de marear

371.

372.

373.

374.

CAP. LXVI. Da maneira de fazer

os mapas e cartas de marear

375.

376.

377.

378.

379.

380.

381.

382.

383.

384.

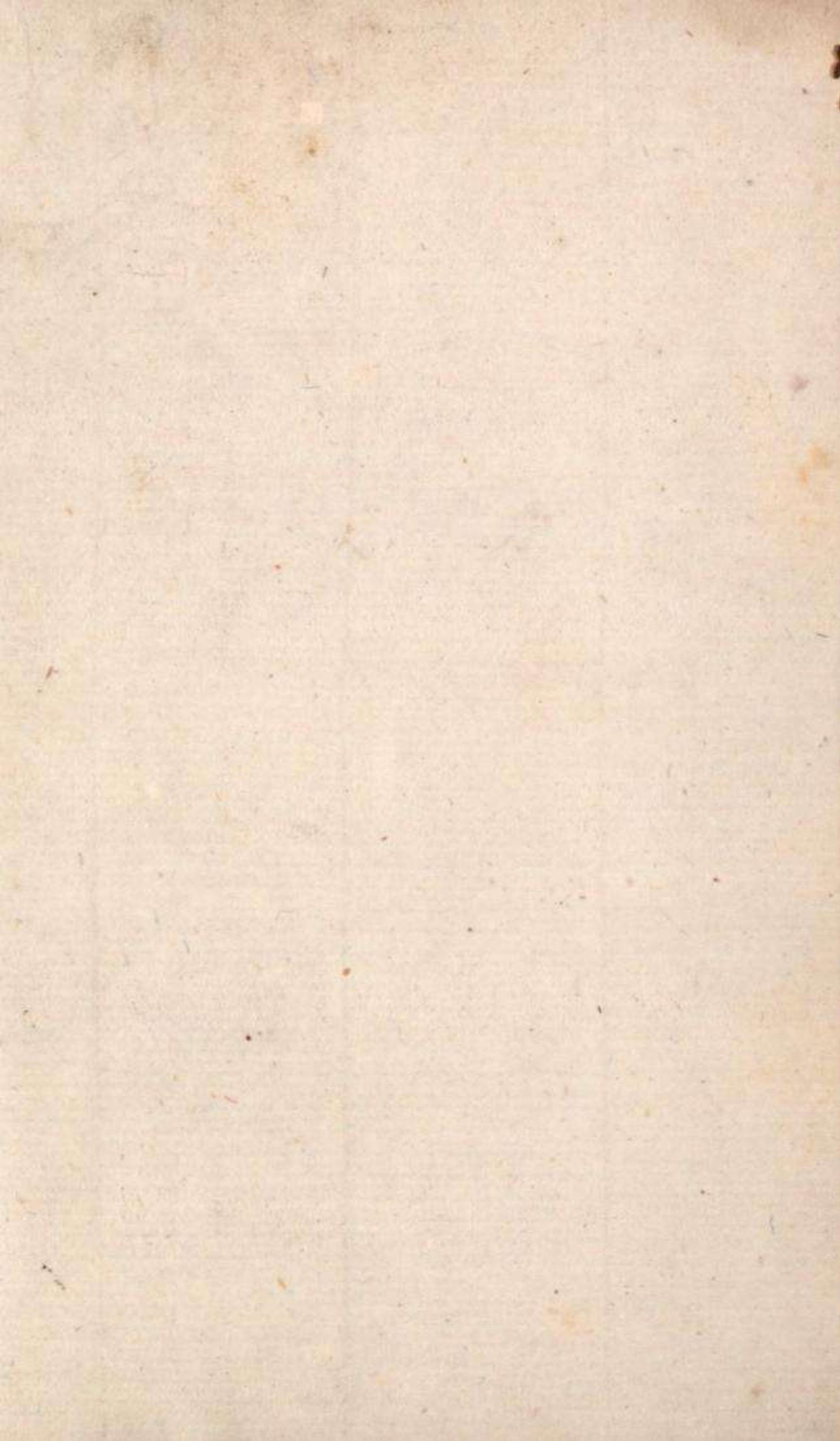
385.

386.

387.

388.

389.







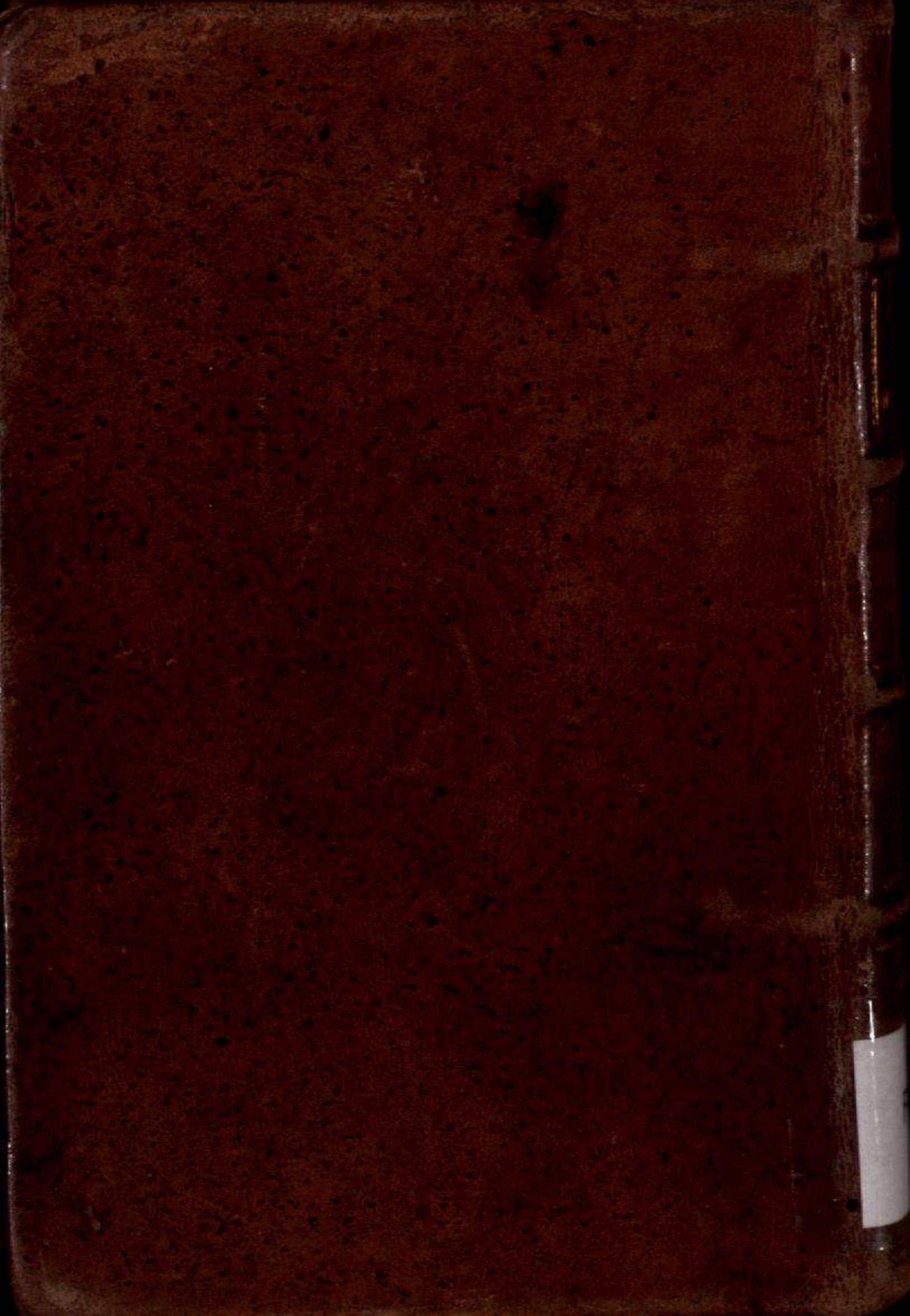
Handwritten text, possibly a name or address, at the top of the page.

Large, stylized handwritten signature or name in the center of the page.

Handwritten text at the bottom of the page, possibly a date or a note.

Small handwritten mark or signature at the bottom right corner.





V I D A  
D E  
M A N O M E

FPT 84